

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 59 - Série VII - N.º 818  
31 de Agosto de 1989  
Preço: 60\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22/25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

# Reunião do Comité Central analisou a actualidade política e as eleições autárquicas

Págs. 1, 2 e 3/Semana



**Cantar português**

8-9-10  
SET-89

## Em Foco

# Pelo Chiado e por Lisboa



## Salários na primeira linha das lutas sindicais

- Embora as lutas por aumentos salariais tenham êxito em muitos casos, a CGTP-IN sublinha o seu apelo à luta por revisões intercalares
- STCP: gestores do PSD responsáveis pela prolongada greve (mais de 60 dias) nos Transportes Colectivos do Porto. Camaradas pronunciam-se sobre a luta, em encontro com o «Avante!»
- Incapacidade negocial do Governo põe de novo a luta no horizonte da Função Pública
- Incremento da sindicalização (cívil) nas Forças Armadas

Págs. 4 e 5/Semana

# Editorial

Avante!

Ano 59 — Série VII  
N.º 818  
31 de Agosto de 1989  
1.º Caderno  
Não pode ser vendido  
separadamente

## A actualidade política e o PCP

A história não vai com todas as probabilidade registrar para Portugal neste singular ano de 1989 nenhum Outono, nenhum Inverno, nenhuma Primavera ou nenhum Verão «quentes» em particular.

O que registará de facto «quente» em todas as estações do ano, desde o primeiro dia até ao cair da última folha do calendário é a situação política nacional. Um ano inteiro de política «quente» — eis uma das singularidades deste «ano da graça» de 1989.

Visivelmente encarolado — todos o vimos no pequeno «ecran» da TV — o Prof. Cavaco Silva, chefe do PSD e Primeiro-Ministro do primeiro governo «constitucional», maioritário e unipartidário da direita restauracionista desde o 25 de Abril, proferiu, à beira das salsas ondas da bela orla marítima do Sotavento algarvio, um discurso que ele — viu-se — pretendeu ser de antologia, carregadíssimo de cocachismo, de profetismo, de anatematismo.

Afinal saiu-lhe de antologia, sim, mas do disparate. O que conseguiu legar para a posteridade, se a posteridade vier a lembrar-se da «feméride» não foi um quadro da história mas da história de uma direita possessa de furor que vê o terreno fugir-lhe debaixo dos pés.

O Prof. Cavaco Silva, principal estratega do PSD, que provocou a ruptura do chamado «bloco central», abençoou também depois disso a estafanada teoria da bipolarização política nacional em que depositou, digamos que com razão, fundadas esperanças de permanente derrota do PS na disputa do Poder.

De um PS cabeça de uma oposição acomodaticia no outro «pólo» que lhe permitia já levar a bom termo a sua «reforma das reformas» — a Revisão da Constituição — incontestavelmente favorável ao projecto restauracionista da direita.

No discurso de Faro o Prof. Cavaco mostrou verdadeiramente a sua perturbação pelos insucessos e a impopularidade da sua política e do seu Governo, mostrou como o enervam e descontrolam os efeitos contraditórios do seu projecto de restauração do capitalismo monopolista de Estado, mostrou a quem o quis ouvir e ver como o desviam da realidade nacional objectiva o tecnocracismo e o «macroeconomismo» cavaco-cadilhistas.

A causa à vista do destemperado enervamento e descontrolo do Primeiro-Ministro em Faro foi um fantasmagórico «acordo secreto», que ele garante de fonte segura ter sido selado entre o PS e o PCP — tendo por eminência parda (nas insinuações do «barão» do PSD do Algarve, Mendes Bota, do «barão» do PSD da Madeira, Alberto João Jardim, e de um dos «barões» do PSD do Norte) o Presidente da República Mário Soares.

O «acordo secreto» não visaria apenas a conquista do primeiro município do País, Lisboa,

mas a própria conquista e repartição do Poder nas legislativas de 1991!

Cavaco Silva, o Chefe, não sabe perder e quando perde ou presente a derrota perde também o trambelho e diz disparates e afunda-se no ridículo como agora aconteceu em Faro.

Mas o destempero do Primeiro-Ministro tem também claramente uma outra causa oculta: os insucessos da sua política económica e social, a resposta de massas de vastos sectores da sociedade portuguesa à sua política antipopular, as inequívocas manifestações de degradação generalizada que minam a governação cavacista, «a acentuada erosão da base de apoio do Governo» — como é dito no Comunicado de anteontem do Comité Central do PCP que noutra lugar publicamos.

Trabalhadores da administração do Estado e do Poder Local, das empresas de transportes, bancários, professores e outros sectores profissionais; os agricultores do Oeste, os produtores de arroz do Baixo Mondego, os vinicultores; os eleitos autárquicos que protestam contra a lei da tutela que acaba de ser promulgada empenham-se em lutas de grande amplitude e notável combatividade por objectivos concretos e reivindicados profundamente sentidas.

A contestação popular à política do Governo, a redução efectiva da sua base de apoio, «medida» de certo modo nas eleições de 18 de Junho para o Parlamento Europeu, são sem dúvida outras das causas das descontroladas falas do Primeiro Ministro em Faro.

Mas é sobretudo, a perspectiva de um entendimento mais amplo, da convergência, da acção comum e da unidade das forças democráticas e dos sectores sociais atingidos pela sua política o que mais inquieta e perturba o cavacismo governante.

A formação da coligação «Por Lisboa» (constituída entre o PCP, o PS, o PEV e o MDP e que está atraindo outras forças democráticas da esquerda que, apesar da abertura do PCP, não puderam ser incluídas na coligação) alarmou profundamente as forças de direita no terreno político, assim como o alargamento da unidade dos trabalhos e a crescente expressão da vontade de luta de amplos sectores face à política do Governo, as alarma no plano social.

O reagrupamento das forças da direita para a disputa da autarquia de Lisboa reflecte por um lado, as fraquezas do governo e do PSD, por outro o temor de uma grave derrota na capital do País com todas as repercussões no plano nacional.

A reconstituição da «AD» em Lisboa efectuada num clima de aceras rivalidades no seio da direita entre o CDS e o PSD, obedece àquelas determinantes.

O discurso de Cavaco Silva combina uma ine-

gável tonalidade autoritária com um primário chantagismo anticomunista que oferece aos sociais-democratas que se prezam da democracia e da liberdade — e muitos são — interessante matéria de reflexão sobre o pensamento e a prática política do Chefe do PSD que têm.

O espantallo do «PCP na área do Poder pela mão do PS» agitado pelo Primeiro Ministro é uma cena de ópera cómica. Lá vem o esconchavado ápodo de estalinista do PCP. O «Fujam que aí vêm os vermelhos pelo braço dos socialistas!» do escrito de um cronista político de um vespertino lisboeta é uma caricatura verídica e feliz do histerismo de Cavaco.

As considerações cavacistas acerca de «quem se movimentou e que pressões foram exercidas sobre os jornais e jornalistas para calar a voz do Bispo de Bragança» são perfeitamente ridículas.

A chantagem do cancelamento de «alguns grandes investimentos estrangeiros» para Setúbal «se os comunistas ganharem» na capital do Sado, além de falsificar a realidade do trato dos investidores nos concelhos dirigidos pela CDU no próprio distrito de Setúbal, deve fazer meditar os empresários portugueses que se interrogam alarmados com a invasão de capitais estrangeiros que lhes roubam o terreno de iniciativa e sobre quem está na origem desse indiscriminado afluxo de dinheiros estrangeiros que não tem por objecto ajudar a vencer o nosso atraso produtivo e tecnológico mas simplesmente a caça ao lucro máximo.

O Comunicado do Comité Central do PCP, reunido anteontem, resume o exame da situação política, económica e social do País e da preparação das eleições autárquicas de Dezembro pelo Plenário do CC ao mesmo tempo que põe o acento nas tarefas relativas à realização da Festa do «Avante!» nos próximos dias 8, 9 e 10 de Setembro.

É um documento que ajuda a compreender com justeza o desenvolvimento da situação nacional das últimas semanas, que denuncia os actos e a orientação do Governo PSD/Cavaco Silva para as questões mais candentes da vida nacional para as quais nenhuma ajustada solução aos interesses fundamentais do Povo e do País tem sido dada pelos actuais governantes.

O Comunicado sublinha que a crescente degradação da imagem do Governo não se extingue com uma simples remodelação governamental nem com a saída de tal ou tais ministros. Uma viragem na situação actual só é possível com uma decidida alteração dos dados do problema, acabando com o império governativo do PSD e do seu chefe, viabilizando uma verdadeira

alternativa de política e de Governo à direita governante.

O Comité Central assinala o facto de os dados económicos e os acontecimentos sociais mais recentes justificarem as apreensões repetidamente manifestadas pelo PCP.

Sob a dinâmica das reprivatizações dos sectores básicos nacionalizados da economia nacional e da liquidação da Reforma Agrária reaparecem na sua versão actualizada todas as velhas taras do capitalismo monopolista de Estado e do latifundismo que o processo da Revolução de Abril extinguiu no essencial.

O agravamento da exploração dos trabalhadores, o aumento da precariedade do trabalho, a drástica redução dos direitos e garantias sociais, a quebra do poder de compra dos salários, as novas ameaças de aumento do desemprego, são aspectos salientes da política social do Governo.

A especulação financeira sob o signo das reprivatizações; as operações bolsistas manobradas por grupos estrangeiros especializados que obtêm superlucros no nosso mercado accionista; a intensificação das negociações bolsistas sob a cortina do «capitalismo popular»; a alta corrupção e os escândalos financeiros principalmente em torno das aplicações dos «fundos» da CEE e das operações dos grupos de pressão do capital privado junto de departamentos ministeriais (como os casos da Saúde e da Agricultura); a acelerada aquisição de empresas e terras pelo capital estrangeiro; o agravamento da nossa dependência económica face ao estrangeiro em particular do nosso défice alimentar; o esmagamento das pequenas e médias explorações agrícolas industriais e comerciais pela acção das transnacionais e dos seus testas de ferro em Portugal, estão criando situações altamente preocupantes na vida e nas actividades nacionais.

A batalha das eleições autárquicas não poderá deixar de reflectir toda esta conjuntura política nem deixar de representar um confronto de projectos e experiências do Poder Local de enorme importância na luta pela vitória da coligação «Por Lisboa» na capital do País e de confirmação, reforço e alargamento das posições da Coligação Democrática Unitária no plano nacional.

A Festa do «Avante!», que mereceu uma atenção particular do Comité Central, será, após as férias estivais, uma grande afirmação cultural, sociológica e política democrática e internacionalista aberta do PCP que não pode ser indiferente aos portugueses amigos da cultura e da arte, à juventude, a todos os progressistas.

O grande Comício da Festa não somente afirmará a indefectível condição democrática do PCP como dará uma resposta aos grandes problemas políticos dos dias actuais.

## Resumo

### 23 Quarta-feira

Delegações do PCP e do PPM reúnem-se para uma troca de impressões sobre Lisboa, no âmbito dos contactos que ambos os partidos vêm desenvolvendo com vista às eleições autárquicas. ■ É aumentado o pré do soldado português para cinco contos e duzentos escudos. ■ A Associação Portuguesa de Livres manifestava a sua oposição face à deliberação do Governo que fixa margens máximas de comercialização dos livros escolares, permitindo a sua venda em supermercados. ■ O *Pravda* publica um violento artigo de crítica aos dirigentes do movimento lituano «Sajudis», acusando-os de utilizarem na imprensa «independente» um vocabulário repleto de insultos contra a população não lituana e de tratarem a URSS como um «império». ■ Lech Walesa afirma ter recusado subir ao cargo de primeiro-ministro por recear que a experiência do Poder venha a tornar o Solidariedade impopular. ■ A cimeira de Harare confirma a validade dos acordos de Gbadolite e sublinha que o afastamento de Savimbi foi um dos aspectos fundamentais do encontro. ■ Morre o escritor João Palma-Ferreira, antigo presidente da administração da RTP e do Instituto Português do Património Cultural.



o local é visitado por representantes da coligação «Por Lisboa» que foram acompanhados pelos arquitectos Siza Vieira, Silva Dias e Vítor Ferreira. ■ A CDU entrega no Tribunal Constitucional, para anotação, a nova sigla e o novo símbolo da coligação. ■ O primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki, pede aos Estados Unidos auxílio rápido para ajudar a resolver os problemas da Polónia. ■ Os presidentes do Zaire e da África do Sul, reunidos em Goma, consideram «a paz e estabilidade indispensáveis para o desenvolvimento da região», ao debaterem o processo de paz em Angola. ■ É confirmada a presença de mercenários ingleses e israelitas em território colombiano para treinar elementos ligados aos traficantes de droga daquele país. ■ Falece Norberto Lopes aos 88 anos de idade, jornalista, licenciado em Direito, profissão que exerceu durante 67 anos em vários jornais.

### 24 Quinta-feira

O vice-presidente do PSD, Eurico de Melo, recebe o presidente do PPM, Augusto Ferreira do Amaral, para negociações interpartidárias sobre a Câmara de Lisboa. ■ A Confederação do Comércio Portuguesa critica em comunicado as recentes medidas do Governo sobre o comércio de automóveis e de vinhos que considera «facetas inesperadas de interven-



cionismo». ■ Delegações do PCP e do PRD reúnem-se para debater aspectos relacionados com as autárquicas e as próximas eleições. ■ A Frente Comum de Sindicatos da Função Pública chumba a proposta do Governo de um aumento salarial de 10,5 por cento para vigorar até ao fim do ano que vem. ■ Tadeusz Mazowiecki é confirmado como primeiro-ministro da Polónia por uma esmagadora maioria do Parlamento. ■ Traficantes de droga atacam à bomba as sedes de dois partidos em Medellín e incendiam as residências de dois dirigentes políticos.

### 25 Sexta-feira

Faz hoje um ano que o Chiado foi consumido por um violento incêndio;

### 26 Sábado

O Gabinete de Imprensa do PCP desmente notícias segundo as quais teria oferecido lugares de deputados aos populares-monárquicos, acentuando que o Partido tem mantido contactos como PPM essencialmente na esfera autárquica. ■ O Comité Central do PCUS avisa as repúblicas do Báltico a propósito das manifestações nacionalistas que aí decorreram, denunciando a acção das «forças destrutivas anti-soviéticas e anti-socialistas». ■ O Presidente norte-americano George Bush e o seu homólogo francês, François Mitterrand manifestam numa conversa telefónica o seu apoio mútuo à Polónia; Lech Walesa apela, por seu turno, à população do país para se abster do recurso à greve nos próximos seis meses ou um ano, de forma a que o novo Governo possa ter êxito. ■ A UNITA anuncia a convocação de um congresso extraordinário para 25 de Setembro recusando-se, até lá, a continuar as negociações de paz em Angola.

### 27 Domingo

PCP reage ao discurso de Cavaco Silva em Faro, desmentindo qualquer acordo secreto com o PS «designadamente de âmbito governamental».

■ PSD continua negociações com o PPM orientados para conseguir um acordo apresentar uma lista comum às autárquicas em Lisboa. ■ Realiza-se o VII Encontro — Festa das Vindimas, organizado pelos sindicatos dos trabalhadores agrícolas de Vila Real, Bragança, Guarda e Viseu e pela COSANC, onde estão em debate as reivindicações prioritárias na próxima campanha das vindimas para o Norte e Centro do país. ■ O chefe da UNITA, Jonas Savimbi, é chamado a Pretória pelo presidente interino da África do Sul Frederik de Klerk, com quem mantém conversações sobre a paz em Angola, após as quais afirma estar disposto a retomar conversações com o Governo de Luanda.

### 28 Segunda-feira

Presidentes de câmaras municipais do PCP e do PS manifestam descontentamento face à promulgação pelo Presidente da República da lei da tutela administrativa das autarquias locais. ■ Rui Godinho, número dois da Coligação «Por Lisboa», encontra-se com Gonçalo Ribeiro Telles, e salienta a existência de pontos de vista e ideias coincidentes sobre Lisboa. ■ Um porta-voz do Vaticano anuncia que o Papa João Paulo II vai visitar a 12 de Outubro o território ocupado de Timor-Leste. ■ O chefe de Estado da Zâmbia, Kenneth Kaunda, e o presidente interino da África do Sul, Frederik de Klerk, debatem em Livingstone a situação em Angola e o apartheid. ■ Uma série de explosões abala diversas instituições bancárias, na pior vaga de atentados dos últimos anos em Medellín, base da principal rede de tráfico de cocaína da Colômbia.

### 29 Terça-feira

O Comité Central do PCP reúne-se para discutir, entre outros pontos, a preparação das próximas eleições autárquicas. ■ O PS desafia o Primeiro-Ministro a apresentar provas públicas das afirmações que produziu em Faro, nomeadamente acerca da existência de um acordo secreto de âmbito governamental entre o PS e o PCP. ■ Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações decidem convocar uma greve de três dias por terem chegado a acordo com a administração sobre um aumento salarial de 11 por cento. ■ O Ministério da Administração Interna anuncia que Portugal vai ter elementos das forças e serviços de segurança formados na Academia do FBI. ■ A CGTP em reunião da Comissão Executiva aceita encontrar-se a alto nível com os dirigentes da UGT. ■ Os partidos comunistas das repúblicas soviéticas bálticas apoiam a nota de preocupação do CC do PCUS sobre a situação naquela região. ■ A artilharia síria bombardeia um navio-tanque que transportava gasolina para o enclave cristão no Líbano. ■

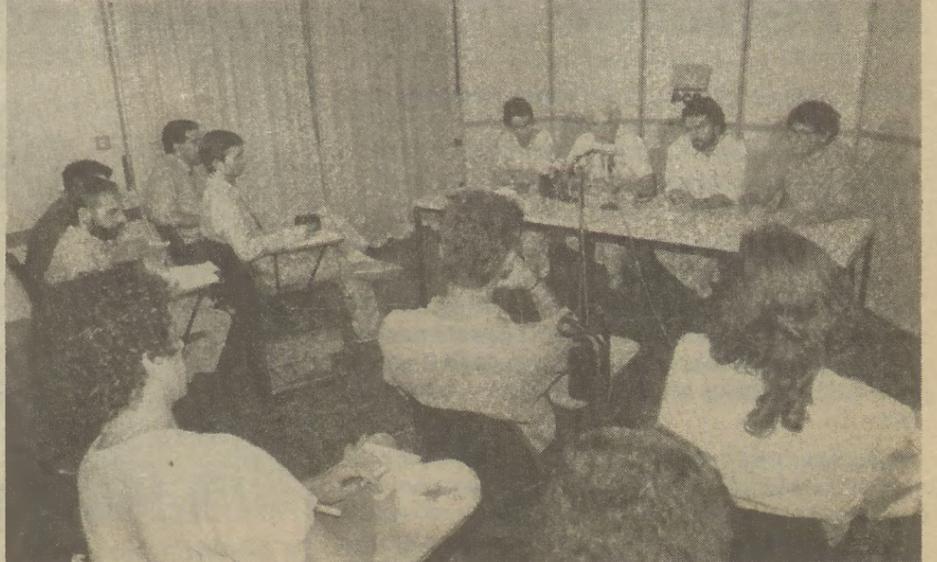
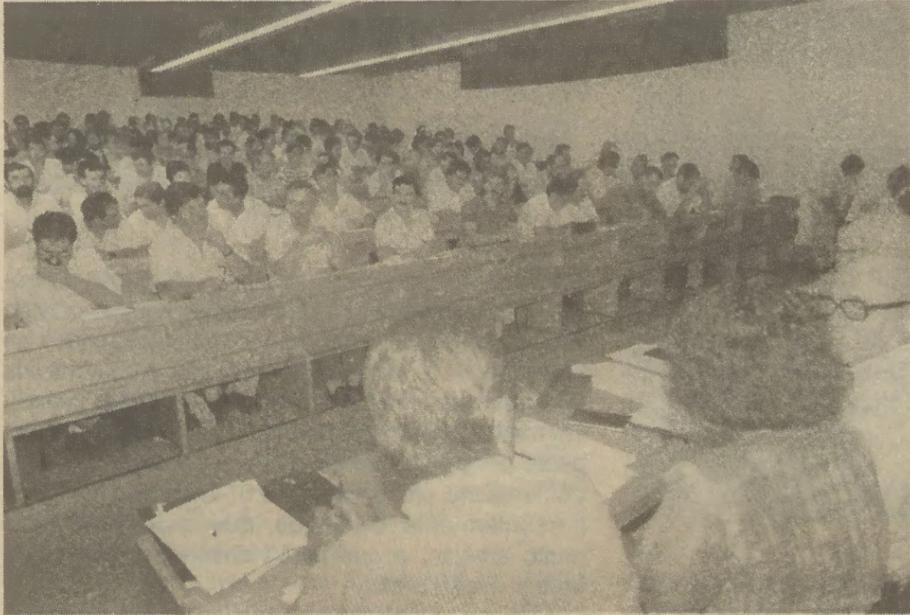
Avante!

Propaganda de todos os países UNI-VOS  
**O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo**  
Propriedade: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa  
CODIEX. Tel. 76 83 45  
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa  
CODIEX  
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º — 1000 Lisboa  
DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, S.A.R.L. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º — 1000 Lisboa  
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17  
Casa da Venda em Lisboa: Rua do Sécuro, 90 — 1200 Lisboa  
Tel. 32 19 16  
ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º — 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 — Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44  
ALTERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA: Tel. 90 00 44  
Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto  
Tel. 69 39 06/69 96 15  
Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra  
Tel. 28394

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B — 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50  
Porto — Rua do Almada, 18-2.º, Esq.º — 4000 Porto. Tel. 38 10 67  
Composto e Impressão na Heka Portuguesa — R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal n.º 205/88



Em conferência de imprensa o camarada Álvaro Cunhal, acompanhado de José Casanova, Luís Sá e Vítor Dias, apresentou as conclusões da reunião do Comité Central do PCP de 29 de Agosto

## Reunião do Comité Central

Para analisar os desenvolvimentos mais recentes da situação política, económica e social, a preparação das eleições autárquicas e a próxima realização da Festa do «Avante!», reuniu anteontem em plenário o Comité Central do PCP.

Numa conferência de imprensa realizada ao fim da tarde o secretário-geral do Partido deu uma breve informação sobre os trabalhos da reunião do CC.

Álvaro Cunhal, que estava acompanhado pelos camaradas Luís Sá e José Casanova, do Executivo da Comissão Política, e Vítor Dias, do CC, começou por referir «alguns aspectos característicos da situação actual» analisados na reunião.

«Um primeiro aspecto sujeito a exame — disse — foi a aceleração da ofensiva contra as grandes conquistas do povo português alcançadas com a revolução de Abril», que conta após a revisão constitucional com «novos e importantes meios». O CC sublinhou «a gravidade das recentes privatizações parciais».

Os mais recentes dados económicos confirmam — na análise do Comité Central — que fracassaram a política e as previsões do Governo e que tinham «sólido fundamento» as apreensões repetidamente manifestadas pelo PCP. Álvaro Cunhal referiu a gravidade da evolução da inflação (12,8% de Janeiro a Julho em comparação com idêntico período de 1988), afirmando que o PCP «reclama medidas urgentes tendentes à reposição do poder de compra das classes e camadas sociais mais afectadas».

«O Governo — alertou o secretário-geral do Partido — continua a não dar soluções aos problemas estruturais da economia portuguesa», o que tem como consequência o agravamento do desequilíbrio nas trocas exteriores, «com

particular relevo para o défice da balança agro-alimentar, tanto mais grave quanto a produção nacional — como é o caso da maçã, pera, laranja, melão, banana da Madeira — está por escoar e apodrece nos campos».

Quanto à «tão decantada propaganda» do investimento estrangeiro, o CC do PCP sublinhou — disse Álvaro Cunhal aos jornalistas — que ele se concentra «em grande medida na aquisição e tomada de posição em empresas já existentes e raramente no desenvolvimento do aparelho produtivo».

Referindo-se à lei da tutela administrativa das autarquias locais, o secretário-geral do PCP — depois de considerar que a sua promulgação pelo PR «não serve o regime democrático» — afirmou que esse diploma e a súbita guerrilha movida no PSD, por motivo do acordo PS/PCP para a Câmara de Lisboa, contra o Presidente da República, «indicam o propósito totalitário de governamentalizar as instituições».

«Com vista à dinamização da campanha» eleitoral, o CC anunciou a realização no dia 8 de Outubro de um Encontro Nacional do PCP sobre as eleições autárquicas — informou Álvaro Cunhal, depois de referir que o Comité Central «reafirmou o objectivo de apresentar listas da Coligação Democrática Unitária a todos os municípios e ao maior número possível de freguesias, com excepção daqueles em que se verifiquem eventuais coligações alargadas a outras forças democráticas».

Reprovando «vivamente» a

lei que imporá a mudança de sigla e símbolo da Coligação Democrática Unitária, o CC apela «a todas as organizações e militantes para a mais ampla divulgação da nova sigla e símbolo».

Considerando «de alto significado» a constituição da coligação «Por Lisboa», Álvaro Cunhal comentou «as recentes e inteiramente falsas afir-

mações do Primeiro-Ministro» no comício de Faro do PSD: «mostram o medo, o nervosismo e o descontrolo da direita face a um entendimento, embora limitado, das forças democráticas e à perspectiva de uma séria derrota do PSD e do Governo nas próximas eleições autárquicas».

Relativamente à Festa do «Avante!», marcada para 8, 9

e 10 de Setembro, o CC — disse Álvaro Cunhal — «apreciou o magnífico esforço militante de milhares de membros do Partido que estão erguendo as imensas estruturas da Festa» e apelou para «um esforço final» de militantes e simpatizantes nos poucos dias que faltam, manifestando-se certo de que uma vez mais a Festa do «Avante!» será um

lugar de encontro, de confraternização, de arte, de lazer de centenas de milhares de jovens, de trabalhadores, de democratas, independentemente das suas opções políticas e partidárias» e «será uma afirmação da intervenção, da força e do papel insubstituível do PCP na vida nacional e da força e dos valores da democracia portuguesa».

Depois da declaração inicial, Álvaro Cunhal respondeu na conferência de imprensa de terça-feira à tarde às perguntas colocadas pelos jornalistas.

A maioria das questões referiu-se, como seria de esperar, às próximas eleições autárquicas — questão que, como outros aspectos da situação política, é desenvolvida no documento aprovado pelo CC e que publicamos nas páginas seguintes.

Em discurso directo, deixamos aqui algumas das respostas do secretário-geral do PCP aos profissionais da comunicação social.

### Repercussões do acordo PS/PCP/MDP/PEV

«Naturalmente que, havendo o acordo para a Câmara de Lisboa entre o Partido Socialista e o Partido Comunista, isto representa uma modificação dos termos de relacionamento. Não há dúvida nenhuma de que o relacionamento que permite estabelecer esta coligação nos termos em que foi estabelecida é um relacionamento muito diferente de momentos em que havia uma polémica muito viva entre o Partido Comunista e o Partido Socialista na política nacional. Isto amortece naturalmente as contradições, leva sem dúvida a uma reflexão nova sobre as possibilidades de entendimento em várias áreas e creio que descongestiona o ambiente muito tenso que existiu por vezes no campo democrático.

Esta coligação abriu possibilidades de um muito maior intercâmbio de opiniões entre os partidos democráticos e até com partidos que se situam numa área indecisa, como é o caso do PPM. Reparem que se realizou aqui, no centro de trabalho do PCP, um encontro de delegações do PPM e do Comité Central do Partido Comunista Português para considerar esta questão das autarquias — apesar de o PPM agora se ir situar na coligação da direita para a Câmara de Lisboa. Isto mostra que no relacionamento entre os vários partidos há uma situação nova, que facilita efectivamente o intercâmbio de opiniões e pensamos que isso é positivo na democracia portuguesa.»

### Cavaco Silva e o acordo secreto

«É um escândalo político que deveria envergonhar o dirigente do Governo do nosso País. Aliás, como tive ocasião de dizer, esse discurso é caracterizado por uma linguagem a que estivemos habituados durante muitos anos antes do 25 de Abril. Mas que depois do 25 de Abril uma pessoa responsável do Governo se atreva a usar essa linguagem primitiva é triste para todos os portugueses.»

### Timor-Leste e a próxima visita do Papa

«Portugal tem obrigações, e os portugueses têm obrigações, em relação ao povo maubere. Tudo quanto seja para defender o direito desse povo à autodeterminação e à independência — que aliás foi consagrado na Constituição da República Portuguesa como um dever do Estado português — deve ser feito. Iniciativas que possam reforçar a ocupação pela Indonésia do território de Timor pensamos que não são ajustáveis a um tal objectivo, que coincide com as aspirações e os deveres dos portugueses.»

### Comunistas e investimento estrangeiro

«Precisamente no distrito de Setúbal há grandes investimentos estrangeiros em concelhos onde há uma gestão comunista. É o caso da Ford em Palmela, é o caso da Firestone em Alcochete, é o caso do parque tecnológico em Almada... Ao passo que no concelho de Setúbal há uma estagnação do investimento. O senhor Primeiro-Ministro parece procurar iludir-se a si próprio e iludir os portugueses. Não tem sido, em Setúbal, a gestão comunista nas câmaras municipais que tem afastado o investimento estrangeiro, como se vê por estes exemplos, que não são pequenos exemplos.»

## O rebelde

Marcelo Rebelo de Sousa tem o grande talento de ser. A generalidade das pessoas contenta-se em existir, vivendo — Marcelo é. Ou foi. Ou será. Por isso nunca, mas nunca, deixa de ser o que é: Marcelo. Rebelo. E de Sousa.

O que Marcelo é, di-lo o «Expresso» numa admirável entrevista de sete páginas publicada a semana passada, em «lead» igualmente admirável: ele é «dialéctico, sintético, espectacular». O que Marcelo foi, di-lo a memória dos portugueses, quicá do País, ainda e sempre lembrados de tão extraordinária capacidade de ser.

Ele foi (como esquecê-lo?) o criador do «facto político». Hoje é uma banalidade. Na altura, uma revolução. Ou mais precisamente uma contra-revolução, que era para isso que servia. Ao pé deles, do facto político e do seu criador, as reportagens do Nuno Rocha não passavam de sopa de letras, apesar de às vezes conseguirem descrever minuciosamente reuniões militares que não existiam. O «facto político» de Marcelo existia sempre, não por ser **facto** (que de facto nunca era), mas por ser político. Consumava assim e além do mais a vitória do adjectivo sobre a matéria.

Mas foi mais coisas, o Marcelo.

Ora comentador político ora ministro, agora jurista a seguir manifestante de rua, Marcelo experimentou o poder e o seu afrontamento, o frémio das massas em movimento e o requinte do «jet-set», circulando em todo o lado com o à-vontade da sua enorme capacidade de ser. Por isso ele foi tão facilmente manifestante anti-aborto como introdutor da moda dos chapéus de chuva às riscas, para só darmos dois exemplos do acervo que qualquer de nós poderia convocar.

Só que Marcelo não se limita a ser ou a ter sido — ele agora também **quer ser**. E quere-o em relação ao passado, ao presente e ao futuro, como magnificamente declarou à referida entrevista do «Expresso».

Quanto ao passado, «quis sempre ser um rebelde». Repare-se que não quis ser bombeiro ou astronauta, futebolista ou até polícia para passar multas, como o professor Freitas do Amaral. O luzir da farda, o corpo da aventura ou o acto de poder não seduziam Marcelo, já em criança — a vida, nele, despontou logo a propensão para o conceito em detrimento do facto (não político), pondo-o, de calções, a desejar uma definição em vez duma profissão. Ora, por definição, rebelde é quem se levanta contra a autoridade legítima ou constituída, irmanando no acto gente tão diferente como a geração de 70 ou a Maria da Fonte, Afonso Henriques ou os capitães de Abril, os republicanos de 1910 ou os antifascistas do regime salazarista, Van Gogh ou os «sans-coulottes», Sebastian Bach ou Lénine. Entretanto, como rebelde, Marcelo Rebelo de Sousa tem «uma biblioteca de madeiras escuras e um óleo do novíssimo lente com o traje académico», «uma garagem com um carro de colecção» e «pratica aikido e fins de semana no Algarve», por ser um rebelde que também é «um solitário por convicção».

Não há dúvida que se Marcelo «quis sempre ser um rebelde» vai ter de continuar a querê-lo, mas com um bocadinho mais de empenhamento, já agora... Mas presentemente ele quer ser outras coisas algumas bastante vagas e contraditórias, por sinal, como a de se tornar o modificador da política de destruição da cidade de Lisboa prosseguida há oito anos pelo engenheiro Abecasis contando, exactamente, com o apoio do mesmo engenheiro Abecasis. Mas isto se calhar nem chega a ser um facto político, pelo que registamos o que, de concreto ele quer ser e de facto já é — o candidato da direita à gestão da Câmara Municipal de Lisboa, nas próximas eleições autárquicas.

Para isso ele quer ser, naturalmente, ainda outra coisa: presidente da Câmara Municipal da capital. Só que aí está com azar. É que o povo de Lisboa, embora nunca manifestasse querer ser qualquer coisa de especial, quando lhe dá para ser rebelde não há, de facto, quem o segure. E se o Marcelo não acredita no Fernão Lopes, deixe-se estar e verá!

■ H.C.

# Comunicado do Comité Central do PCP sobre Questões da actualidade política e as eleições autárquicas

O Comité Central do PCP examinou os desenvolvimentos mais recentes da situação política, económica e social do País, a preparação das eleições autárquicas de Dezembro, e as tarefas relativas à próxima realização da Festa do «Avante!».

## 1

A evolução recente da situação política do País é marcada por uma nova e mais acentuada erosão da base de apoio do Governo, por visíveis e crescentes expressões de descontentamento de vastos sectores sociais, pelo prosseguimento da ofensiva contra características essenciais do regime nascido do 25 de Abril, por importantes lutas de massas que assumem particular significado, reforçado pela época do ano em que se verificam, pelo alargamento das aspirações unitárias entre os trabalhadores e as populações.

A recente entrada em vigor da lei da revisão constitucional representa um novo factor de estímulo ao recrudescimento da ofensiva da direita, à qual fornece importantes meios designadamente para a aceleração do processo de restauração do capitalismo monopolista de Estado e da concentração e centralização do capital, de restauração do latifúndio, do controlo da comunicação social pelo grande capital e de limitação da democraticidade do sistema eleitoral.

O Comité Central saúda e manifesta a sua solidariedade aos sectores em luta (Administração Central, Regional e Local, professores, trabalhadores das empresas de transportes, bancários, trabalhadores dos CTT, agricultores do Oeste, produtores de arroz do Baixo Mondego, trabalhadores agrícolas do Douro, eleitos autárquicos, em especial contra a lei de tutela, etc.) e apela para o prosseguimento e intensificação da luta com vista à obtenção dos objectivos concretos reivindicados e ao seu aprofundamento e unificação visando a construção de uma alternativa democrática ao Governo PSD/Cavaco Silva.

O Comité Central salienta o papel da CGTP-IN na dinamização da luta em defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores e no reforço da sua unidade e sublinha a importância da Conferência da Reforma Agrária, que se realizará em 30 de Setembro e 1 de Outubro, na resistência à ofensiva contra esta conquista da Revolução, e pelo desenvolvimento da agricultura.

O Comité Central responsabiliza o Governo e o patronato pela falta de vontade de diálogo, pela intransigência face a problemas e legítimas reivindicações de sectores sociais em luta e pela aplicação que começa a ser feita da lei dos despedimentos, conduzindo assim à agudização de conflitos e tensões de que assumem a inteira responsabilidade.

Reflectindo a impopularidade e degradação da imagem do Governo têm-se multiplicado as referências a uma possível remodelação ministerial, sendo cada vez mais frequente a sua defesa por sectores de direita que têm apoiado o PSD, o seu Primeiro-Ministro e o Governo. O Comité Central chama a atenção, entretanto, para o facto de que o fracasso do Governo e a incompatibilidade das suas orientações e medidas com os interesses das diversas camadas sociais não se devem tanto às características pessoais de ministros ou secretários de Estado, como às opções de fundo e à

natureza de classe da política que adopta. Entretanto, uma eventual remodelação ministerial não deixará de traduzir também o fracasso político do Governo e o reconhecimento da amplitude da oposição popular, sobretudo por abranger previsivelmente figuras representativas e responsáveis pelas principais orientações do Governo, designadamente no plano económico, financeiro e social, particularmente da saúde, que suscitaram lutas muito amplas, e que estão envolvidos em importantes escândalos.

Mas o Comité Central não pode deixar de sublinhar que uma eventual remodelação não constitui um motivo de esperança na resolução dos problemas nacionais ou de rectificação das orientações globais e sectoriais do Governo contrárias às aspirações populares. Mesmo após uma remodelação, o Governo Cavaco Silva continuará a política favorável ao grande capital e a sua ofensiva contra as conquistas democráticas. Para abrir caminho à solução dos problemas nacionais, o que se impõe, como objectivo e perspectiva de luta, é a substituição do Governo PSD/Cavaco Silva por um governo democrático.

O Comité Central considera significativo o facto de o PSD, com a manifesta cobertura do Primeiro Ministro, ter multiplicado recentemente críticas e pressões sobre o Presidente da República. Mantendo a sua conhecida discordância de diversas actuações do Presidente da República (de que é expressão mais recente a promulgação da lei de tutela das autarquias), o PCP não pode deixar de interpretar as posições recentes do PSD como um reflexo das suas dificuldades e como expressão da manutenção do seu projecto de controlo totalitário não só do Governo e da Assembleia da República, mas também da Presidência da República, com o objectivo de pôr termo ao alcance prático do princípio constitucional da separação e interdependência dos órgãos de soberania.

## 2

O Comité Central assinala que os dados económicos e os acontecimentos mais recentes justificam as apreensões repetidamente manifestadas pelo PCP.

As privatizações parciais de empresas públicas comprovaram que, longe de representarem um processo da chamada «democratização» do capital e da participação dos trabalhadores na gestão das empresas, constituirão um meio de assegurar o seu controlo por grupos económicos, frequentemente associados de forma subordinada e dependente ao capital estrangeiro, para o qual poderão assim ser transferidas boa parte das alavancas de controlo da economia portuguesa. São particularmente chocantes a forma como se anuncia que o controlo do Banco Totta & Açores será discutida entre dois accionistas, representantes de grupos económicos, ambos associados ao capital estrangeiro, apesar do Estado ainda deter 51% do capital, a forma como accionistas minoritários se arrogam o direito de definir a estratégia do banco e a tomada de acções por ministros e secretários de Estado e pelo próprio Primeiro-Ministro, através da sua mulher.

Os mais recentes dados sobre a evolução da inflação comprovam a total falência das «previões» do Governo (12,8% de Janeiro a Julho em comparação com idêntico período de 1988 e

PCP

12,1% nos últimos doze meses em comparação com idêntico período do ano anterior). Tem especial significado a recente decisão do Governo de fazer aumentar gravosamente o preço do leite pasteurizado. Também o aumento injustificado dos combustíveis está a provocar aumentos no custo de bens essenciais. Trata-se de bens com elevado peso no consumo das famílias mais carecidas. O PCP reclama medidas urgentes tendentes à reposição do poder de compra dos trabalhadores, dos reformados e pensionistas (matéria sobre a qual o PCP apresentou um projecto de lei e requereu o seu agendamento na passada sessão legislativa) e de outras camadas da população.

O Comité Central considera significativo que, neste contexto, o Governo proceda à revisão do PCEDED — Programa de Correção Estrutural do Déficit Externo e do Desemprego reconhecendo assim o fracasso das metas anunciadas, mas prevendo que a inflação se situe em 11% e o aumento médio dos salários em 11,5%. Sabendo-se que a inflação será seguramente superior, este aumento nominal médio corresponde à tentativa de impor um novo tecto salarial e uma nova diminuição dos salários reais, com um novo agravamento da distribuição do rendimento e das condições de vida da população.

Nos outros aspectos, e apesar de se manter uma conjuntura económica externa favorável à economia portuguesa, o Governo continua a não dar solução aos problemas estruturais, nomeadamente assegurando a melhoria do perfil de especialização e valorização da produção nacional e do padrão de exportações (produção de novos bens, em particular de equipamento, tão necessários à modernização de toda a economia). Deste modo, as exportações continuam a concentrar-se em sectores e produtos vulneráveis à concorrência e de fraco valor acrescentado. Avoluma-se seriamente o défice da balança comercial. Diminuem as receitas do turismo e as remessas dos emigrantes. As vultuosas importações de hortofrutícolas mostram a continuidade de uma política virada para o estrangulamento da produção nacional, com graves repercussões nos rendimentos dos agricultores e no agravamento do défice da balança agro-alimentar. Isto é tanto mais grave quanto a produção nacional — maçã, pera, laranja, melão, banana da Madeira — está por escoar ou apodrece nos campos. A hecatombe da floresta portuguesa, com milhares de hectares destruídos em incêndios no presente Verão, mostram bem a incúria e a incapacidade do Governo.

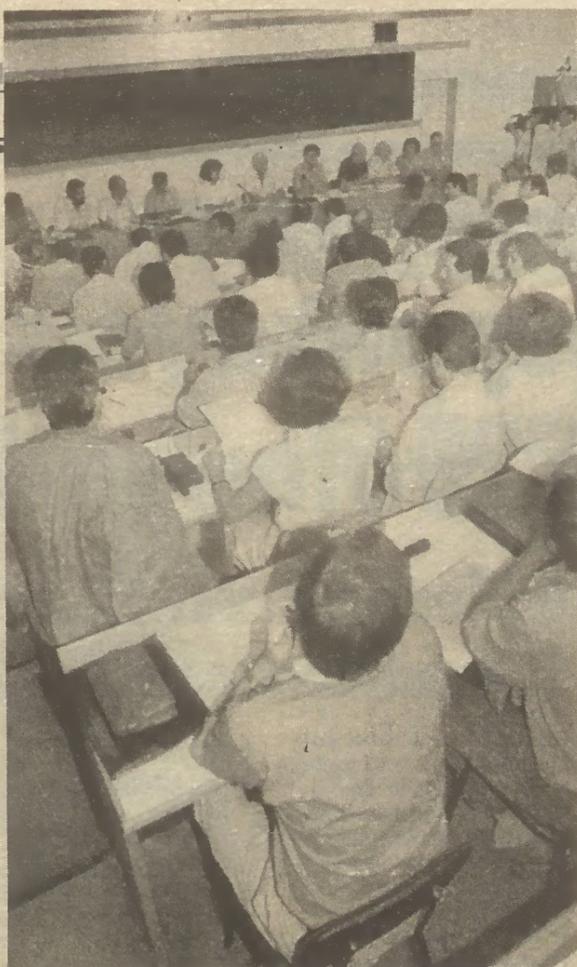
Verificou-se, por outro lado, um elevadíssimo crescimento do investimento estrangeiro (duplicação no primeiro semestre), concentrado em grande medida na aquisição ou tomada de posições em empresas já existentes e raramente no desenvolvimento do aparelho produtivo.

A orientação do Governo continua assim a caracterizar-se pela reconstituição do poder económico do grande capital, pelo agravamento da exploração dos trabalhadores e das dificuldades das camadas sociais intermédias, pelo aumento da dependência e da vulnerabilidade da economia portuguesa em relação ao capital estrangeiro, factores que não podem ser ocultados pela manipulação com fins propagandísticos de alguns índices isoladamente considerados.

3

O Comité Central analisou a preparação das eleições autárquicas, tendo concluído que o trabalho decorre em bom ritmo e num clima de confiança fundado designadamente na qualidade da gestão e intervenção autárquicas realizadas pela Coligação Democrática Unitária. É necessário, no entanto, assegurar uma rápida superação de atrasos na formação de listas em algumas regiões, em particular para freguesias, na prestação de contas do trabalho realizado no actual mandato, na elaboração dos programas eleitorais com a mais larga participação popular possível.

O Comité Central reprova a lei, discriminatória, abusiva e arbitraria, aprovada pelo PSD, que imporá a mudança da sigla e símbolo da Coligação Democrática Unitária e considera tal lei como uma



expressão do medo da direita da influência e prestígio do projecto unitário conhecido com a sigla CDU e da sua poderosa capacidade de atracção de democratas sem partido com o objectivo comum de defender a democracia e os interesses das populações.

A Coligação Democrática Unitária, não obstante (por imposição iníqua da lei) passar a ter apenas por símbolo e sigla respectivamente os símbolos e siglas dos partidos coligados (PCP e PEV), manterá a participação política com lugar destacado da Intervenção Democrática e de muitos milhares de independentes.

O Comité Central apela para o empenhamento de todas as organizações e militantes na divulgação do novo símbolo e sigla da Coligação Democrática Unitária, herdeira do imenso prestígio, de uma notável obra realizada e de imagem de honestidade, trabalho e competência reconhecida pela generalidade da opinião pública.

O Comité Central apreciou o desenvolvimento do trabalho da Coligação «Por Lisboa» — constituída pelo PCP, PS, Partido Ecologista Os Verdes (PEV) e MDP/CDE —, tendo-se congratulado com o bom clima em que têm decorrido as várias iniciativas realizadas e a preparação da intervenção eleitoral, em particular das propostas alternativas para a cidade de Lisboa. O PCP, que lutou durante uma década contra a ruíosa gestão de direita na cidade de Lisboa e por uma alternativa democrática capaz de a devolver aos que nela vivem ou trabalham, não pode deixar de considerar um importante êxito a criação de uma coligação de forças democráticas capaz de disputar a vitória e que a própria direita não assuma a sua gestão em Lisboa, antes afirme adoptar um programa contraditório com as orientações que pôs em prática e que o PCP combateu. Essa adopção, por necessidades eleitoralistas, é contraditória com os interesses que se têm aproveitado da gestão de direita e não assenta num real propósito de romper com a prática desastrosa, designadamente do PSD e do CDS, à frente da Câmara de Lisboa.

O Comité Central lamenta que o PS não tenha viabilizado coligações para combater a direita nos outros municípios em que o PSD e/ou o CDS, apesar de estarem em minoria, detêm a Presidência de Câmara e reafirma que, em tais situações, a Coligação Democrática Unitária ou as coligações em que o PCP participar se reivindicam legitimamente como a alternativa à direita.

O Comité Central desmente e condena as recentes afirmações do Primeiro-Ministro Cavaco Silva em Faro, segundo as quais haveria um «acordo secreto» entre o PCP e o PS com vista ao que chamou o «assalto ao poder» em 1991. Esta e outras afirmações do Primeiro-Ministro são falsas e reflectem o medo e descontrolo da direita face a um entendimento, ainda que limitado, das forças democráticas e à perspectiva de uma séria derrota do PSD (e do Governo) nas próximas eleições autárquicas. Para além de falsas, as declarações do Primeiro-Ministro revelam haver da

sua parte um entendimento restritivo, discriminatório e antidemocrático acerca dos direitos dos partidos políticos. Assume igualmente grande gravidade que o Primeiro-Ministro recorra à chantagem falando de pretensos cancelamentos de investimentos no caso da vitória do PCP e seus aliados em Setúbal. Trata-se de uma forma ilegítima de procurar influenciar as opções políticas e eleitorais das populações e que se choca com o facto de, nos últimos anos, terem sido negociados e concretizados vultuosos investimentos, e estarem outros previstos, na área de municípios de maioria CDU.

O Comité Central examinou igualmente as relações com outras forças democráticas, designadamente no quadro da preparação das eleições autárquicas, tendo-se congratulado com as possibilidades de alguns entendimentos com outros partidos noutros municípios e freguesias.

Ao mesmo tempo, o Comité Central considera que entendimentos de forças democráticas com o PSD e/ou o CDS não servem a democracia e os interesses das populações.

O Comité Central reafirma o objectivo de apresentar listas da Coligação Democrática Unitária a todos os municípios e ao maior número possível de freguesias do País, com excepção daquelas e daquelas em que eventualmente se verificarem coligações alargadas a outras forças democráticas.

O Comité Central anuncia a realização no dia 8 de Outubro de um Encontro Nacional do PCP sobre as Eleições Autárquicas e congratula-se com o elevado número de iniciativas da Coligação Democrática Unitária já previstas, quer a nível nacional, quer regional, concelhio e de freguesia.

O Comité Central apela a todos os militantes para que se empenhem activamente na preparação das eleições para as autarquias locais, para concretizar uma grande vitória política do PCP e dos seus aliados e importantes derrotas da direita, para conquistar a gestão democrática em mais autarquias e novas posições para defender os interesses e aspirações populares e para infligir um novo desaire político ao Governo Cavaco Silva/PSD. A apresentação de listas próprias e o voto da Coligação Democrática Unitária assumem assim uma elevada e múltipla importância em todas as regiões do País.

4

O Comité Central examinou os trabalhos de preparação da Festa do «Avante!», grande realização e iniciativa de massas que já ganhou um lugar ímpar na vida política, cultural, artística e recreativa do País.

O Comité Central, considerando a importância e as tradições da Festa do «Avante!» e o facto de a sua realização ser parte integrante e contribuir para as tarefas gerais do Partido, incluindo para a preparação das eleições autárquicas, apela para que todos os militantes e simpatizantes do Partido se empenhem no esforço final de construção e organização da Festa do «Avante!».

O Comité Central congratula-se com o elevado nível das realizações políticas, culturais e recreativas que constam do programa da Festa do «Avante!» e convida os jovens, os trabalhadores e os democratas portugueses, independentemente das suas opções políticas e partidárias, a visitar e participar na Festa do «Avante!».

\*\*

No quadro da evolução social e política do País, o PCP confirma-se como um grande partido de luta, como uma grande força da esperança, como um grande partido democrático e nacional indispensável para a construção de uma alternativa democrática, ao serviço de uma política de liberdade, bem-estar, justiça social, progresso e independência nacional.

29 de Agosto de 1989

O Comité Central do Partido Comunista Português

## Trabalhadores

## Encontro com camaradas do STCP

## Gestores irresponsáveis na origem da prolongada greve

Prossegue com vigor indiscutível a luta sectorial, com paralisações diárias de duas horas, no Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP). Num encontro do «Avante!» com camaradas da empresa, destaca-se a força e a resistência de 53 por cento do total dos trabalhadores (oficinas, escritórios e serviços), afectados por um desequilíbrio salarial «cozinhado» pelo conselho de gerência do STCP, de que é presidente um dos líderes do PSD do Porto e candidato pelo mesmo partido à autarquia da cidade. Refira-se que a prolongada greve, da responsabilidade dos gestores, «impopular» como todas as lutas no sector, afecta gravemente trabalhadores e utentes. O dinheiro gasto, apenas com a reparação de veículos fora das oficinas do STCP, seria mais que suficiente para pagar o subsídio compensatório que conduziu à greve.

Persistência e resistência mantêm os trabalhadores dos sectores oficiais, escritórios e serviços do STCP em luta. São duas lutas numa só, e a história é velha. Vamos contá-la com os pormenores e a análise que resultou da conversa do «Avante!» com os camaradas da célula do STCP, Silvério Figueiredo, Cristóvão Monteiro e Adelino Peixoto.

De há anos para cá que as lutas por um justo acordo de empresa no STCP se desenvolvem no sentido da aproximação dos vencimen-

tos destes trabalhadores aos de outros do sector público dos transportes, nomeadamente da Carris de Lisboa. Esse objectivo moveu lutas e greves que marcaram o movimento de trabalhadores no Porto.

A frota do STCP esteve completamente parada várias vezes. A paralisação dos transportes tem sempre grandes e graves consequências. Aqui reside, na opinião do camarada Silvério, que é membro da CT, a explicação para o facto de o conselho de gerência ter cedido 9 por

## • Pessoal resiste há mais de 60 dias à intransigência da gestão

cento mais 2 por cento para os motoristas, 9 por cento mais 5 por cento para as chefias, e apenas 9 por cento para a maioria dos trabalhadores, sejam eles das oficinas, dos escritórios ou dos serviços. É que os 2 por cento a mais nos motoristas e cinco nas chefias constituem, respectivamente, o subsídio de agente único e o subsídio de chefia.

Ficam, assim, cerca de 53 por cento dos trabalhadores com dois motivos de luta: equilíbrio salarial relativamente a outros trabalhadores do sector e equilíbrio salarial entre os trabalhadores da empresa.

Para o camarada Cristóvão, do secretariado da célula, o conselho de gerência do STCP enganou-se. Se evitou a paralisação dos motoristas — com consequências mais imediatas — não evitou a luta dos trabalhadores dos sectores prejudicados.

### Luta de força e resistência

É uma luta de força e resistência, mas uma luta que vai obrigar o conselho de gerência a ceder. Os trabalhadores das oficinas, serviços e escritórios cumprem há 60 dias uma greve em «carrossel», com paralisações de duas horas diárias por secção.

Em consequência dessas paralisações, 50 por cento da frota do STCP está imobilizada e, na opinião do camarada Adelino Peixoto, muitos veículos circulam em péssimas condições de segurança. As horas de greve vão naturalmente começar a reflectir-se nos salários, e o sistema de greve em «carrossel» acaba por desorganizar qualquer serviço.

Dai a pergunta do «Avante!»: Até quando será possível resistir? Os camaradas foram unânimes. Por um lado, o conselho de gerência

já percebeu que fez mal os cálculos e que a paralisação desses sectores da empresa também «incomoda». O primeiro sinal de cedência foi ter aceitado reunir-se com os representantes dos trabalhadores.

Por outro lado, a situação é de tal forma discriminatória e injusta que não há sintomas de quebra entre os trabalhadores.

Oportunamente, o camarada Cristóvão lembrou que os trabalhadores da Carris de Lisboa enfrentaram o mesmo problema e, com uma luta nos mesmos moldes, que durou 45 dias, conseguiram um subsídio compensatório que, tendo partido dos 3 por cento, está hoje nos sete.

O camarada Silvério não quis acabar a história desta luta sem chamar a atenção para a coincidência de o presidente do conselho de gerência do STCP ser o candidato do PSD à presidência da Câmara do Porto. E deu alguns exemplos da actuação do «gestor». Sem pretensão a um tratamento exaustivo do assunto e apenas para «ilustrar» o texto: durante mais de um mês, o sr. Carlos Brito não compareceu a qualquer reunião de negociações.

O dinheiro gasto pela empresa na reparação de viaturas fora das oficinas do STCP já teria mais que pago o subsídio compensatório que motiva a greve.

Já imaginaram uma empresa de transportes deixar acabar o gasóleo? E as viaturas que fazem o serviço público de transportes terem de ser abastecidas numa bomba de gasolina de rua? Foi o

que aconteceu recentemente no STCP. E não foi por causa da greve. Foi antes.

### DORP critica

Num comunicado recentemente divulgado a DORP critica a incompetência, a irresponsabilidade e a falta de diálogo do Conselho de Gerência da Empresa sublinhando nomeadamente que «Os trabalhadores das oficinas e dos serviços do STCP estão em luta há 58 dias contra a inadmissível tentativa do Conselho de Gerência de impor discriminações salariais no seio da empresa.

A justiça da luta e a grande unidade dos trabalhadores tem ficado bem demonstrada pelo nível de adesão às greves diárias de 2 horas da ordem dos 98%, apesar de todas as manobras da administração para os desmobilizar e dividir.

A administração do STCP manifesta completa incapacidade de diálogo com os trabalhadores e está a deixar arrastar o conflito com o objectivo de virar a população contra o pessoal da empresa. Não se preocupa com o facto de grande número de viaturas estarem imobilizadas por avaria, de reinar o caos nos transportes colectivos e da empresa estar a amontoar prejuízos com reparações realizadas fora das suas instalações. Mas, mais grave, conforme os trabalhadores têm repetidamente denunciado, está a autorizar a circulação de viaturas que não obedecem às condições indispensáveis de segurança.»

Como resultados positivos,



Segundo a CGTP (na foto, conferência de imprensa de anteontem em Lisboa), «a luta por revisões salariais intercalares tem movimentado muitos milhares de trabalhadores, tanto no sector público como privado. Essa medida, proposta pela CGTP-IN, justifica-se pelo facto de os aumentos salariais contratuais no ano em curso se situarem, na generalidade dos casos, abaixo do valor que se prevê venha a ser atingido pela inflação».

## Desequilíbrios salariais assinalados pela CGTP

A comissão executiva da CGTP-IN, reunida segunda-feira passada em Lisboa, analisou a situação económica do País e a política social do Governo, divulgou resultados da contratação colectiva no ano corrente e aceitou a proposta de reunião com a UGT.

Anteontem, em conferência de imprensa, a direcção da CGTP afirmou que o aumento médio dos salários nos primeiros oito meses de 1989 foi de 10,4 por cento.

Entre os numerosos dados fornecidos pela central sindical destacam-se os salários-base da Função Pública por se situarem muito abaixo da média referida.

Segundo a CGTP, esses salários foram aumentados apenas em 8 por cento, por ordem do Governo, que «não teve o acordo dos sindicatos».

Como resultados positivos,

além de alguns aumentos salariais obtidos através da luta sindical em empresas e sectores, a direcção da CGTP realça a redução dos horários de trabalho.

Destacam-se, segundo a central:
 

- A obtenção ou alargamento de intervalos de descanso em cada período de trabalho dos operadores com Ecrãs de visualização, no CCT das Indústrias Gráficas e de Transformação de Papel;
- O alargamento do período de férias, com a consagração de «uma licença especial com retribuição», variável com a idade, no AE (acordo de empresa) da Vigor;
- A obtenção de dois dias de descanso semanal, no Hotel Estoril-Sol.

Reunião com a UGT
 

Na mesma conferência de imprensa de anteontem, 29, foi distribuída aos jornalistas a resposta da comissão executiva do conselho nacional da CGTP-IN à conhecida proposta de reunião feita pelos dirigentes da UGT.

Uma carta assinada por Manuel Carvalho da Silva, coordenador da CGTP-IN, afirma-se nomeadamente que esta última central sindical «está disponível para proceder ao levantamento da situação económica e social, tendo em vista a formulação de uma proposta conjunta e empenhada em encontrar pontos de entendimento para uma convergência na acção que favoreça a defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores».

A reunião proposta pela UGT em 31 de Julho do ano corrente e, no seguimento da resposta da CGTP de 7 de mês seguinte, pode realizar-se, segundo a carta acima referida, tanto na sede do CPCS (Conselho Permanente da Concertação Social), como nas instalações de Lisboa da CGTP-IN.

A data para a reunião, indicada na carta assinada por Manuel Carvalho da Silva, pode ser entre 11 e 15 de Setembro próximo, «nos termos e objectivos propostos» na carta da UGT, datada de 31 de Julho.

Reunião com a UGT
 

Na mesma conferência de imprensa de anteontem, 29, foi distribuída aos jornalistas a resposta da comissão executiva do conselho nacional da CGTP-IN à conhecida proposta de reunião feita pelos dirigentes da UGT.

Uma carta assinada por Manuel Carvalho da Silva, coordenador da CGTP-IN, afirma-se nomeadamente que esta última central sindical «está disponível para proceder ao levantamento da situação económica e social, tendo em vista a formulação de uma proposta conjunta e empenhada em encontrar pontos de entendimento para uma convergência na acção que favoreça a defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores».

A reunião proposta pela UGT em 31 de Julho do ano corrente e, no seguimento da resposta da CGTP de 7 de mês seguinte, pode realizar-se, segundo a carta acima referida, tanto na sede do CPCS (Conselho Permanente da Concertação Social), como nas instalações de Lisboa da CGTP-IN.

A data para a reunião, indicada na carta assinada por Manuel Carvalho da Silva, pode ser entre 11 e 15 de Setembro próximo, «nos termos e objectivos propostos» na carta da UGT, datada de 31 de Julho.

## Forças Armadas

### Incremento da sindicalização

Um forte incremento da sindicalização é previsto pela Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública entre os trabalhadores civis das Forças Armadas, que acabam de conseguir a legalização do seu Sindicato.

Aos trabalhadores dos estabelecimentos fabris podem juntar-se outros trabalhadores com estatuto idêntico no mesmo ramo.

Numa nota da semana passada, aquela federação, FNSFP, recorda que, «mais de nove anos de terem sido excluídos do regime da Função Pública, volta a ser aplicável aos trabalhadores civis dos serviços departamentais das Forças Armadas o regi-

me respeitante aos funcionários e agentes da Administração Central. Este regime, no que respeita aos trabalhadores dos EFAAs, foi publicado em 18 do corrente, através do Decreto-Lei 264/89.

### Morosa a alteração de carreiras

Recorda a mesma Federação sindical que «com o diploma agora publicado é cumprida pela primeira vez a norma constitucional de audição das organizações sindicais, tendo sido acolhida uma das objecções colocadas pela FNSFP ao teor do pro-

jecto enviado para parecer em Outubro passado».

Morosa e incompleta é como a Federação Nacional classifica a alteração de carreiras naquele sector civil das Forças Armadas. Referindo-se ao Decreto 248/85, a FNSFP adianta o seguinte:

A alteração de carreiras que, «na generalidade dos ministérios foi operada pelo Decreto-Lei 248/85, está agora em fase de aplicação, através de diplomas do Ministério da Defesa, de forma bastante morosa e com lacunas manifestas, como se verifica no decreto regulamentar 25/89, de 17 de Agosto, determinando a nova estrutura de carreiras para os vários quadros de pessoal civil, a

publicar em portarias posteriores.

«Se bem que se registem aspectos positivos, ressaltam, contudo, evidentes motivos de descontentamento, designadamente por extinguir a categoria de chefe de secção e não completar algumas das carreiras de regime especial, com destaque para a dos técnicos paramédicos (prejudicados em milhares de contos por auferirem vencimentos inferiores aos dos colegas do Ministério da Saúde) e o pessoal auxiliar dos hospitais militares, que há muito reclama a extensão de um diploma que vigora desde 1980 para os trabalhadores com funções similares nos hospitais dependentes do Ministério da Saúde».

## Função Pública

### De novo a luta no horizonte

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública, depois da reunião com o Governo, sexta-feira passada, considerou mais uma vez inaceitáveis as propostas apresentadas, designadamente pela Secretaria de Estado da Modernização Administrativa e, segundo nota divulgada no mesmo dia pela Federação sindical do sector (FNSFP), sublinha que a «perspectiva de luta» continua no «horizonte da Função Pública».

Segunda-feira, 28, reunida a assembleia geral de delegados sindicais da STFPZC (Sindicato da Zona Centro) rejeitava por sua vez a proposta governamental de que consta «um aumento salarial de 10,5 por cento para vigorar até finais de 1990».

Refere o mesmo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública, com sede em Coimbra, ser «muito mau sinal que num processo de

negociação, que deveria conduzir a aproximações sucessivas, o Governo apresente, a dada altura, propostas novas que, em vez de aproximarem as partes, as afastam».

### Exigida boa fé negocial

A Frente Comum e a Federação, com sede em Lisboa, referem-se, entretanto, à reunião marcada para ontem, dia 30, com os membros do Governo. Caso este último «não altere a sua posição, não restará aos trabalhadores outro caminho que não seja o de retomar a luta». A necessidade de «boa fé negocial» era entretanto posta em relevo pela assembleia geral de delegados sindicais de Coimbra (Zona Centro).

Ao fazer valer as reivindicações compartilhadas pela quase totalidade dos sindicatos do sector, a assembleia de delegados do STFPZC su-

blinha que o Governo deveria ter em conta a contraposição dos sindicatos da Frente Comum. Como se sabe, nesse documento a FC, que inclui o STAL (Autarquias) e muitas outras organizações sindicais do sector, reclama a subida do salário mínimo da Função Pública para 40 mil escudos e, designadamente:

regras de transição que tenham em conta a antiguidade na categoria e na carreira, o respeito pelas expectativas quanto a diuturnidades e a revalorização das carreiras, entre elas, a administrativa, a técnico-profissional, auxiliar, operária, motorista e tesoureiro.

Estão previstas formas de luta e os meios para a levar a cabo. O Sindicato do Centro refere mesmo «o novo recurso à greve geral para a Administração Pública», se o Governo não der os passos propostos pelo movimento sindical do sector.

## GT

### Continuava a justificar-se o recurso à greve horas antes de se iniciar Pré-aviso determina êxito das negociações

Por continuar longe dos valores da inflação, a proposta de aumento de 10 por cento nos salários dos trabalhadores dos CTT continuava, no princípio desta semana, a não ser aceite pelos sindicatos.

A FCT — federação sindical do sector, que inclui as telecomunicações e é parte integrante da comissão negociadora sindical (CNS) — lembrava, em 28 do corrente, que os trabalhadores dos Correios reclamam muito justamente «o necessário reajustamento salarial», pois que desde 1988 foram aumentados, apenas e por acto de gestão, em 6,4 por cento.

Além disso, há outra questão fundamental para os trabalhadores dos CTT: as carreiras.

Segundo a Federação das Comunicações e Telecomunicações — a mesma FCT — a administração da empresa não aceitou qualquer proposta sindical nesse campo.

Por seu turno, a CNS,

onde além da FCT estão representados os sindicatos SNTCT e Sintel, destaca em nota do dia 22 que é indispensável «organizar e lutar para vencer».

A greve de três dias a que temos feito referência em números anteriores do «Avante!» permanecia, assim, marcada, no início desta semana, para 30 e 31 do corrente e 1 de Setembro.

A CNS aproveita para desfazer «boatos», segundo os quais se teriam propagado «valores inventados para a tabela salarial, bem longe dos postos na mesa pela administração e pelo Governo», pois se trata de uma empresa pública, como se sabe.

Na categoria de «boatos» inclui ainda a CNS «a pretensa impossibilidade de um acordo rápido, por não ter sido nomeada a nova administração».

Este último boato é para a

CNS «totalmente descabido, já que todas as directrizes relativas ao processo negocial provêm da SEC» (Secretaria de Estado das Comunicações).

Esta Secretaria do Governo «continua a não assumir as suas responsabilidades neste processo» — acrescenta a CNS — conduzindo ao arrastamento totalmente injustificado das negociações».

A comissão negociadora sindical refere-se aos piquetes de greve. Em todos os locais de trabalho devem ser constituídos esses piquetes. A sua função será, «em caso de comprovada necessidade, garantir qualquer urgência».

Conclui ainda a CNS que a formação dos piquetes «é indispensável para o cumprimento das nossas tarefas (refere-se naturalmente a todos os trabalhadores dos CTT) e para o êxito da luta, não permitindo a quem quer que seja o boicote ao êxito da greve».

## Intercâmbio sindical

O estreitamento das relações de cooperação entre o Sitava (Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos) e o seu congénere da Guiné-Bissau, SNTTC, foi recentemente objecto de uma visita de delegados desta última organização a Lisboa.

Num comunicado à Imprensa da passada sexta-feira, o Sitava acrescenta que apoiará, ainda no corrente ano, a realização do I Congresso do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Transportes e Comunicações

da Guiné-Bissau. O Congresso está marcado para Novembro e, segundo o Sitava, coincidirá com iniciativas destinadas a «assinalar o 30.º aniversário do massacre de Pindjiguiti, cujas comemorações decorreram na Guiné-Bissau desde 3 do corrente».

Os sindicatos português e guineense, que assinaram um protocolo durante a visita, propõem-se «estudar futuramente formas de cooperação para o intercâmbio turístico e social dos respectivos asso-

ciados». A delegação do SNTTC da Guiné-Bissau, que visitou o Centro de Férias do Sitava, em Vila Nova de Milfontes, era composta por Pedro Mendes Pereira, presidente, e Petronila Ângela Monteiro Pereira, Armando Miranda e Augusto Fernandes, membros do secretariado nacional. Os sindicalistas portugueses foram convidados a visitar oportunamente aquele país africano de língua oficial portuguesa.

## Nacional

### Tulipa Vermelha reforça solidariedade com Portugal

A Tulipa Vermelha, organização que desde o 25 de Abril vem promovendo na Holanda acções de solidariedade e apoio para com o Portugal democrático, decidiu criar três novos projectos de ajuda a organizações nacionais.

Trata-se do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora (STADE), da União dos Sindicatos do Distrito de Lisboa e de um grupo de pequenos camponeses do distrito de Coimbra.

No primeiro caso, o apoio financeiro a conceder pela Tulipa Vermelha destina-se a

cursos de formação profissional dirigidos pelo STADE, especialmente dedicados a jovens, com vista à obtenção de um melhor nível socioprofissional que permita enfrentar com mais optimismo o mercado de trabalho.

No que diz respeito aos camponeses de Coimbra, o dinheiro será investido na compra de terrenos agrícolas, pretendendo-se desse modo não só alargar a área agrícola como também evitar o avanço da plantação de eucaliptos pelas grandes empresas de celulose. Como salienta o comunicado da Tulipa Vermelha, a verdade é que em resultado da plantação maciça de eucaliptos tem-se verificado a perda de muitas nascentes de água, essenciais para as parcelas dos agricultores e, consequentemente, para a sua própria subsistência.

Estes três projectos de apoio da Tulipa Vermelha vêm juntar-se a outros seis que de há alguns anos a esta parte esta organização vem mantendo.

Com estes três projectos, a Tulipa Vermelha passa a estar empenhada em nove acções de apoio e solidariedade para com organizações portuguesas. As restantes, recorde-se, são a URAP (antifascismo e campanhas pela paz); a União dos Sindicatos do Porto; a Reforma Agrária; os pequenos camponeses de Dornelas; as CERCIs; e as campanhas de alfabetização.

Quanto ao projecto que contempla a União dos Sindicatos de Lisboa ele tem como propósito, realça a nota da Tulipa Vermelha, contribuir para o pagamento das custas de um advogado que defenda os direitos dos membros do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos.

## Camaradas Falecidos

### José Manuel Palma

Com 44 anos, faleceu o nosso camarada José Manuel Silva Palma (Zeca), empregado bancário, militante do Partido desde 1974, informa-nos a Concelhia de Vila Real de Santo António do PCP.

### Isidro António

Também de Vila Real de Santo António, faleceu Isidro António Tarado, reformado, de 72 anos, membro do Partido desde 1974.

### Jorge Humberto Brito

O jovem estudante Jorge Humberto Costa Brito, que foi membro da JCP e que em 1988 tinha passado ao Partido, faleceu também recentemente no Algarve, informa-nos a Concelhia de Vila Real de Santo António.

### Joaquim Mendes

No passado dia 22 faleceu o militante comunista Joaquim de Sousa Mendes, organizado na célula de S. Mi-

guel, bairro lisboeta de Alfama. Membro do Partido desde os tempos da clandestinidade, Joaquim Mendes fez parte da célula do PCP no antigo jornal «República».

### João Alberto Caetano

Vítima de doença, faleceu recentemente o nosso camarada João Alberto Correia Fonseca Caetano, funcionário do Banco Totta e Açores (BTA). Membro da célula dos bancários do Barreiro, João Caetano era militante do Partido desde Março de 1975.

### Manuel Montoito

Diffusor do nosso jornal na freguesia de Montoito, concelho alentejano do Redondo, faleceu recentemente o camarada Manuel António Borrego (Manuel Montoito), militante de longa data.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o «Avante!» e as organizações do Partido a quem pertenciam apresentam sentidas condolências.

## Poder Local

## Eleições autárquicas

## O trabalho continua!

Preparando as eleições autárquicas de Dezembro próximo com a habitual presteza e eficácia, o PCP e os seus aliados na CDU continuam a sua intensa actividade no sentido da apresentação das candidaturas aos mais diversos órgãos do Poder Local. Prosseguimos neste número — e ao ritmo a que os materiais nos chegam e o espaço nos permite — a dar conta deste intenso trabalho.

## Porto

Realizou-se na semana passada, no Porto, uma reunião entre o Partido Comunista Português e o Partido Ecologista «Os Verdes» a nível das suas estruturas dirigentes no Distrito, participando **Edgar Correia e João Semedo** pela DORP do PCP, e **Paulo Teixeira de Sousa e Rosa Pinto**, pelo núcleo distrital do PEV, que apreciaram o andamento da preparação das eleições e concluíram que «a formação de listas da Coligação Democrática Unitária — PCP/PEV em todos os Concelhos e Freguesias do Distrito do Porto decorre em bom ritmo e num espírito aberto e unitário», considerando que, «sem prejuízo do quadro concelhio e de Freguesia em que as listas da CDU estão constituídas, deve ser sublinhada a importância da apresentação ao eleitorado de candidatos profundamente ligados à vida das populações nos seus diversos aspectos, conhecedores dos seus problemas e capazes de transmitir a imagem de competência autárquica da CDU» e defendendo ainda «a importância da inclusão de um reforço número de jovens, mulheres e quadros nas listas, e de activistas do movimento ecológico e ambientalista».

No que respeita à cidade do Porto, ambas as delegações coincidiram acerca da «importância que assumiria a possibilidade de concretização, como em Lisboa, de uma coligação envolvendo as forças à esquerda do PSD, que retirasse ao partido do Governo a presidência da Câmara da segunda cidade do País». Embora lamentando que, até ao momento, a posição oficial do PS em relação a esta possibilidade tenha sido de recusa, as duas delegações consideraram fa-

voravelmente a posição do PRD, de outras forças de esquerda e de alguns sectores que se estão a manifestar no mesmo sentido no seio do próprio Partido Socialista.

Foi decidido intensificar e alargar contactos, nos próximos dias, que permitam decidir da possibilidade de concorrência às eleições autárquicas na cidade do Porto num quadro mais largo de convergência das forças de esquerda.

## Coimbra

Na continuidade do trabalho preparatório da próxima campanha eleitoral para a Câmara Municipal de Coimbra, a comissão coordenadora aberta da Coligação Democrática Unitária, incluindo Santos Cardoso, candidato à presidência daquela autarquia, visitou no passado sábado a Freguesia de Torre de Vilela, informando-se junto das populações dos principais problemas que a Câmara deverá resolver no próximo mandato.

No final da visita, Santos Cardoso manifestou o seu agrado por ter verificado que «algumas necessidades básicas daquela Freguesia estão resolvidas ou em vias de resolução, como seja a rede de distribuição de água domiciliária e de esgotos», mas não deixou de notar, tratando-se de povoações localizadas numa zona industrializada, «que urge encarar a recuperação do ribeiro de Vilela que está completamente poluído, assim como a necessidade de correcta sinalização do trânsito na estrada de acesso à fábrica de cimento de Souselasa de forma a obrigar o tráfego a velocidades moderadas, que não ponham em perigo a vida dos peões».

Santos Cardoso referiu ainda que a Câmara não pode esquecer o apoio à dinami-

zação de actividades do Centro Cultural de Torre de Vilela cujas excelentes instalações estão praticamente concluídas, assim como apoiar a instalação de escolas pré-primárias e de um Centro de Dia para idosos, aproveitando a recuperação de alguns edifícios antigos, para esse efeito.

Também o candidato da Coligação Democrática Unitária à presidência da Junta de Freguesia de Eiras (Coimbra), Jorge Loureiro, e o grupo de trabalho constituído por actuais eleitos na Assembleia de Freguesia e outros residentes, já avançaram com o trabalho conducente à formação da lista concorrente, bem como à elaboração de um programa realista e objectivo, na perspectiva de alterar a actual situação de autêntico marasmo, que é nota evidente por toda a Freguesia.

Está desde já prevista, para o próximo dia 16 de Setembro, uma reunião com todos os candidatos, com vista à últimação da lista, à discussão e aprovação do programa a propor à população e as acções a levar a cabo durante a pré-campanha e o período eleitoral. Entretanto «a Coligação Democrática Unitária está certa que, devido ao trabalho que tem desenvolvido na Freguesia e ao leque de candidatos que proporá, vai obter um resultado bastante positivo nas próximas eleições, possibilitando assim uma intervenção muito mais decisiva para a resolução dos muitos problemas locais».

## Grande Porto

Isabel Cabral, professora e artista plástica, é candidata da CDU/PCP-PEV à presidência da Junta de Freguesia do Bonfim, Porto.

Isabel Cabral é uma conhecida figura dos meios intelectuais e culturais do Porto. Com 39 anos de idade, nascida no Porto, tirou o curso de pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Foi professora nos liceus Rainha Santa Isabel e Alexandre Herculano, leccionando actualmente na Escola Secundária Soares dos Reis. Foi delegada sindical e dos corpos gerentes da Cooperativa Artística Árvore. No campo da arte, depois de um percurso individual ligado à pintura desde 1972, desenvolve, actualmente, um projecto comum no âmbito da pintura e escultura com o pintor Rodrigo Cabral, tendo realizado dezenas de exposições no Porto e no País.

Constantino Loureiro, actual presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro da Cova, uma das mais populosas freguesias de Gondomar, é candidato a novo mandato de presidente da Junta pela CDU/PCP-PEV. Natural da vila de S. Pedro da Cova, onde reside, Constantino Loureiro é funcionário da administração local, tem 39 anos e é casado. Homem popular e prestigiado, é presidente da Assembleia Geral das Cooperativas de Consumo «Mater». É membro da Junta de Freguesia desde 1983, da Assembleia Municipal de Gondomar e da Assembleia Distrital do Porto.



## Praça da Liberdade

## Pelo Porto

Qual vai ser a resposta do PS à cidade do Porto perante a renovada disponibilidade expressa pela DORP do PCP para a formação de uma coligação interpartidária envolvendo as principais forças à esquerda do PSD?

Os números falam por si: nas últimas eleições autárquicas na cidade do Porto teria bastado e sobejado que aos 19% alcançados pelas forças que integram a CDU, se tivessem somado os 23% do PS e os 8% do PRD, para que os 37% do PSD tivessem ficado longe da presidência da Câmara.

O PS sozinho não tem nenhuma possibilidade de disputar a presidência da Câmara do Porto e os seus dirigentes sabem-no bem. Está muito longe de dispor de apoio eleitoral suficiente. Do período em que o PS dispôs de maioria na Câmara e na Assembleia Municipal não ficaram obras nem saudades, e da actividade dos seus eleitos nas autarquias ao longo do último mandato o mínimo que se pode afirmar é que ela constituiu um enorme vazio.

Por outro lado é uma evidência afirmar que uma coligação ampla envolvendo a CDU (que dispõe na cidade do Porto de grande prestígio resultante do seu trabalho nas autarquias e de um candidato a presidente da Câmara que indiscutivelmente é o que melhores condições reúne para o cargo), com a participação do PS, do PRD e de outras forças da área democrática, não só teria a presidência e uma maioria na Câmara asseguradas à partida como estaria em condições políticas de apresentar à cidade e de concretizar uma profunda viragem na situação de bloqueamento e de impasse existente.

Está a esgotar-se o tempo das decisões.

Qual vai ser a resposta final do PS — vai ceder à chantagem anticomunista do PSD ou vai estar aberto no Porto, como em Lisboa, ao entendimento entre as forças democráticas?

Do PRD e de outras forças é conhecida a disponibilidade para uma convergência alargada.

Pelo Porto, é uma batalha que vale a pena travar.

Gondomar  
À espera da CDU

A CDU/PCP-PEV de Gondomar divulgou um documento dirigido ao povo do concelho onde são tecidas duras críticas à gestão municipal do Partido Socialista e aos acordos estabelecidos pelos actuais eleitos desse partido com o PSD. Nesse documento, de que adiante destacamos algumas passagens, a CDU/PCP-PEV de Gondomar apresenta-se como «a força política verdadeiramente alternativa no concelho ao PS e ao PSD».

«O concelho de Gondomar estagnou e problemas fundamentais, muitos deles básicos, arrastam-se ano após ano sem resolução», diz a CDU, que garante conhecer as realidades e «ser capaz de resolver muitos dos problemas existentes no campo da habitação, do saneamento básico, da rede viária e trânsito, da degradação urbana e descaracterização urbanística, do desenvolvimento comercial e industrial, do fomento da agricultura e do turismo, da defesa do meio ambiente e do património, da saúde, do ensino, do apoio às colectividades e à juventude, da assistência à infância e à terceira idade, dos equipamentos colectivos indispensáveis à vida de um município moderno que se quer virado para o futuro». E acrescenta:

«A CDU têm provas dadas nas autarquias, resolveu em pouco tempo problemas gravíssimos nas Juntas de Freguesia de São Pedro da Cova e Lomba e desenvolveu intensa actividade nos pelouros de higiene e limpeza e turismo», assim como vai apresentar nas eleições de Dezembro «uma equipa dinâmica, capaz de protagonizar um projecto para desenvolver Gondomar. À frente dessa equipa, como candidato a presidente da Câmara, figura Joaquim Viana, presidente da Junta de Freguesia da Lomba e presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte e membro da USP/CGTP-IN».

## CDU é a solução

Quanto ao Partido Socialista — que detém a presidên-

cia da Câmara há dois mandatos seguidos — «demonstrou ser completamente incapaz para gerir a Câmara de Gondomar e é responsável pela péssima gestão da autarquia e pela falta de desenvolvimento sociocultural e económico do concelho». E adianta-se:

«A gestão do PS caracterizou-se pela incompetência, pelo abuso de poder, pelo compadrio, por ilegalidades, por fumos de corrupção, por prepotências e insultos, pela defesa de interesses pessoais, pela falta de planos, pelo atraso nas decisões, pela insensibilidade aos problemas das populações, por obras de fachada, pelo subdesenvolvimento. Foi degradante o espectáculo público dado pelos elementos do PS ao transportar para o interior da Câmara a luta interna pelo poder e a disputa entre grupos que se digladiam no seio do PS. A operação de cosmética ensaiada por um sector do PS, em aliança com o PSD, para afastar o presidente da Câmara eleito nas anteriores eleições e se «branquear» das graves responsabilidades que lhe cabem na situação

de descalabro a que o município foi conduzido, não enganam o povo de Gondomar», sublinha a CDU.

Quanto ao PSD, a CDU considera nefasta a sua actuação na Câmara durante o actual mandato, que visou apenas desestabilizar a autarquia, provocar eleições antecipadas numa atitude antidemocrática. O reforço da CDU «tomou-se a mais segura garantia democrática para o povo de Gondomar e para a necessária mudança de rumo da política do concelho», adverte a CDU, que considera que «eleger uma Câmara PS ou PSD nas próximas eleições autárquicas é manter Gondomar mais quatro anos no atraso».

Assim «a CDU afirma-se como espaço aberto à participação de todos os democratas empenhados em trabalhar para resolver os problemas das populações», apelando às secções e militantes do Partido Socialista descontentes com a péssima gestão do município e com a situação que o PS vive em Gondomar, para que se decidam a participar nas listas da CDU ao nível das freguesias e do município».

Deputados  
pró PPM?!...

Na ânsia de organizarem primeiras páginas bombásticas, vários semanários da semana passada «noticiaram» uma absurda negociata na qual o PCP «teria oferecido lugares de deputados ao PPM». Quem conheça minimamente o panorama político-partidário português sabe, com saber de experiência feito, que o Partido Comunista Português é, das grandes formações políticas nacionais, a que de certeza nunca embarca em leilões de qualquer espécie ou tem, da negociação política, uma visão de mercearia — como, aliás, noutras ocasiões e por questões diferentes, estes mesmos semanários têm reconhecido.

Naturalmente o gabinete de Imprensa do PCP desmentiu de imediato tal «notícia», apontando-lhe «total falta de fundamento e de veracidade» e acentuando ao mesmo tempo «que os contactos do PCP com o PPM se têm mantido essencialmente na esfera autárquica».

Internacional

URSS

# As nacionalidades em questão

## Perigos e perspectivas

As manifestações registadas estes dias nas Repúblicas bálticas, medidas legislativas entretanto avançadas de forma unilateral, as greves dos trabalhadores russos na Moldávia — dão uma medida da complexidade dos problemas étnicos, da complexidade dos próprios caminhos da perestroika que, como movimento revolucionário que se afirma, naturalmente não poderá evoluir de forma linear.

A actual situação na Moldávia é, neste quadro, um exemplo significativo. Comícios promovidos pela Frente Popular da Moldávia exigiram nomeadamente o estatuto de idioma estatal para a língua moldava, numa acção de massas em que se misturam *slogans* da perestroika e apelos chauvinistas e anti-socialistas. Entretanto, trabalhadores russos da República mobilizaram-se numa acção grevista contra a discriminação que os atingiria no caso de serem aprovados os decretos-lei sobre a língua.

Recorde-se que outras propostas de medidas legislativas, com carácter discriminatório, têm vindo a surgir neste período.

Em meados de Agosto, o Presidium do Soviete Supremo da URSS aprovou um decreto sobre a divergência entre as novas leis da Estónia e a Constituição do país, considerando que aquelas restringem o direito eleitoral. Em causa está uma lei eleitoral estoniana que estabeleceu prazo de residência para os eleitores e candidatos a deputado. Lei que desencadeou uma onda de greves na República, e que deverá ser revista pelo parlamento estoniano até 1 de Outubro próximo.

Face à gravidade dos acontecimentos, o CC do PCUS emitiu uma declaração sobre as Repúblicas bálticas, em que por um lado se valo-

riza a participação popular na perestroika, sublinhando que «as Repúblicas bálticas aderiram com empenho aos processos de mudanças profundas. Tornaram-se mais activos os trabalhadores e as forças intelectuais de todas as camadas sociais». Para entretanto sublinhar a gravidade da situação, e denunciar responsabilidades.

«Em certa fase, porém — diz-se no documento do PCUS —, os agrupamentos nacionalistas e extremistas das Repúblicas bálticas aproveitaram-se da democracia e abertura, atribuindo aos acontecimentos em curso elementos negativos. Auto-proclamando-se verdadeiros porta-vozes dos seus povos, optaram por uma política de isolamento das Repúblicas bálticas face ao resto do país e de rompimento das relações orgânicas, formadas há muito, com os demais povos, actuando cada vez mais abertamente a partir de posições extremistas e separatistas. Passado pouco tempo, verificou-se o carácter anti-socialista e anti-soviético dos seus desígnios. Surgiram organizações semelhantes às entidades políticas da época burguesa e da ocupação nazi-fascista. Procedeu-se, de facto, à criação de órgãos de poder paralelos, passando ser norma a intimidação, as falsificações, a desinformação e nalguns casos o terrorismo moral e depreciação de

todos os opositores, de quem continuava adepto do internacionalismo e da integridade da União Soviética».

Os comunistas soviéticos, e na verdade a grande maioria da população de diferentes nacionalidades da URSS, contrapõem a este aproveitamento de um momento revolucionário, por isso mesmo complexo e difícil, por forças objectivamente anti-revolucionárias e mesmo anti-socialistas, projectos de um novo salto em frente na política de nacionalidades na URSS, com benefício para todos os povos que a compõem.

### «Sentir-se em casa» / Programa do PCUS

«Os cidadãos soviéticos devem sentir-se em casa ao encontrarem-se em qualquer região da URSS. Este é o objectivo máximo e final do trabalho orientado para a harmonização das relações entre as nacionalidades», afirma-se no documento — «Questão das Nacionalidades: a política do Partido nas condições actuais (Programa do PCUS)».

O programa do PCUS para a questão das nacionalidades apresenta os seus principais problemas a fim de lhes encontrar soluções acordadas e do agrado de todas as etnias.

O primeiro e mais importante problema consiste em delimitar nitidamente a competência e os compromissos recíprocos entre a União e as Repúblicas Federadas. Trata-se, de facto, da fórmula universalmente reconhecida:

«não há Repúblicas fortes sem uma União forte, não há uma União forte sem Repúblicas fortes».

O segundo problema substancial, formulado pelo documento, é a passagem das Repúblicas para a **auto-gestão financeira** e o autofinanciamento. O PCUS define claramente a sua atitude para com todos os aspectos do problema. **A cidadania é também uma questão importante.** (Um cidadão de uma República é simultaneamente cidadão da URSS. O documento considera inadmissíveis os privilégios para algumas etnias e o menosprezo dos direitos de outras por razões nacionais, religiosas, linguísticas ou por prazos de residência.)

As Repúblicas, aderindo à URSS, outorgaram-lhe o direito de delimitar as principais orientações da **política externa.** Todavia, preservaram um traço inalienável da soberania como o direito de manter relações com outros países e organizações internacionais.

Outra questão é a da **correlação de direitos entre a União e as Repúblicas na garantia da segurança social.** A lista das **questões candentes** contém igualmente o estatuto das organizações sociais e a sua actividade numa federação renovada, o estatuto jurídico da Federação Russa e as suas estruturas estatais e nacionais, as formas de transformação da Federação Soviética.

O PCUS formulou, no documento divulgado, a sua posição em relação a todas essas questões.

# Os acontecimentos de 1939

## «Pravda» entrevista Iakovlev

«Estou convencido de que dizer a verdade é o melhor modo de corrigir erros passados e evitar novos. É preciso ponderarmos as nossas opiniões, sermos mais reponsáveis na nossa actuação e honestos perante nós próprios. A História não pode ser reescrita porque é um facto consumado. Mas podemos estudá-la a fundo não a adaptando aos nossos desejos de modo a evitarmos a repetição das provações por que passámos no passado. Trata-se de um ponto muito importante já que foi uma experiência pela qual os povos da União Soviética pagaram um preço incomensurável» — com estas palavras conclui Aleksandre Iakovlev, membro do bureau político e secretário do CC do PCUS, presidente da Comissão do Congresso de Deputados do Povo para a apreciação política e jurídica do Tratado Soviético-Alemão de Não-Agressão de 1939, a entrevista concedida ao «Pravda», em meados de Agosto.

Trata-se de uma entrevista particularmente oportuna, em particular no quadro da utilização, pela propaganda objectivamente ligada ao capitalismo, dos sérios debates sobre a história soviética e a história da Segunda Guerra Mundial, para tentar denegrir o socialismo como sistema e ideal, e pôr em causa os delicados equilíbrios políticos historicamente formados no continente europeu.

Limitamo-nos a transcrever aqui parcelarmente uma resposta que se refere a uma das questões actuais e candentes, na impossibilidade de concedermos mais espaço a um tema que sem dúvida manterá todo o seu interesse.

P — «Nos debates surgidos hoje, sobretudo nas repúblicas do Báltico, ouve-se dizer que o Pacto de Não-Agressão e o respectivo protocolo secreto funcionaram praticamente como fundamento jurídico de todas as mudanças operadas mais tarde na Europa. Sendo assim, para restabelecer a situação exis-

tente antes da guerra, impõe-se invalidar o pacto logo de início, não é verdade?

A.I. — «Se aceitássemos essa posição, seria o mesmo que declarar nula a guerra. E, nesse caso, como qualificar as suas vítimas?

«As tentativas para fazer depender as realidades europeias territoriais e outras, total como elas se formaram, em resultado da guerra e do desenvolvimento pós-guerra, dos tratados com a Alemanha, deturpam os factos. Já mencionei parte deles. Os debates tornaram-se, em princípio, desnecessários, desde que o Pacto de Não-Agressão e os restantes acordos com a Alemanha perderam todo o valor jurídico a 22 de Junho de 1941 entre os governos da URSS e da Polónia, que teve um carácter simbólico, compreensível e justificado naquelas condições concretas.

Pode-se encarar a outra luz o Tratado de 23 de Agosto, mas também nesse caso há que reconhecer que nem o tratado nem o respectivo protocolo definiam o estatuto jurídico e político da Lituânia, Letónia e Estónia e que o seu estatuto mudou em função de outras circunstâncias. É ainda mais absurdo buscar quaisquer ligações mútuas entre a actual situação das três repúblicas e o Pacto de Não-Agressão.

«Durante a guerra e depois dela, formou-se uma nova estrutura mundial e europeia. Surgiram novos princípios de relações entre Estados, fixados na Carta de ONU e em todo o sistema de tratados de paz, bem como em resoluções sem paralelo como a Acta Final de Helsínquia.»

Significativamente, Iakovlev sublinha na entrevista: «Não se pode esquecer que não foi a União Soviética que agrediu a Alemanha mas a Alemanha que agrediu a União Soviética.» Um facto elementar que há quem queira fazer hoje por ignorar.

### Papa vai a Timor-Leste

O Vaticano confirmou esta semana que o Papa João Paulo II vai visitar o território ocupado de Timor-Leste no dia 12 de Outubro. A controversa visita de João Paulo II a Timor-Leste terá lugar no quadro da sua digressão ao Extremo-Oriente, que o levará também à Coreia do Sul, Indonésia e Ilhas Maurícias, de 7 a 16 de Outubro.

Nos dias 9 e 11 de Outubro o Papa estará na Indonésia, deslocando-se no dia seguinte a Timor-Leste.

O território de Timor-Leste, de que Portugal é internacionalmente reconhecido como potência administrante, foi anexado pela Indonésia em 1975, privando a população do território de exercer o seu direito à autodeterminação. A invasão e ocupação de Timor-Leste nunca foi aceite pelo seu povo, o que é aliás testemunhado pela sua resistência, e pelos massacres praticados pelas forças indonésias, cuja dimensão levou o Bispo de Díli a afirmar, em apelo dirigido ao secretário-geral da ONU: «estamos a morrer não só como povo, mas também como nação».

Em declarações divulgadas no início desta semana pela AAP, D. Ximenes Belo reiterou o seu apelo para a realização de um referendo sobre a autodeterminação de Timor-Leste, afirmando que o povo do território deve poder expressar «as suas ideias e anseios sem ameaças e pressões».

### Cambodja

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, Guennadi Guerassimov, classificou de lamentável o facto de até agora não ter sido possível a regularização da situação no Cambodja.

Falando em Moscovo Guerassimov classificou a posição dos países da Indochina sobre o problema como «uma boa oportunidade para alcançar soluções de compromisso», e reiterou a disponibilidade da União Soviética para participar na sua elaboração, no âmbito da reunião internacional de Paris sobre o Cambodja.

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS salientou a necessidade de implementação da retirada das tropas vietnamitas do Cambodja até 27 de Setembro, a criação de um órgão dirigente com amplos poderes no período de transição, e o envio de uma missão da ONU a Pnom Penh.

### Cadeia de televisão anticubana

O projecto norte-americano de criação de uma cadeia de televisão anticubana, designada «TV-Martí», é «um perigoso precedente que ameaça todos os países em desenvolvimento» — afirma a Organização de Solidariedade com os Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL).

Aquela organização, em declaração divulgada em Havana, sublinha que a criação da «TV-Martí» constitui uma grosseira ingerência nos assuntos internos de Cuba e uma provocação aberta por parte dos EUA.

Recorde-se que de acordo com o projecto, as autoridades norte-americanas tencionam transmitir as primeiras imagens para o território cubano, através da «TV-Martí», já no fim deste ano. Segundo a OSPAAAL, esta decisão coincide com o agravamento do bloqueio económico a Cuba.

Com a criação da «TV-Martí» as autoridades norte-americanas violam o Acordo Internacional de Telecomunicações assinado em 1982, em Nairobi, por 132 Estados, incluindo os EUA.



### Israel expulsa palestinianos

As autoridades israelitas expulsaram no início desta semana cinco palestinianos acusados de promover o Intifada, levantamento popular nos territórios ocupados, iniciado há já 20 meses.

Quatro dos palestinianos foram expulsos para o Líbano, tendo sido transportados em helicóptero militar israelita até ao limite da chamada zona «de segurança» criada por Israel em território libanês. O quinto palestiniano foi expulso para França.

Com estas expulsões sobe para 61 o número de palestinianos expulsos por Israel desde o início do Intifada, em Dezembro de 1988.

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) apelou às Nações Unidas para que impedissem a execução da medida israelita.

## Internacional

# Savimbi encurralado admite retomar conversações de paz

Em comunicado assinado por Jonas Savimbi e divulgado na semana passada, a UNITA declarava a continuação da guerra em Angola, rejeitando assim o documento saído da cimeira dos oito chefes de Estado africanos que decorreu no passado dia 22, em Harare. A esta declaração juntou-se a renúncia de participar em negociações com o MPLA até ao próximo congresso da organização, anunciado, sábado último, para 25 de Setembro e destinado a debater a questão da paz. A UNITA comprometeu-se igualmente a não empreender nenhuma ofensiva contra as FAPLA, limitando-se a assumir acções de defesa. Inesperadamente, porém, depois de um encontro em Pretória com De Klerk, domingo passado, Savimbi viria a recuar afirmando que o seu movimento está pronto a recomeçar de imediato as negociações com Luanda.

A cimeira de Harare consagrada ao problema da paz em Angola reiterou os princípios estipulados em Gbadolite, exigindo no seu comunicado final o respeito da constituição angolana e das suas principais leis, assim como a cessação de toda a ingerência nos assuntos internos de Angola. Foi igualmente reafirmado o princípio da integração dos elementos da UNITA nas instituições da república, tal como o cessar-fogo e o fim das hostilidades em todo o território angolano, em vigor desde o dia 24 de Junho do corrente ano. Os oito chefes de Estado pronunciaram-se ainda a favor da criação de uma comissão para definir a forma como será implementado o plano de reconciliação nacional e apoiou a mediação do Presidente do Zaire no processo de negociações.

A cimeira dos líderes africanos ouviu ainda o relatório do mediador Mobutu aprovando de seguida o afastamento temporário e voluntário de Jonas Savimbi, tratamento, aliás, que teria sido acordado com o próprio em Gbadolite,

segundo reafirmou no termo do encontro o Presidente Eduardo dos Santos, apesar de o dirigente da UNITA o ter já desmentido repetidas vezes em público.

É nesta sequência que Savimbi volta a declarar guerra a Angola recusando-se a acatar as decisões da cimeira, as quais por estranho que pareça mais não fizeram do que confirmar e clarificar o que em Gbadolite tinha ficado assente com a UNITA. De recordar que os oito presidentes reunidos em Harare haviam estado em Gbadolite na assinatura do cessar-fogo.

Ao dar este passo a UNITA estava a deitar por terra todo o longo e complicado processo de paz o que levou o Presidente Eduardo dos Santos a desejar que Savimbi «voltasse à razão», quando se realizasse, em 18 de Setembro, a próxima reunião sobre Angola.

## O encontro de De Klerk com Mobutu

Entretanto o Presidente interino da África do Sul, Frederik



Em Harare, Zimbabwe, a cimeira de oito chefes de Estado africanos reafirma que o afastamento do líder da UNITA, Jonas Savimbi, é essencial nos acordos de Gbadolite sobre a paz em Angola

rik De Klerk, propõe-se intervir no processo por forma a alterar-lhe o rumo e salvar a paz em Angola, aproveitando também para dar um impulso à ofensiva diplomática de Pretória na África negra. De Klerk prevê certamente tirar dividendos políticos para o seu partido, num momento em que se aproximam perigosamente as

eleições legislativas marcadas para 6 de Setembro, desta sua participação em negociações de paz que se agravaram sobretudo nos últimos dias. É neste âmbito que se realizou, sexta-feira passada em Goma, o encontro do Presidente sul-africano com o Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, durante o qual os dois

chefes de Estado discutiram, entre outros pontos, «a recente delicada situação em Angola» e sublinharam que «a paz e a estabilidade são indispensáveis para o desenvolvimento da região», dizia-se no comunicado final da reunião. Os dois líderes concordaram também que era necessário unir esforços para salvar o acordo de paz em Angola.

Como consequência imediata destas conversações Savimbi teve de efectuar este fim-de-semana uma viagem inesperada a Pretória para se avistar com De Klerk. Pouco depois da reunião que não durou mais de duas horas, o chefe rebelde em declarações à France Presse afirmou que está disposto a retomar as negociações com Luanda, contradizendo assim as recentes ameaças de boicotá-las. Por outro lado, Savimbi deixou claro que não contestará Mobutu no seu papel de mediador. «Se o Presidente Mobutu convocar uma reunião, a nossa delegação não faltará», disse o dirigente da UNITA, que acrescentou existir «o espírito do cessar-fogo. É preciso materializá-lo», dispendo-se a assinar, imediatamente, um acordo de paz seguro e duradouro.

A evidente pressão que o Presidente interino sul-africano terá exercido sobre Jonas Savimbi, que vê fugirem-lhe todos os apoios com que contava, obrigou-o a rever radicalmente as suas posições e a admitir a responsabilidade do seu movimento pela morte dos seis soldados cubanos, que disse tratar-se de um incidente que a UNITA deplora, e que constituiu uma grosseira violação do cessar-fogo.

## África do Sul

### A maioria não pode votar

Pela primeira vez na África do Sul, brancos, indianos e mestiços vão votar simultaneamente para eleger os seus representantes nas três câmaras separadas do Parlamento: exactamente uma para os brancos, outra para os indianos, e a terceira para os mestiços, não tendo as duas últimas qualquer poder real. Entretanto os 22 milhões de negros sul-africanos, sem qualquer representação parlamentar, continuam privados do direito de voto.

O até há três semanas presidente da África do Sul referiu-se a esta questão dando a entender que a situação poderia vir a sofrer alterações com o novo governo, e aquando da promulgação de uma nova Constituição. Nas suas declarações proferidas no mês passado Pieter Botha admitia a abolição do regime do *apartheid* e afirmava como um dos objectivos das autoridades de Pretória a participação de todos os sul-africanos nos órgãos de poder.

Meras declarações de intenções desmentidas pela realidade na África do Sul. As mudanças de governo na África do Sul jamais alteraram a política de *apartheid*, limitando-se cada novo dirigente a pretender tornar a imagem do regime mais acei-

tável para a opinião pública internacional.

O novo presidente sul-africano Frederik de Klerk, que substituiu Pieter Botha está a seguir o mesmo caminho, como aliás é demonstrado pela brutal repressão de que continuam a ser alvo os activistas anti-*apartheid*. Os acontecimentos dão razão aos que consideram como nada promissora a plataforma com que se apresenta de Klerk, a qual nada altera nas estruturas do *apartheid*.

Para já, a menos de uma semana de mais uma farsa eleitoral, tudo indica que o Partido Nacional, no poder, e que detém actualmente 133 dos 177 lugares da Assembleia branca, continue como partido maioritário, apesar de se apontar para uma significativa perda de votos para o

Partido Conservador (ainda mais radical), e mesmo para o recém-criado Partido Democrático.

Por isso mesmo o que se pode esperar destas eleições será a defesa do *apartheid* por parte da minoria branca. Esperar um resultado diferente seria o mesmo que admitir ser possível reformar o *apartheid*, sem o destruir. Um resultado diferente só será possível quando terminar a segregação e o racismo, quando estiver implantado o sistema um homem-um voto.

O Congresso Nacional Africano (ANC) declarou já que as eleições para o Parlamento de três câmaras não são mais do que uma nova tentativa do regime do *apartheid* para se manter no poder. Nesta perspectiva apelou ao boicote às eleições do próximo dia 6 de Setembro.

## Retoques na maquilhagem

As autoridades sul-africanas têm vindo a propagandear amplamente aquilo que

designam de reformas, ampliação da democracia e mudanças radicais. No entanto continuam de pé os fundamentos do *apartheid*, e a maioria negra, cerca de 75 por cento da população de África do Sul, continua impedida de participar na escolha dos órgãos de poder, privada do exercício dos seus legítimos direitos.

Na África do Sul funciona desde o princípio de 1985 um parlamento composto por três câmaras: a assembleia (para os cidadãos brancos), a câmara dos representantes (para os mestiços) e a câmara dos delegados (para os indianos). Desmentindo o proclamado «fim da era em que só os brancos tomavam decisões», estes continuam a ter superioridade numérica no parlamento: 178 membros na primeira câmara, 95 na segunda e 45 na terceira.

Para o cargo de presidente, que detém o poder executivo, que entre outros poderes ratifica ou veta todas as leis aprovadas em qualquer das câmaras obviamente só brancos podem ser «eleitos». A escolha é feita por 88 votantes, a maior parte dos

quais são, mais uma vez, brancos — 50, contra 25 mestiços e 13 indianos.

Nos últimos, devido à pressão do movimento anti-*apartheid* e da solidariedade internacional, o regime sul-africano viu-se forçado a recorrer a manobras demagógicas mascaradas de reformas.

Exemplo disso foram as eleições municipais realizadas em Outubro do ano passado, nas quais pela primeira vez brancos, negros, mestiços e indianos votaram simultaneamente por local de residência. Só que votaram, naturalmente, listas separadas.

E no total apenas se inscreveram nos cadernos eleitorais 2,4 milhões de negros, dos quais apenas cerca de cinco mil foram às urnas. Isto apesar de o boicote eleitoral ter sido considerado um crime pelo qual se poderia ser condenado a dez anos de prisão.

Destas pretensas reformas continua ausente uma componente essencial — a maioria negra sul-africana, que recusa a «reforma do *apartheid*» e luta pela sua destruição.

Passa agora o V centenário do nascimento de Gil Vicente, grande poeta e dramaturgo do séc. XVI. Gil Vicente pertence, junto com Fernão Lopes, Camões, Almeida Garret, Eça de Queiroz, ao número daquelas grandes figuras da nossa literatura que foram no seu tempo homens de progresso, críticos dos vícios das classes dominantes, lutadores contra o obscurantismo e as ideias retrógradas.

Gil Vicente foi um mestre na caracterização da alma do povo português, que conhecia profundamente, na descrição dos seus estados de espírito, de alegria e tristeza, de esperança e revolta. (...) Observador objectivo e lúcido da sociedade dos descobrimentos, não poupou críticas mordazes às classes dominantes — especuladores, frades e padres, fidalgos e bispos, príncipes, reis, papas e imperadores, acusando-os de viverem no luxo e na corrupção, de não cumprirem com actos aquilo que diziam em palavras, de não se preocuparem com os males que afligiam o povo. Apontou mesmo as consequências sociais dissolventes da pilhagem dos povos coloniais e a crise que isso provocava na economia portuguesa (...).

Muitas das suas sátiras permanecem actuais, aplicam-se à sociedade dos monopólios e latifundiários. Gil Vicente permanece, por isso, vivo e actual nas tradições democráticas e progressivas do nosso povo. Se visse a justiça que hoje existe em Portugal, Gil Vicente, como há 500 anos, não hesitaria em fazê-la dizer:

«Ando muito corcovada,  
a vara tenho torcida  
e a balança quebrada.»

(«Gil Vicente — poeta do povo» — «Avante!», VI Série, n.º 359, Setembro de 1965)

**AVANTE!** INFLUENCIADOS DE FOMOSOS MATEMÁTICOS

«Ao som das fanfarras tocadas pelos seus apaniguados do ministério, foi o ministro da Economia, prof. Teixeira Pinto, à Corporação da Lavoura proferir um improviso (!) no qual, como «remendo» para a crise da lavoura, prometeu um subsídio de 220 a 300 mil contos para os anos de 1964/65.

Em má hora o senhor ministro deu tal passo! De todos os pontos do País se levantaram os mais indignados protestos dos camponeses, pequenos e grandes, formulados em amplas reuniões para o efeito convocadas. Não é de remendos que a agricultura precisa — grita-se em todas essas reuniões — mas sim de medidas sérias que resolvam de uma vez uma grave situação que já dura há demasiado tempo.

Após o anúncio do subsídio, a Corporação da Lavoura publicou um comunicado (...) lembrando que os produtores de milho continuam em situação desesperada; que a abolição do subsídio do trigo, reconhecida tempos atrás como indispensável, roubou à lavoura 380 mil contos nos dois anos anteriores; que foram aumentados os preços dos adubos e das sementes.

Assim, diz a Corporação da Lavoura, «a promessa de 110 a 150 mil contos por ano de subsídio que agora se oferecem para o biénio 64/65 não chegam para colmatar os prejuízos resultantes de um único decreto — o que institui o Regime Cerealífero».

Em apoio desta tomada de posição sucedem-se as reuniões da lavoura por todo o País.»

«A grave crise da lavoura» — «Avante!», VI série, n.º 346, Setembro de 1964.

**N**o dia 25 de Agosto de 1988 Lisboa e o País receberam

ao despertar a notícia da tragédia e acompanharam com o coração nas mãos o combate dos homens contra as chamas que destruíram uma das zonas mais nobres da capital portuguesa. No número seguinte do «Avante!» dedicámos todo o caderno «Em foco» ao rescaldo do fogo, fazendo um primeiro levantamento dos enormes prejuízos e apontando ideias-força para o urgente trabalho de recuperação, reconstrução e revivificação que se impunha.



Em Foco / Avante!

«Deitou-se um dia sobre um monte;  
acomodou-se, depois, melhor noutro;  
espreçou-se noutro e noutro,  
ejitou em derradeiros olivais e  
vinhas, hortas e ferrageais;  
debruçou-se, a seguir, mais para o rio. Gostou de ver-se.  
Comps e tocando, concertos à luz e perfil,  
empoeu-se de cal, e deixou-se ficar memorada do Tejo.  
«Correram os anos. Vieram malefícios dos homens  
e da terra; agitaram-se abalos, queimaram-se  
laberintos, arrasaram-se as guerras,  
conspicaram-lhe a face de facilidades  
e de arrebiques polítrix de moquilhação.  
Foi sofrendo resignada.  
Aguardou-se hom aos seus outeiros,  
enleou-se mais no rio,  
deixou-se beijar melhor pelo sol, embrulhou-se  
num manto fino de sua luz de milagre.  
E continuou linda.»

## Pelo Chiado e por Lisboa

Passou um ano desde a data do desastre. Passaram quase quatro meses desde a aprovação unânime na Câmara Municipal de Lisboa da proposta do arquitecto Álvaro Siza Vieira. Estamos em vésperas de eleições autárquicas, e o candidato do PSD/CDS vem finalmente defender o debate público sobre o Chiado, que a CML aprovou por unanimidade mas que aqueles partidos inviabilizaram até agora.

A coligação «Por Lisboa» assinalou o aniversário do incêndio convidando os

jornalistas a visitar o local com candidatos e apoiantes da lista e do projecto a que o acordo PS/PCP/MDP/PEV deu base.

Neste «Em foco» falamos dessa visita/conferência de imprensa. Falamos — com as palavras de quem sabe — do Chiado do futuro, das propostas para toda a baixa pombalina, da Lisboa que agora é e daquilo que pode ser. Mas alargámos o tema e ouvimos outras opiniões. E aquilo que começou por ser uma visita pelo Chiado resultou numa volta guiada por Lisboa, sobretudo a zona da baixa pombalina.

# «Por Lisboa» adianta propostas Recuperar o Chiado dar vida à Baixa

**N**o dia em que passou um ano sobre a data do incêndio do Chiado a coligação PS/PCP/MDP/PEV propôs à comunicação social uma visita/conferência de imprensa, apresentando no local as propostas «Por Lisboa» para a recuperação desta zona e para a revitalização de toda a baixa pombalina.

Na iniciativa participaram Rui Godinho, Vasco Franco e Vítor Costa (veredores da CML), a engenheira Campos e Matos, os arquitectos Francisco Keil do Amaral («Pitum»), Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira. Os jornalistas presentes ultrapassaram as três dezenas.

Pouco depois das 10.30 da passada sexta-feira, junto ao elevador de Santa Justa e às ruínas do Carmo, Rui Godinho dava as boas-vindas aos profissionais da comunicação social e apresentava os outros candidatos e apoiantes da coligação ali presentes.

Depois de chamar a atenção para as «pressões patentes» para que o projecto de Siza Vieira seja

alterado, passou a palavra a Vasco Franco, que referiu a necessidade de ligar o Chiado a toda a baixa e denunciou o facto de neste ano nada ter sido feito para contrapor aos riscos evidentes de aqui suceder algo semelhante ao desastre de Agosto de 1988.

Rui Godinho chamou ainda a atenção dos jornalistas para as medidas de emergência propostas pela coligação neste campo.

Já com as ruínas do Chiado por fundo e um aglomerado de gente no passadiço da Rua do Carmo, o vereador do PCP apontou as medidas que a coligação propõe para acelerar os trabalhos de recuperação da área sinistrada, enquanto o eleito do PS criticou o comportamento centralista de Nuno Abecasis e o *acordo de cavalheiros* anunciado pelo presidente mas que, afinal, «não é acordo nenhum».

Neste momento está-se numa situação em que — afirma a coligação — «**não foram clarificadas as razões e as responsabilidades do sinistro; não há informação transparente sobre o andamento do processo; não houve debate público, apesar de unanimemente aprovado pela Câmara; não há perspectivas nem prazos claros para a recuperação; há sérios riscos de desvirtuamento do projecto aprovado** (em particular, referem-se «pressões crescentes» para aumentar as áreas de construção e alterar as funções, bem como afirmações públicas do presidente da CML admitindo a possibilidade de construção de caves e galerias suplementares para comércio).

A coligação reafirma o seu apoio à proposta de Siza Vieira e defende que esta deve ser cumprida «com integral respeito pelos



Rui Godinho, outros candidatos e apoiantes da coligação «Por Lisboa» e muitos jornalistas na visita/conferência de imprensa efectuada dia 25 de Agosto, apresentaram várias propostas para acelerar a recuperação do Chiado. Os efeitos do incêndio do ano passado são bem visíveis na foto de cima, que ocupa toda uma parede no gabinete do arquitecto Álvaro Siza Vieira



## Não pode ser uma ilha!

O Chiado «**não é, nem pode ser, uma ilha**» — considera a coligação «Por Lisboa», defendendo a ligação à baixa pombalina e a integração num espaço mais amplo.

«No mais curto prazo» — propõe a coligação — devem ser adoptadas medidas para proteger a baixa e os bairros populares envolventes dos riscos a que estão sujeitos, «aliás semelhantes aos que vitimaram o Chiado».

Os candidatos «Por Lisboa» destacam, dessas medidas, a **redução de cargas térmicas, a reposição de elementos corta-fogo clandestinamente rétirados, a instalação de sistemas de alarme contra incêndios e de extintores, o reforço da rede de bocas de incêndio e a remodelação das instalações eléctricas degradadas.**

Para o curto e médio prazos a coligação defende um **plano de reabilitação de revitalização de toda a baixa pombalina**, «de modo a que o Chiado não passe a ser, no futuro, uma ilha nobre rodeada de quarteirões em crescente degradação e desertificação». Este plano deverá ainda contemplar medidas que libertem a baixa e os bairros populares de actividades de grande risco e regulamentar de forma rigorosa todas as que ali poderão funcionar.

A coligação tem ainda propostas concretas para a **manutenção e promoção de actividades vivificadoras da zona**, nomeadamente actividades lúdicas e culturais.

Com esse objectivo, «Por Lisboa» propõe a **revalorização dos teatros** ali existentes (S. Luís, S. Carlos, Trindade e D. Maria II), bem como de outros pontos de convívio e fruição cultural (cafés Nicola, Brasileira, Bénard e Martinho da Arcada), e a **melhoria da qualidade do espaço urbano** nas praças e outras áreas pedonais importantes (Restauradores, Rossio, Figueira, Martim Moniz, Rua Augusta, Praça do Comércio e Praça do Município).

Defendendo a instalação na Rua dos Sapateiros da futura **Escola do Comércio** como medida para a potenciação de outros equipamentos culturais e de ensino existentes na baixa) Escola Superior de Belas Artes e Faculdade de Arquitectura), os candidatos «Por Lisboa» sugerem ainda que seja **reinstalado o Comando Distrital da PSP** (após negociação da cedência de terrenos com o Governo).

A visita/conferência de imprensa da coligação «Por Lisboa» terminou com uma animada conversa com Siza Vieira, nas instalações do Gabinete do Chiado da CML.

## Falta informação

A coligação «Por Lisboa», num documento que distribuiu contendo o fundamental da mensagem desenvolvida ao longo da manhã, constata que, apesar de serem conhecidas as «causas profundas que concorrem para o sinistro» — referindo uma errada política urbanística, a terciarização, desertificação e decadência da baixa e áreas adjacentes, a que acrescem «intervencções desastrosas como a Rua do Carmo» —, não se sabem ainda as conclusões dos inquéritos técnico e da Polícia Judiciária.

**princípios programáticos» que a CML aprovou a 3 de Maio.**

Para a aceleração do processo de recuperação do Chiado «Por Lisboa» propõe o diálogo com os proprietários «de forma a que estes participem e se dinamizem»; a «celebração urgente de protocolos entre a Câmara e os proprietários que estipulem os direitos e deveres recíprocos», «os prazos das diversas intervenções» e «as relações contractuais com os inquilinos»; a utilização, «sempre que tal se justifique», de todos os mecanismos resultantes da declaração de área crítica de recuperação (direito de preferência, expropriações e posses administrativas).

A coligação alerta para a necessidade de o Governo prorrogar o prazo de validade do decreto que declara a zona como área crítica, o qual expira a 26 de Outubro.



Havia muito tempo que o Grandella ardia quando foram alertados os bombeiros

## Diz quem sabe: «Não há incêndios grandes»

O incêndio do Chiado trouxe para a praça pública com natural acuidade as preocupações com a segurança e a prevenção contra fogos. Certamente não houve, naquele dia 25 de Agosto de 1988, um bairro onde os moradores não se perguntassem: «E se fosse aqui?».

Na Câmara de Lisboa a data do incêndio marcou também um despacho do presidente ordenando um levantamento pormenorizado das condições de segurança na baixa pombalina. O relatório do Regimento de Sapadores Bombeiros foi entregue ao eng.º Abecasis uns dias antes da data-limite (15 de Agosto), mas ainda não foi dado conhecimento aos vereadores, nem à comunicação social. Para falar de segurança contra incêndios, particularmente na baixa de Lisboa, estivemos no comando do Regimento de Sapadores Bombeiros, onde nos sublinharam a importância de uma boa prevenção e de uma pronta detecção, lembrando que «não há incêndios grandes», a não ser quando lhes são dadas condições para crescer.

O major Costa é adjunto técnico do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, responsável pela parte técnica da prevenção, com participação activa no levantamento. Este trabalho implicou o conhecimento, piso por piso e edifício por edifício, numa zona limitada pelo Rossio, o Terreiro do Paço, a Rua do Alecrim e a Rua da Madalena, das condições de prevenção e segurança, nomeadamente: a ocupação efectiva de cada piso e cada edifício, a situação de segurança existente no que se refere à acumulação de poeiras nos forros das coberturas, as instalações eléctricas, as cargas térmicas armazenadas e qual a sua natureza, as condições de estabilidade dos edifícios, a capacidade de rápida evacuação, os dispositivos de segurança contra o fogo.

«Foram assim vistoriados» — relata o major Costa sem necessitar de recorrer a qualquer cácula, que o trabalho força a decorar estes dados — «594 edifícios, o que deve dar, por estimativa, cerca de 4600 fogos, de actividade diversificada: habitação, estabelecimentos comerciais, escritórios, arquivos, armazéns, edifícios devolutos, estabelecimentos hoteleiros, pequenos estabelecimentos industriais, igrejas, edifícios, estatais, bancos, garagens, cinemas».

As visitas iniciaram-se em Setembro de 1988. Todo o trabalho foi feito em menos de um ano e o relatório

foi entregue uns dias antes do prazo fixado pelo presidente da CML, 15 de Agosto.

Este levantamento foi, note-se, um trabalho suplementar, uma vez que o Regimento continuou a dar resposta ao trabalho corrente. E, como nos referiram no comando, os bombeiros não tratam apenas de apagar fogos. Um exemplo poderia ser a recolha de animais mortos na via pública. Outro — as **quatro mil chamadas** a que respondem anualmente apenas para abrir a porta a alguém que fechou o apartamento mas se esqueceu da chave: uma média superior a dez casos por dia.

Mas note-se ainda que não foi apenas na presidência da Câmara que o incêndio do Chiado suscitou a reacção típica de «casa roubada, trancas na porta». Também os municípios se lembraram que, sobretudo no caso dos incêndios, mais vale prevenir».

### Regulamentação e prevenção

«Qualquer pessoa particular ou organismo oficial» — lembra o major Costa —, «pode solicitar ao Regimento, em qualquer altura e gratuitamente, uma vistoria do prédio que ocupa. Depois do fogo do Chiado esses pedidos cresceram muito,

amontoaram-se aqui, tivemos que seleccionar os casos mais urgentes e deixar outros a aguardar».

Só desde 1974 é que para a cidade de Lisboa a construção de novos edifícios ou a realização de grandes remodelações passaram a necessitar de um parecer vinculativo do Regimento de Sapadores Bombeiros no que se refere à segurança contra incêndios. Nessa altura — como nos disse o major Costa — o Regimento preparou para a Câmara Municipal de Lisboa uma série de normas que depois outras câmaras também adoptaram.

Isto no que refere às construções posteriores a 1974. Quando às restantes, não há legislação, a não ser a normas saídas em 1986 para estabelecimentos comerciais e, há alguns meses, para estabelecimentos hoteleiros, normas essas de âmbito nacional e abrangendo todos os estabelecimentos, independentemente da data da construção.

«Relativamente à baixa lisboeta, a legislação de 1974 não poderia ser aplicada, não tinha força de lei» — constata o major Costa, informando que neste momento a questão da regulamentação está a ser travada por várias comissões, de que também fazem parte elementos do Regimento de Sapadores Bombeiros:

«Foi já concluída e deve estar para sair em breve legislação para os edifícios de habitação, da vivenda às torres de 40 ou 50 pisos. Também está numa fase bastante adiantada regulamentação a aplicar a edifícios de tipo administrativo, escritórios, ocupação terciária. Está a ser também revista toda a regulamentação para casas de espectáculos».

Contudo, sublinha, «há muito mais edificações, com funções diversificadas, que não têm regulamentação própria. E é necessário haver essa regulamentação, a nível nacional».

A existência destas normas legais é considerada importante como base para uma boa prevenção dos incêndios. E esta é um instrumento fundamental na luta contra o fogo —

como salientou por várias vezes o major Costa.

Uma vez que os resultados do levantamento feito na baixa ainda não foram divulgados pela CML, pedimos ao major Costa uma opinião sobre a situação, em traços gerais, na capital.

### Em Lisboa

«A situação na cidade de Lisboa é como noutra qualquer, havendo zonas de maior ou menor risco de incêndio. Temos é que» — realçou — «ter consciência dos riscos que corremos e saber como proceder num caso desses. Não há grandes incêndios, todos os incêndios são pequenos, só são grandes se o alarme não for dado rapidamente e o fogo se propagar.»

Uma das zonas de risco é precisamente a baixa. E o major explica porquê:

«Os edifícios pombalinos têm paredes exteriores em alvenaria, as di-

visórias são em tabique, as pavimentos em madeira, tal como as escadas e a estrutura; ou seja, são edifícios em cuja construção foram utilizados materiais combustíveis. Isto faz com que não exista compartimentação corta-fogo nos pisos e, ocorrendo em incêndio, ele pode alastrar não só em plano, mas também em altura. Todo o edifício funciona como um único compartimento de fogo.»

Por outro lado, na baixa pombalina a habitação é muito reduzida, o que dificulta uma pronta detecção dos incêndios. «O melhor detector é o homem» — realça o major Costa. — «Onde não seja possível estar presente o homem, claro, são fundamentais sistemas automáticos de detecção. Mas na baixa, na generalidade, esses sistemas não existem. Por exemplo, se existissem no Grandella ou no Chiado, o incêndio teria sido detectado mais rapidamente».

## Tem extintor em casa?

Há meios para fazer face ao incêndio numa primeira tentativa imediata. No comando do Regimento de Sapadores enumeraram-nos algumas:

«Tem um extintor em casa? Deve comprar. Quem estiver habituado a isso deve tentar combater logo o fogo para tentar resolver a situação. Quem não está preparado para isso, naturalmente, liga para os bombeiros. Mas há medidas muito simples de prevenção: ter as instalações eléctricas em condições, ter cuidado com tudo o que gera calor e onde há fogo — o fogão, vulgarmente.»

Resumindo:

«Para haver um incêndio são necessárias três condições: existir o material combustível, existir o comburente (oxigénio) e existir fonte de calor ou chama. Onde existem estes três factores é preciso ter cuidado.»

E, quando forem necessários quaisquer esclarecimentos ou qualquer ajuda, há só que dirigir-se aos bombeiros, sempre prontos a auxiliar. ■

# Conversa com Siza à volta de um projecto

O futuro Chiado foi tema para um dos momentos de maior interesse na visita/conferência de imprensa da coligação «Por Lisboa». O local foi o Gabinete do Chiado, instalado num primeiro andar da Rua Nova do Almada. Para conversar com os candidatos e apoiantes da coligação e com os jornalistas estava lá o arquitecto Álvaro Siza Vieira, autor da proposta para a recuperação da zona sinistrada. Este documento — que contou ainda com o trabalho dos arquitectos Carlos Castanheira e Luís Mendes (equipa do projecto), do arquitecto António Angelillo e do desenhador André Braga, com coordenação e assessoria técnica do Gabinete do Chiado — foi aprovado por unanimidade na Câmara Municipal de Lisboa em 3 de Maio. Os seus pontos fundamentais e a posição dos vereadores do PCP foram referidos num artigo de Rui Godinho publicado no «Avante!» de 18 de Maio.

A conversa com Siza Vieira começou com uma exposição do arquitecto sobre o ponto em que se encontra actualmente o trabalho de revivificação do Chiado. E foi por aí fora... Do que lá se disse deixamos aqui um apontamento:

**Siza Vieira:** Em linhas gerais a recuperação do Chiado manterá a arquitectura pré-existente, com algumas transformações. Não é transformadora do ponto de vista físico, o que se justifica porque não é grande também a transformação do ponto de vista de programa. E não só os aspectos de valor de património. Os elementos novos dizem sobretudo respeito ao interior dos quarteirões, ou seja, um pátio por trás dos edifícios com frente para a Rua do Carmo, e desse pátio, que é uma superfície horizontal, à cota da Rua Garrett, dar-se-á a abertura de uma rampa que conduz ao portão Sul da Igreja do Carmo, das ruínas da Igreja do Carmo. Teremos também a recuperação do pátio do interior do outro quarteirão — limitado pelas ruas Garrett e Nova do Almada —, o qual será igualmente, tal como o anterior, um espaço único, ajardinado. Haverá elementos arquitectónicos novos — os portais de acesso a estes pátios interiores, a abertura de uma escada entre a Rua Nova do Almada e a Rua do Crucifixo, a qual vai, no nosso entender, melhorar o acesso, aumentar a relação da zona do Chiado com a Baixa Pombalina. Esta escada está construída em paralelo a uma escada mecânica, na qual termina o túnel que ligará ao Metropolitano, à nova estação de Metropolitano que será na Rua Garrett/Rua Ivens — esta era uma decisão anterior, portanto o que se fez foi coordenar esta realização com o projecto Chiado. Outro aspecto de certa importância, será a reabertura da Rua do Carmo, que está em estudo do ponto de vista de departamento de trânsito da Câmara de Lisboa, para reabrir ao trânsito condicionado de automóveis, refazendo a simetria que existia e que foi a determinada altura interrompida. Creio que serão os aspectos principais, porque do programa já estarão informados. Para o Chiado escolheu-se um hotel, um programa de hotel, e vê-se a futura organização do espaço interior do Chiado, que se adapta perfeitamente ao programa de hotel.

**Vasco Franco:** Agradecemos a sua exposição e já agora penso que era interessante tentar clarificar um aspecto: sabíamos que podíamos estar tranquilos em relação à evolução do Projecto nas mãos do senhor arquitecto. Ficámos algo intranquilos, e pensamos que isso vai gerar

alguma perturbação em todo este processo, quando o Presidente da Câmara anunciou há alguns dias que ia associar à recuperação do Chiado a construção de uma «cidade subterrânea», para comércio. Que informação é que o senhor arquitecto tem sobre este anúncio?

**Siza Vieira:** Bem, a informação que tenho não pode ser associada à ideia de uma «cidade subterrânea». A informação que eu tenho é esta: numa reunião com dois dos proprietários, que são proprietários do Chiado e do Grandella, o Presidente levantou a hipótese de acompanhar a galeria do Metropolitano com zonas comerciais. E articular essas zonas comerciais com caves dos edifícios envolventes.

**Rui Godinho:** Designadamente destes dois quarteirões?

**Siza Vieira:** Sim, essa foi a maneira como foi levantado o problema. E eu disse que iria estudar este aspecto. Porque, no estudo da primeira fase, a posição que eu tomei e aquilo que apresentei como proposta foi que não se faziam mais caves a não ser aquelas que existiam. Acontece que nos estudos um dos aspectos que tem sido mais trabalhado e mais delicado é o da consolidação das fachadas existentes de estrutura da zona, como o muro de suporte da Escola Veiga Beirão. Os nossos engenheiros, que são uma equipa contratada pela Câmara, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, concluíram que seria bom, para consolidação dos muros e das fachadas, ter uma cave, ou pelo menos que seria necessário abrir um buraco que poderia ser tapado. Mas uma das razões porque eu não queria caves era pelo receio do estado das fachadas ainda existentes. E, ao contrário do que pensava tem de se fazer um buraco para reforçar os alicerces que aqui são muito maus, bastante maus. Foi uma surpresa para mim.

**Rui Godinho:** Fala-se em sessenta centímetros?

**Siza Vieira:** As fundações estão a sessenta centímetros. Portanto têm mesmo de ser consolidadas. Enfim, estão a estudar o processo de fazer isso, o processo mais simples e mais económico. A partir daí, uma das razões importantes para não fazer caves desaparecia. E portanto a posição que eu tomei, a proposta, foi a de que tudo isso teria que ser medido. Ter-se-ia que encontrar a justa medida para as áreas subterrâneas. Principalmente para não criar uma pressão excessiva na zona. O princípio tem sido o de considerar, em tudo, o Chiado como uma parte da Baixa. Portanto, a

ideia de criar aqui uma pressão enorme, excepcional, não me agrada. O que ficou definido é que eu iria estudar essa proposta, iria definir o que me parecesse conveniente. O assunto não depende só de mim, só do arquitecto. Portanto estamos a iniciar estudos relativamente a isso.

**Rui Godinho:** O senhor arquitecto quando é que pensa que pode ter já...

**Siza Vieira:** Fim de Setembro. Para além disso, nunca ninguém levantou a hipótese de fazer montanhas de caves, três, quatro pisos, embora já haja um edifício que tenha, e aprovados, três pisos de caves mas é um caso único, o Eduardo Martins...

**Rui Godinho:** Mas já as tinha...  
**Siza Vieira:** ... Já as tinha. Então, a profundidade é diferente. Passa muito fundo, do Metropolitano, e tem de ser construído com máquinas diferentes das que vamos utilizar na reconstrução dos edifícios, com essa espécie de «toupleiras» que abrem um túnel sem ser ao ar livre, máquinas subterrâneas. E, portanto, a execução da galeria será correcta e mais económica em conjunto com o próprio Metropolitano. Por outro lado, embora nós tenhamos um protocolo assinado com o Metropolitano — criou-se uma comissão para definir e coordenar os projectos —, embora tenhamos esse protocolo com uma cota fixada, eu não tomaria o risco de considerar como definitiva essa cota. E há um exemplo anterior: o «Eduardo Martins» fez estas caves conjugando o seu estudo com o do Metropolitano em relação a um projecto que entretanto foi abandonado. Houve uma modificação. Por outro lado, não se sabe a data em que estará pronto o Metropolitano, não há uma decisão ainda relativamente a isso.

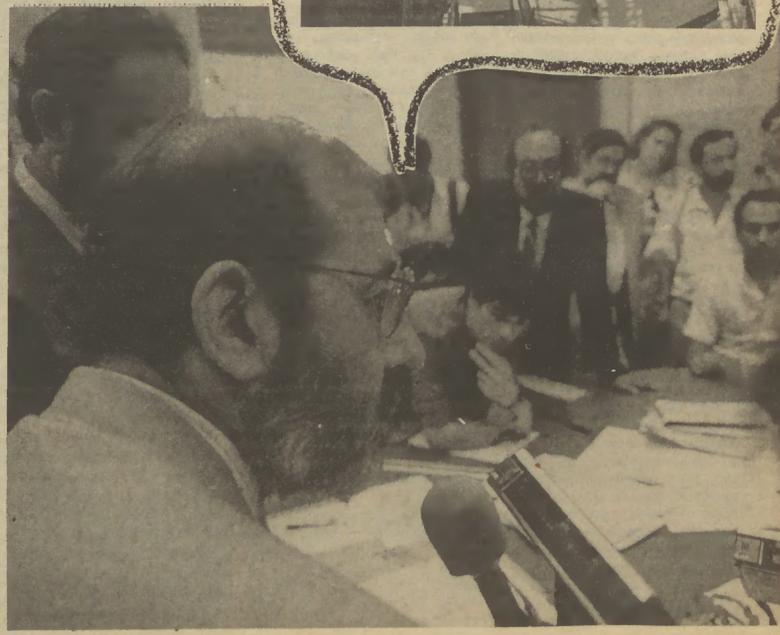
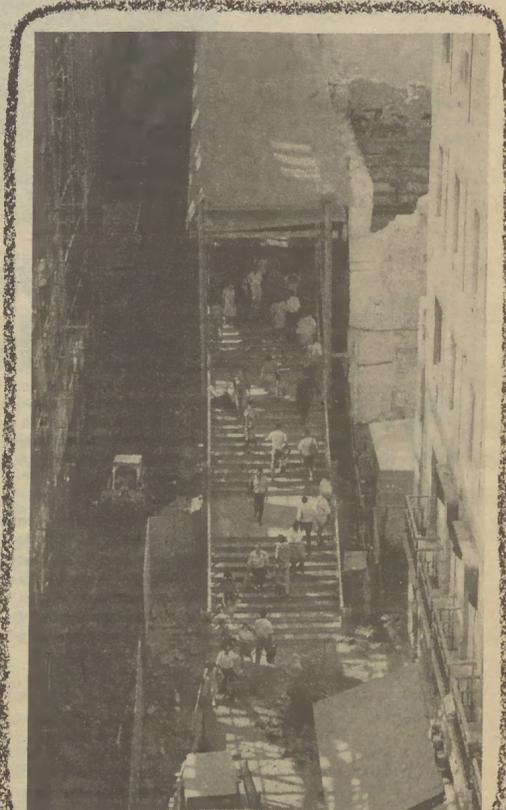
**Rui Godinho:** O Metropolitano fala em 94.

**Siza Vieira:** Fala em 94. Mas não sabemos. De qualquer modo será posterior à reconstrução do Chiado. Então, a minha proposta será de que as duas coisas, embora consi-

deradas como programa para o Chiado, na justa medida sejam separadas. Isto é: teremos uma empreitada (chamemos-lhe assim) será a reconstrução do Chiado; outra empreitada será a construção do túnel, eventualmente com zonas comerciais. E a previsão, nos dois projectos, da possibilidade de acesso, sobretudo a este pátio. Aí ele é natural, porque o Metropolitano necessita aí de uma chaminé de ventilação,

portanto pode ser um acesso... Isto é um pátio de boas dimensões, de vinte e cinco ou vinte por vinte metros. E é uma obra interessante, até porque pode ser uma primeira experiência a desenvolver posteriormente noutras zonas da cidade. Não na Baixa, porque os outros quarteirões da Baixa são muito pobrezinhos, o Pombal esqueceu-se desse aspecto. (Risos)

Dizia eu: separar as duas coisas.



E ver a possibilidade de ligação. E as zonas comerciais de um lado e de outro da galeria, acho uma ideia perfeitamente aceitável, de certa maneira torna mais agradável o percurso que são uns cento e cinquenta metros.

**Rui Godinho:** Então parece-lhe exagerado falar de «cidade subterrânea»...

**Siza Vieira:** Sim, no meu espírito... Há aqui um aspecto muito importante para a evolução desta ideia, que é a dificuldade de coordenar as duas coisas. Por natureza não podemos pensar em fazer já a galeria com um grande peso comercial sem haver a garantia da ligação com o Metropolitano. Porque não tem viabilidade. Quer dizer, ninguém vai meter-se num buraco se não tem que passar por lá, naturalmente.

**Jornalista:** Já que o projecto vai para essa zona, não seria preferível talvez que a construção fosse toda em simultâneo?

**Siza Vieira:** Mas é que a construção do Metropolitano depende de aprovações, verbas, etc., que a Câmara de Lisboa não domina.

**Rui Godinho:** E não podemos esperar pelo Metropolitano para reconstruir o Chiado? Temos é que deixar condições para que o Metropolitano possa fazer as suas obras.

**Siza Vieira:** É evidente que eu acho que seria melhor fazer conjuntamente. Embora do ponto de vista técnico não seja forçoso. Como digo são máquinas separadas e, enfim, é uma decisão que tem a ver com o Governo.

**Jornalista:** Partindo do princípio de que o Chiado vai ser um hotel, isto implica uma maior carga de pessoas, de veículos, etc. Como é que as pessoas vão estacionar? Há previsão de estacionamento?

**Siza Vieira:** Sim senhor, esse foi um dos aspectos que a Câmara recomendou, quando da aprovação da primeira fase, que fosse estudado em pormenor. E nós estabelecemos também aqui um gabinete de trabalho, incluindo os técnicos da Câmara e consultores exteriores. E o que está em curso, no fundo, é o apoio e a adopção a iniciativas de particulares. De grupos que pretendiam, em torno da zona do Chiado, construir parques. E que fizeram propostas. Portanto eu pedi para ser analisado o dimensionamento conveniente desses parques, e os problemas que punham quanto a acessos e a trânsito na zona. E já, creio, que há dois que estão aprovados. Portanto isso agora irá seguir através de projectos que essas entidades particulares vão apresentar. Portanto a ideia é à volta do Chiado, em locais que do ponto de vista de topografia são convenientes...

**Jornalista:** Subterrâneos ou em silos?

**Siza Vieira:** Subterrâneos. Mas com entrada, em geral, de nível. Aproveitando subidas e descidas na topografia. Só no Grandella vai existir um parque de estacionamento que é uma cave já existente, com acesso fácil pela Rua do Crucifixo. Ficou já perfeitamente assente.

**Nuno Portas:** Os armazéns do Chiado não têm...

**Siza Vieira:** Os armazéns do Chiado não têm porque eu não quis alterar aquelas caves, aquilo é muito interessante, caves com abóbadas do século XVI, anteriores ao convento de Ludovitch. Curiosamente eu pensava que este era o grande problema por causa das necessidades

do hotel. Mas, enfim, os especialistas que estiveram cá, contratados pela Câmara para fazer o estudo da viabilidade destas coisas, que eram muito contestadas, disseram que é normal que não tenha interesse ter um grande parque de estacionamento — para todos os quartos —, e que é normal ser à volta ou noutra sítio. Até porque o espaço do hotel, propriamente dito, vale muito. Portanto é normal — um hotel destes vai ser evidentemente um hotel caro — a pessoa traz um automóvel, ou vem de táxi, ou de carro de aluguer, ou traz um *chauffeur*. Se traz um automóvel há um empregado que vai guardar o automóvel e vai buscá-lo para sair.

Eu acho que esta estação do Metropolitano, para além do interesse do ramal para a cidade em geral, interessa muito à Baixa...

**Rui Godinho:** ... E ao Cais do Sodré, também...

**Siza Vieira:** ... À cidade toda. Agora, tem um aspecto, tem uma função muito importante para a Rua do Crucifixo. Isto é, a Rua do Crucifixo passa a ser uma rua de serviço, uma rua muito importante. Porque a afluência da Baixa toda vai ser aqui, na Rua do Crucifixo. Não é por acaso que a saída — e não é só pela topografia — que eu propus e foi aprovada pelo Metropolitano seja para a Rua do Crucifixo e não para a Rua Nova do Almada. Há depois uma escada de nível que conduz a um patamar entre as duas ruas. Quer dizer, tudo isso foi sempre no sentido de não criar a ilha, a ilha de «prosperidade».

**Rui Godinho:** Articulando com a Baixa de forma harmoniosa, não é?

**Siza Vieira:** Exacto.

**Rui Godinho:** Senhores jornalistas, a palavra é vossa.

**Jornalista:** Há bocado o engenheiro Godinho falou de que são já patentes pressões sobre o projecto. O senhor arquitecto tem sentido de alguma maneira essas pressões?

**Siza Vieira:** Não... não tenho, quer dizer, em todos os projectos estão envolvidos interesses de dinheiro. Portanto, pressões há. Não há dúvida de que um proprietário pede sempre para pôr mais um piso. Portanto são as pressões normais, pressões absolutamente normais. Da parte da Câmara tenho tido o maior apoio ao desenvolvimento do Projecto. Portanto a resposta é não. Não tenho sentido pressões. Se elas existem, desconheço.

**Vasco Franco:** As negociações com os proprietários têm decorrido mais com o Gabinete do senhor Presidente...

**Siza Vieira:** Inteiramente. É a assessoria do Presidente que tem conduzido essas negociações.

**Nuno Portas:** Não era preciso, nesta fase do Projecto, haver já protocolos com os proprietários que, de certo modo, os «agarrassem» a certas edificações e a certas funções? Designadamente o programa...

**Siza Vieira:** A assessoria da presidência está para aí há dois meses a entrevistar os proprietários, um por um, a negociar o programa dentro dos limites que o Projecto estabelece, e eu já tenho a maioria das fichas com o protocolo. Note-se que esses protocolos estão todos assinados.

Para mim, e tomando uma posição a seco, eu tenho um programa claro que apoia o Projecto.

**Jornalista:** Senhor Arquitecto, de



A imprensa seguiu atentamente a exposição de Siza Vieira sobre o Chiado, durante a visita dos representantes da coligação «Por Lisboa».

qualquer das formas, o seu Projecto tem recebido algumas adendas, algumas alterações, inclusive esta ideia de uma «cidade subterrânea» terá de ser alvo de um estudo seu para aprovação ou não.

Não teme que a mudança de Presidência da Câmara Municipal, venha a trazer novas ideias, mais pios, etc.?

**Siza Vieira:** Não prevejo isso, por duas razões: o programa foi aprovado em Maio e corresponde a uma decisão consensual entre os diferentes partidos representados na Câmara. Isto é, cada um dos partidos, ou pelo menos três, apresentou-me um Programa de Objectivos para a Reconstrução do Chiado, que analisei, e do qual me permitiu apresentar uma proposta de síntese.

Porque, basicamente, nas propostas dos partidos, as ideias eram as mesmas, apesar de algumas «nuances». Portanto eu fiz um documento síntese, que foi apresentado em Maio, e aprovado pelos representantes dos diferentes partidos.

Depois de uma fase inicial de grande polémica, «a quente» (ainda estavam as ruínas «a quente»), foi-se estabelecendo gradualmente um consenso relativamente à intervenção a fazer na reconstrução do Chiado.

Não prevejo por isso uma grande alteração no futuro.

A segunda razão que me leva a afirmar isto, é que fui procurado pelos diferentes candidatos a quem expliquei o trabalho, tal como o estou a fazer aqui, e fiquei com a impressão, e foi mesmo dito, que havia uma aprovação, um apoio, ao que está estabelecido.

**Rui Godinho:** Do nosso lado queremos reafirmar esse apoio ao Projecto, que, como o senhor arquitecto disse e eu já tivera oportunidade de referir, foi sujeito a um debate permanente durante a sua execução e, portanto, merece do nosso lado o maior apoio, para além de ter merecido a unanimidade na Câmara.

Eventuais alterações de fundo ao Projecto e à sua filosofia, do nosso lado não terão cabimento.

**Jornalista:** As pessoas perguntam hoje, passado um ano, em que pé é que está o Projecto, se ainda está «a lápis» ou se já está «a tinta permanente». Acho que é isso que as pessoas querem saber!

**Siza Vieira:** Já está a tinta desde Maio! Mas devo fazer uma informação sobre isso. Outra das ideias novas que apareceram na segunda fase, foi uma proposta feita por mim, que nasceu da preocupação de como executar as obras. Isto é, nós temos pouco espaço para estaleiros, acesso de materiais e tudo isso. Quando comecei a fazer propostas mais concretas para a reconstrução

dos edifícios (nomeadamente que estrutura sob o ponto de vista técnico, do ponto de vista do desenho, dimensões, se adaptaria à reconstrução destes edifícios), vi que seria muito mais fácil a reconstrução associando os proprietários e organizando empreitadas de grande dimensão, e não uma a uma.

Por outro lado isso dá um apoio grande para que não haja atrasos, e permitiria muito rapidamente elevar essas estruturas, com as caixas de escadas fixadas, dando aos proprietários a possibilidade de elaborar com o Arquitecto que escolhessem, o Projecto de interior que desejassem.

O único ponto de vista que me parece poder ser controverso, nesta proposta, mas que não diz respeito só à proposta em si, diz respeito aos condicionamentos postos ao trabalho dos arquitectos que irão fazer Projectos.

A isso a resposta que dou é esta: se um arquitecto vai trabalhar em qualquer zona da Baixa, ou em qualquer zona do Chiado que não esteja aqui englobada, vai ter exactamente os mesmos condicionamentos.

**Nuno Portas:** Se calhar mais...

**Siza Vieira:** Não direi menos, mas espero que sejam melhores condicionamentos... Bom, há já um pré-dimensionamento da estrutura, feita por um grupo de engenheiros contratados pela Câmara, e estamos a preparar um arranque muito rápido que não tem qualquer problema em relação a grande parte da área, mas tem alguns em relação a uma zona de recuperação que envolve já edifícios que não estão na zona sinistrada.

Em relação ao edifício do Chiado há todo um processo de definição de programa, e este é um Projecto que vai ser muito responsabilizado, pois trata-se de um edifício muito condicionado à estrutura interior existente, e o que eu vou definir no plano são os pontos especiais do interior do edifício que terão de ser mantidos, com a sua dimensão e proporções.

**Nuno Portas:** Eu julgo que toda esta preocupação com os prazos não é tanto em relação ao Projecto, mas em relação à forma de tudo isto chegar ao fim em prazos aceitáveis pelas expectativas das pessoas de Lisboa.

Esta questão refere-se à política de organização de estrutura da Câmara, a questão de operacionalidade deste Projecto no futuro, o que é preocupante.

O que nos preocupa é que a obra se faça com o máximo de velocidade que nos permita a cidade, a capacidade de investimento, etc.

É depois de o Arquitecto Siza

Vieira ter entregue o seu Projecto, o seu trabalho, de ele ter sido aprovado, ter sido feito o Debate Público, etc., que tudo poderá atar-se, se não houver condições reais (e não as temos visto até agora, a população de Lisboa não as tem sentido até agora), se não houver uma posição forte, imperativa, de uma máquina (e não de um Presidente que não o conseguirá sozinho), máquina essa que esteja sobretudo a mexer em função dos vários aspectos deste problema.

E queremos dizer mais: esta máquina poderia estar a mexer em alguns aspectos da Baixa, para não termos quarenta pontos de focos de perigos, havendo antes certas coisas que já deveriam ter sido postas em prática.

**Rui Godinho:** Relativamente a isto, queria lembrar uma questão que em Portugal não costuma estar resolvida, mas que desta vez está: é que para este Projecto está disponível uma verba de cinco milhões de contos, uma linha de crédito fortemente bonificada a que os proprietários podem ter acesso para obras de recuperação. Além do mais está disponível também um acréscimo de cerca de 10 milhões, concedidos por um organismo do Conselho da Europa, que reforça essa linha de crédito e de financiamento.

E segundo consta no Projecto, as obras orçariam em cerca de sete milhões de contos!

**Jornalista:** Já agora, uma última questão: em 25 de Agosto de 88 dizia-se que o Chiado chegava a quemado, hoje as pessoas já começam a dizer que «cheira a esturro». Quando é que vai cheirar «a limpo»? Fala-se em três anos, em cinco anos, em que é que ficamos?

**Siza Vieira:** Eu tenho previstos três anos, e este é o que tenho dito publicamente. E acho que é possível. Por outro lado, acho que a obra pode começar muito cedo, pelo menos no princípio do próximo ano, em Janeiro. Para isso é preciso que estes protocolos com os proprietários sejam uma realidade (e parece que assim é) e que os processos de empreitadas sejam simplificados. Normalmente perde-se muito tempo com todo esse processo burocrático, e talvez desta vez seja possível acelerar esse processo.

É preciso haver uma continuidade de utilização da zona (e isso foi resolvido com a instalação do passadiço), continuidade essa que tem de permanecer durante as obras.

Tenho ideia de construir um pontão sobre a Rua Garrett, acrescentando ao passadiço, de tal modo que haja um corredor central na Rua Nova do Almada, que liberte uma passagem e reponha o movimento total, durante os três anos da obra. ■

# E se há um incêndio em Alfama?

Um ano depois do incêndio do Chiado, que seria de Alfama se ali se vivesse uma situação similar? João Constantino, Presidente da Junta de Freguesia de Santo Estêvão, uma das duas freguesias que formam o Bairro de Alfama, olha-nos quase assustado perante a questão. É que Alfama é há muitos anos, e continua a ser, um pequeno barril de pólvora no meio da cidade: são edifícios velhos feitos de materiais altamente combustíveis; são depósitos acumulados de bilhas de gás; armazéns de papel em prédios de habitação; ruas por onde não se cruzam duas pessoas e por onde, muito menos, passaria um carro de bombeiros; uma população residente em grade parte envelhecida, sem capacidade física para responder e actuar em situações de emergência; até a canalização antiquada do chamado «gás de cidade», apesar de quase não ser usada, regista em Alfama fugas constantes a exigir reparações consecutivas...

«A grande vantagem que temos em Alfama, em relação à situação vivida no Chiado, é que o nosso Bairro não é uma zona de serviços. Alfama é um local onde vivem pessoas, que todo o dia tem gente, fazendo com que qualquer situação de incêndio que se registre seja rapidamente detectada, permitindo uma acção pronta dos bombeiros.»

João Constantino conta-nos uma situação recente, a demonstrar a eficácia da vigilância dos residentes e da acção pronta dos bombeiros:

«O caso foi o incêndio de uma frigideira numa cozinha. Poucos minutos depois de ter sido dado o alerta, em Alfama estavam já dezasseis carros de bombeiros para enfrentar o fogo...»

## Grupos de voluntários?

Mas o grande problema que se vive em Alfama, tem a ver com a dificuldade de acessos: já não é a primeira vez que os carros dos bombeiros têm de ficar longe do local do incêndio, quer por a apertada malha de casas, ruas e escadas não o permitir, quer pelo facto de muitas vezes os locais onde as viaturas dos bombeiros chegam, estarem impedidos pelo estacionamento de inúmeros automóveis.

Depois do incêndio no Chiado e da polémica que então se levantou sobre os sistemas de segurança

existentes nas zonas históricas da cidade de Lisboa, e nomeadamente, nos chamados Bairros Populares, algumas medidas de prevenção começaram a ser tomadas.

Em Alfama, o Regimento de Sapadores Bombeiros efectuou um estudo detalhado à zona, medindo todas as ruas por onde é possível a passagem de viaturas de combate a incêndios e recensando os locais de mais difícil acesso ou de maior perigosidade em termos de deflagração de incêndios.

Tal trabalho resultou num estudo que os bombeiros entregaram ao Gabinete Técnico de Alfama, onde se recomenda a compra de carros de mangueiras e extintores que equipariam as zonas onde as viaturas não têm acesso, para além de medidas de regularização do trânsito e estacionamento de automóveis.

Assim, e segundo um «Plano Especial de Salvaguarda», entretanto elaborado pelo Gabinete de Alfama, passariam a existir três tipos de vias no interior do Bairro: todas as ruas que circundam Alfama ficariam com o trânsito condicionado a veículos pesados; as interiores relativamente largas passariam a regime de trânsito condicionado e proibição de estacionamento; enquanto as restantes limitar-se-iam ao trânsito pedonal.

Nas ruas do interior do Bairro onde ainda seria possível circular de automóvel, tentar-se-á criar, tanto

quanto possível, uma circulação de sentido único, de forma a que o escoamento seja rápido.

Diga-se que a sinalização actual no interior de Alfama é deficiente, quando não contraditória. Por exemplo, nas ruas que vão dar ao Beco do Loureiro, quem quiser respeitar a sinalização poderá entrar, mas não sair, já que a única rua por onde, segundo o código da estrada, tal é permitido, nenhum automóvel poderá passar sem «alargar» a estreiteza da rua, que não chega a um metro e meio!

A aplicação destas medidas no trânsito sobretudo criar condições aos bombeiros para rapidamente chegarem a qualquer local. No entanto, mesmo que todo este projecto fosse aplicado de imediato, restaria ainda o problema dos inúmeros largos, becos, escadinhas e zonas de casas pegadas umas às outras onde é impossível aos bombeiros chegar com autotâncas.

Daí a recomendação dos bombeiros ao Gabinete Técnico de, por sua vez, recomendar à Câmara Municipal de Lisboa a compra de carros de mangueiras e extintores para equiparem essas zonas.

«Numa reunião que a Junta teve com as outras partes na Prevenção Civil, foi-nos sugerido que organizássemos grupos de voluntários, moradores nos locais onde serão instalados esses equipamentos, en-



João Constantino

sinando-os a forma correcta de utilizar esse material e de como combater princípios de incêndio.» Para as duas Juntas do Bairro, Santo Estêvão e São Miguel, tal sugestão não é realizável, não por esses voluntários não existirem mas, segundo nos diz João Constantino, «não ser possível garantir que essas pessoas estejam permanentemente no Bairro, já que têm os seus trabalhos, passam fins-de-semana fora, vão de férias...»

«Para além disso, não é assim tão fácil manter as pessoas preparadas para enfrentar incêndios, já que a forma de combate varia conforme as causas da deflagração, não sendo de esperar que as pessoas saibam actuar correctamente no uso diverso das mangueiras e extintores.»

## Na prática nada foi feito

Para João Constantino, o aproveitamento dos eventuais voluntários pode ser feito, mas coordenado por um destacamento dos Bombeiros com sede permanente em Alfama.

«Tenho até a ideia de sugerir que esse destacamento estivesse equipado com motorizadas, em vez dos habituais carros, já que assim os bombeiros chegariam mais rápida e facilmente aos locais, que entretanto estariam já equipados com os tais extintores e mangueiras. Seria assim possível aos bombeiros coordenar a acção da equipa de voluntários que nos foi proposta.»

Para já, a Junta ignora quais as zonas escolhidas para instalação dos equipamentos de combate a incêndios, embora o Gabinete Técnico de Alfama tenha já solicitado um local para armazenar as mangueiras e os extintores que a Câmara já adquiriu, sob sugestão dos bombeiros.

Desde o incêndio do Chiado, passou já um ano, e, na prática, em Alfama ainda não foram aplicadas medidas concretas de prevenção e combate a situações similares. Tudo é projecto.

Fazendo um paralelo com a morosidade do Projecto de Recuperação de Alfama, o Presidente da Junta de Freguesia de Santo Estêvão diz-nos que compreende «que a recuperação das casas, uma por uma, seja um processo demorado e lento. Mas este tipo de coisas, a segurança das pessoas e bens, isto exige acções mais rápidas!»

E este autarca comunista fala-nos de outras preocupações: «eu nem quero pensar em outro tipo de catástrofes, como um terramoto, por exemplo. O que eu sei é que na minha freguesia as fugas de gás nas tubagens do fornecimento são constantes. Que os prédios são na sua maioria velhos, e estão ligados uns aos outros (e na freguesia de São Miguel ainda é pior); em muitas casas há uma ou duas bilhas de gás, muitas vezes colocadas contra todas as regras de segurança; há pessoas que não podem andar e vivem num terceiro ou quarto andar, por cima de armazéns de madeiras ou papéis...»

Um rosário de imprudências que ainda não teve consequências de maior. Talvez benção de Santo Estêvão e São Miguel... ■

■ **Francisco da Silva Dias, arquitecto**

## Sobre conforto e segurança nos bairros antigos de Lisboa

O rápido crescimento suburbano das cidades, ou seja, a vasta e tentacular ocupação habitacional, falha de equipamento social e de trabalho, que rodeia as cidades estabilizadas e o cortejo de problemas sociais trazidos por estes tristes dormitórios faz volver os olhos para as zonas antigas como locais onde será possível conseguir condições favoráveis de vida urbana.

Viver nos subúrbios implica um quotidiano desequilibrado marcado por longos, fastidiosos e cansativos percursos casa-trabalho, pela ausência de possibilidades de convívio, elemento fundamental da vida urbana, e pela constante presença de um sentimento de insegurança resultante da inexistência de equipamento.

O subúrbio apresenta a enganadora vantagem de ser o único sítio onde a oferta de habitação fornece edifícios recém-construídos, o que não significa que possuam rendas acessíveis ou índices aceitáveis de conforto, seja no que se refere a áreas, acabamentos ou funcionalidade.

As zonas antigas das cidades, por seu lado, oferecem um ambiente urbano normalmente equilibrado, um tecido social bem urdido, com laços de vizinhança ou bairrismo estabilizados, e a proximidade, e possibilidade de uso, de equipamento da cidade; em contrapartida possuem um parque habitacional vetusto, perigoso e, até certo ponto, igualmente agressivo.

Agressividade que se revela através de sintomas infelizmente bem

claros no campo da insegurança física, como seja o perigo das derrocadas, frequentemente provocadas por proprietários, sabendo-se, como se sabe, que é fácil abater um prédio; basta uma quantas telhas partidas, um algeroz nunca desentupido, um andar vazio com janelas de vidros partidos e porta arrombada, sabendo-se também que, hoje, paradoxalmente, um monte de escombros vale mais que um prédio habitado...

Ainda, no campo da insegurança física — os incêndios; a recente tragédia do Chiado veio evidenciar um receio ancestral das populações dos bairros antigos, evidente na profusão de evocações a S. Marçal existente em Alfama.

Se os meios de intervenção têm melhorado nos últimos anos, incluindo instrumentos de combate ao fogo adaptados às circunstâncias especiais dos bairros antigos, inversamente surgiram novos factores que agravam o dramatismo da situação.

Esses factores podem reunir-se em 4 grupos:

Os resultantes do desequilíbrio do ciclo diário provocado pela terciarização, isto é, do esvaziar dos bairros depois do fechar dos escritórios e do comércio, e da desertificação nocturna consequente que, na ausência de meios adequados de alerta, retarda de forma irreversível a intervenção dos bombeiros.

Quanto tempo terá ardo o Grândola antes de a insónia de um vizinho o ter levado a dar o alarme?

Os consequentes da acumulação

descontrolada de materiais de elevada carga térmica; as actividades que, após expulsarem a habitação, concentram em armazéns, nas zonas antigas, produtos inflamáveis, tóxicos ou explosivos, como tecidos derivados de fibras artificiais, nomeadamente alcatifas, tintas ou vernizes, o uso de combustíveis engarrafados domésticos ou industriais, constituem autênticas bombas cujo deflagrar, iminente perante a presença de uma rede eléctrica vetusta, sobrecarregada e frequentemente improvisada, é muito dificilmente controlável.

Os que advêm do atravancamento de vias de acesso do material de combate a incêndios, evidente no desastroso espalhar de muros, muretas, bancos, espianadas, pavilhões, candeeiros, etc., na Rua do Carmo, e previsível no caótico estacionamento das estreitas ruas dos bairros antigos, no estado dos pavimentos, e, possivelmente, na ineficácia da rede de abastecimento de água.

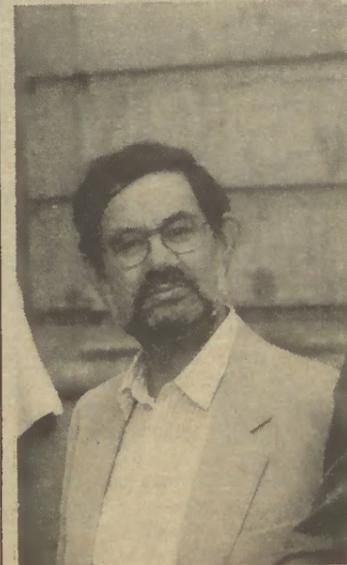
Finalmente, as alterações dos sistemas tradicionais de luta contra incêndios, como o sistema de corta-fogo pombalino, ou seja, a construção de grossas paredes incombustíveis, perpendiculares às fachadas, elevando-se prudentemente para cima dos telhados a fim de evitar a propagação das chamas prédio a prédio e que, no caso do Chiado, por terem sido furadas, permitiram a propagação rápida e exteriormente invisível do fogo que, na Calçada do Sacramento, «atacou» pela retaguarda os esforçados bombeiros

que o combatiam junto ao Chiado.

Resumindo:

As zonas antigas da cidade apresentam um património edificado que inclui uma percentagem vastíssima do parque habitacional da região; constituem, em relação aos subúrbios, anos de vida urbana estabilizada e são, portanto, igualmente um valioso património social.

Apresentam problemas de recuperação de edifícios, revalorização do espaço urbano, reequilíbrio de funções e de segurança cujo diagnóstico está estabelecido e para os quais as forças democráticas, técnicos e eleitos, empenhados numa eficaz gestão da cidade, possuem programas de acção.



■ António Mota

# Viagem à Palestina

## aos territórios ocupados por Israel

**A** convite de autoridades árabes que representam o Povo Palestino deslocou-se a Jerusalém e aos territórios ocupados da Cisjordânia e de Gaza, entre 12 e 19 do corrente, uma delegação portuguesa composta por António Mota, deputado do PCP, Mário Soares, Presidente do Sindicato dos Professores do Norte, Maria do Céu Guerra, atriz, e os jornalistas José Goulão, de «o diário», e Teresa Mendes e Margarida Santos, da Agência Lusa. Sobre a visita, o camarada António Mota fez o seguinte depoimento ao «Avante!».

O objectivo da viagem era visitar os territórios ocupados e contactar com várias personalidades palestinianas, ver o significado do INTIFADA «Levantamento Popular», o que ele representa para aquele povo e a importância política na luta pela libertação daquele país.

Quando partimos, a quase totalidade da delegação, excepto José Goulão que já lá tinha estado, não fazia ideia do que ia ver. Tínhamos uma imagem da Palestina diferente, fruto da pouca informação, e talvez interesse sobre aquilo que se passa nesta parte do Mundo. Daí não fazermos ideia da repressão a que está sujeito aquele povo, nem também da determinação e coragem com que enfrenta um inimigo poderoso. Ali as condições de luta e os meios são completamente desiguais. Mas logo uma ideia nos ficou: os israelitas não podem vencer a coragem, a vontade daquele heróico povo de ter direito à vida, ao trabalho, à educação, uma Pátria Livre.

Visitámos campos de refugiados: SHUAFAT, em Jerusalém, e DEISHE, em Belém, ali tão perto dos lugares santos, mas onde os direitos humanos são completamente ignorados. Na faixa de Gaza, onde a vida se transformou num inferno, visitámos mais três: o de JABALIA, com 70 000 habitantes, SHATI, com 35 000, e BUREIJ, com 11 000. Ao todo, 116 mil refugiados em condições de vida degradantes, vigiados constantemente pelas metralhadoras dos israelitas, prontas a fuzilar, ao mais pequeno sinal, homens, mulheres, velhos, mas sobretudo jovens e crianças.

### Um calvário

As condições de vida em qualquer destes campos ultrapassa o que a nossa memória possa imaginar.

Vimos casas destruídas, só porque de lá, durante os confrontos, saíram pedras contra soldados repressores. Eles não atiram pedras à população, mas balas que matam indiscriminadamente.

Em SHUAFAT, numa casa com três divisões, vivem 24 pessoas, 18 delas crianças, um pequeno exemplo das condições sobre-humanas em que vive este povo. Homens que nunca dormem seguidamente na mesma casa, com medo da prisão, que pela calada da noite fogem os soldados israelitas apoiados por helicópteros.

Nos campos de Gaza a vida é um calvário. Não há esgotos, as ruas são lamacentas em pleno Verão. Uma enorme fossa a céu aberto recolhe os detritos. O cheiro na atmosfera é pestilento. Milhares de moscas proliferam. As crianças, porque não vão à escola, por ali passam os dias calcando aquela lama. Um médico dizia-nos que quase todas as famílias têm doenças.

Para agravar o tormento desta gente, os campos são fechados. Onde havia ruas, hoje vêem-se enormes paredes. Outras entradas

estão vedadas por bidões e cercadas por arame farpado. Há apenas uma entrada, nos pontos mais distantes das vias centrais, e vigiada 24 horas por dia por soldados, sempre prontos a entrar nos campos para massacrarem as populações.

Para demonstrar como é feita a vigilância, quando entrámos num táxi no campo de SHATT, um soldado concentrado na frente dum prédio, cercado de sacos, apontou para nós a sua arma e seguiu-nos com o olho na mira. Este facto prova que eles estão sempre prontos a atirar a tudo que mexa ou que eles entendem que não deve mexer.

Em todos estes campos são as crianças que aparecem saudando os visitantes com os dedos em V. São estas mesmas crianças que por vezes enfrentam as balas dos soldados, morrendo ou ficando estropeadas. Vimos nos hospitais que visitámos, (o de MAKASSED, no topo do Monte das Oliveiras) crianças à espera de morrer, porque balas as tinham atravessado em partes vitais e só a máquina as mantinha ainda vivas.

A cabeceira da cama de uma criança de 12 anos, sem esperança de vida, a sua mãe saudava com o V da Vitória. Sabia que o seu filho iria morrer a todo o momento, mas dentro do coração desta mulher fervilhava a esperança duma pátria livre e democrática, onde os seus filhos pudessem viver tranquilamente como as outras crianças.

No hospital de SHIFA, na faixa de Gaza, administrado por israelitas mas não para eles, é confrangedor verificar o estado de sujidade em que tudo se encontra, a forma como são tratados os doentes. Aqui impere a solidariedade dos visitantes, caso contrário era impossível lá permanecer. Até gatos circulam pelas enfermarias... e a roupa de cama como caracteres hebraicos marca a presença do opressor. Lá em cima, num terraço, está o olho do ocupante, com a sua metralhadora vigiando quem entra e quem sai.

Visitar estes campos de refugiados e este hospital é ter a sensação de visitar campos de concentração, onde se vive com a morte por companhia. Os campos de Gaza têm por fundo belas praias do Mediterrâneo, vedados àquelas populações. As crianças vivem e brincam nas montureiras e não podem disfrutar a areia e a frescura daquele mar. Comentava para nós um acompanhante, habitante de um dos campos. «As nossas crianças não têm escola, não podem passear em jardins, nem ir à praia como as outras crianças». Era o desabafo de um pai, que sentia a tristeza de os seus filhos não terem os mesmos direitos dos filhos do opressor.

Em contrapartida, Jerusalém está cercada por colonatos com belas terras, belas casas, onde a vida tem outro sentido. Na visita que fizemos a bairros judeus as crianças brincavam alegremente, acarinhadas pelos pais, longe das balas. No entanto, qualquer jovem de ambos os sexos traz às costas sempre uma metralhadora. Vão para a escola com elas, como quem leva a caneta. Es-



tes jovens estão sempre prontos a fuzilar o seu semelhante palestiniano.

Nas ruas de Jerusalém, em Belém ou em Gaza centenas de soldados circulam sempre de arma às costas e matraça nas mãos. Em qualquer sítio fecham as ruas, interrogam os palestinianos, prendem-nos, espancam-nos, não os deixam circular, impõem a regra do terror, do medo, mas também do ódio. Mesmo na cidade velha de Jerusalém, nas Portas de Heródes, lá está a sentinela no cimo, vigiando tudo e todos, num ninho de metralhadoras prontas a disparar contra os simples cidadãos. Poucos árabes se aventuram a sair à rua de noite, porque sabem o que lhes pode custar tal saída.

### «O Intifada»

O «INTIFADA», Levantamento Popular, dura vai para 21 meses e durará segundo a OLP, enquanto durar a ocupação.

A luta popular sente-se em cada esquina, todo o povo está solidário contra o inimigo comum, independentemente de credos religiosos ou políticos ou condição social.

Sentimos esta unidade. Tivemos que ir às compras de manhã, porque de tarde todos os estabelecimentos fechavam. Foram dois dias de greve geral nos territórios ocupados. Tudo parou, bancos, comércio, fábricas, até os táxis, em solidariedade para com os presos nos campos prisionais ANSAR I, ANSAR II e ANSAR III. Israel sente esta luta, arma-se contra ela, cria medidas de combate terríveis contra o INTIFADA. A justificá-lo estão os 103 palestinianos mortos, muitos jovens com menos de 16 anos.

Cerca de 100 crianças passam pelas cadeias de Israel horas, dias, semanas, meses. Estes dados fo-

ram-nos fornecidos por uma cidadã americana que trabalha no Centro de Informação dos Direitos Humanos na Palestina, em Jerusalém, que nós visitámos.

As autoridades israelitas apertam o controlo nos campos de refugiados através de cartões de identidade, criando verdadeiros «ghettos», condicionando os movimentos dos habitantes dos campos e de todo o resto da população árabe.

Os palestinianos da Cisjordânia têm um cartão cor-de-laranja, com selo da Administração Militar, para poderem circular. Em qualquer detenção tiram-lhes esse cartão e dão-lhes um de cor verde, com o qual não podem entrar em Israel, ou seja em Jerusalém, mesmo na zona árabe ocupada desde 1967, vindos de Belém ou da faixa de Gaza. Ficam limitados à sua área de moradia. Esta situação em Gaza, segundo dirigentes da «Liga dos Sindicatos Palestinos de Gaza», vai fazer crescer o desemprego para a taxa de 80%. Hoje já se cifra em 30%, o que irá tomar a situação explosiva.

Os novos cartões cor-de-laranja informatizados só podem ser recebidos por quem preencher três condições: primeira, não ter qualquer condenação referenciada com o INTIFADA; segunda, que todos os membros da família estejam nas mesmas condições; terceira, que o cidadão esteja disposto a entregar à polícia ou a denunciar os parentes que figurem nas listas dos procurados pela Polícia. Como não existe família que não tenha tido problemas com a Polícia, logo não terão cartão para circular nos territórios de Israel, onde existe emprego. Mas também aqui se faz sentir a discriminação quanto a salários: um palestiniano ganha, em média, 50 a 60% menos dum israelita. O mesmo se passa com os imigrantes, mesmo os portugueses, que auferem vencimentos inferiores aos dos israelitas.

Na Associação de Jornalistas Palestinos onde fomos recebidos, o seu Presidente, Abu-Ayash, diz-nos que o INTIFADA é um estado de espírito, é a revolta interiorizada em cada cidadão, é uma expressão aguda do sentimento nacional.

Os próprios advogados estão em greve vai para mês e meio, como protesto contra a forma como são feitos os julgamentos, à velocidade de 120 por dia e por tribunal, sem qualquer possibilidade de processo, mas também como solidariedade para com os detidos e seus familiares.

Faical Husseini, uma das mais destacadas personalidades palestinianas com quem contactámos, afirmou que nada voltará a ser como antes do início do levantamento popular.

Em todos com quem falámos, gente ligada ao teatro, professores, sindicalistas, gente do povo e de luta, o ânimo era grande e a esperança na vitória era sentida.

Israel também percebeu, daí o crescimento da repressão, da violência, da brutalidade.

A declaração do Estado Palestino em Novembro de 1988, em Argel, veio transmitir a este povo, através do INTIFADA a vontade e a coragem de lutar pela libertação do seu país. Mas não vai ser fácil esta luta contra este terrível estado policial.

A forma como fomos tratados no Aeroporto de Ben Gurion, em Tel-Avive é mais uma prova. Perguntas de um teor policial profundo — onde foi, com quem esteve, quem o acompanhou, quem o convidou, quem lhe pagou a viagem (viram e reviram o bilhete), em que hotel esteve («Mostre a conta»), sobre as próprias compras (para quem são, quem lhas deu, etc.). Revista a todos os papéis e objectos pessoais, até pensos higiénicos foram vistoriados. Ameaças aos jornalistas de prisão, se publicassem notícias sem irem à censura. Até o nosso Passe Social serviu para fazer perguntas! A mim, deputado identificado, uma «simpática» jovem chegou a perguntar-me: «O que é isso de Deputado?» Será que os deputados em Israel são tratados da mesma forma?

Concluindo, esta situação que se vive na Palestina não diz apenas respeito aos Palestinos e aos Israelitas. Diz respeito ao mundo que quer viver em paz.

Israel tem que compreender que não pode usurpar um Povo, não pode criar o holocausto na Palestina, pela asfixia económica, pela doença, pela morte.

Todos os Povos que amam a paz e a liberdade devem, em todas as instituições internacionais, condenar esta política e pressionar para que Israel aceite as negociações com todas as partes interessadas, para que se encontre uma solução de paz que resolva este conflito, que pode eternizar-se, martirizando um povo cujo grande objectivo é ter direito a uma Pátria e viver em paz. Israel não pode praticar a mesma política que foi praticada pelos nazis contra os judeus. O mundo inteiro tem que condenar tal política.

## Pactomania

Além de mentir, o PSD também inventa. A sua última criação é nosológica: trata-se de uma doença que está a alastrar epidemicamente pelas hostes cavaquistas, respondendo provisoriamente ao nome de «pactomania».

Os primeiros sintomas vieram do próprio Cavaco Silva, a semana passada, com a sua desvairada descoberta de um «pacto secreto» entre o PCP e o PS visando a tomada do poder em geral e do mundo em particular. A coisa deu escândalo e o riso já alastra, cada vez menos à socapa, atingindo em cheio o Primeiro-Ministro com o seu próprio ridículo, traduzido na linguagem política por desorientação.

Como no PPD anda tudo muito democraticamente atrás do chefe (até aparecer um novo que atraia o «rebanho» para mais uma liderança), os Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) resolveram também reagir à aceitação, por parte da CGTP-IN, a um convite da UGT para a realização de uma reunião conjunta nos próximos dias 11 a 15 de Setembro para o levantamento da situação económica e social, tendo em vista a formulação de uma proposta conjunta. «Aqui d'el Rei!», clamaram os TSD, está identificado mais um pacto, desta vez configurando «uma traição ao projecto sindical democrático!» e o secretariado distrital de Lisboa dos TSD exorta mesmo os seus correligionários a «ponderarem se eticamente

ainda é sustentável a sua presença naquele órgão que põe a central ao serviço dos interesses do PS/PCP». Claro que não. TSD's assim não estão eticamente bem neste órgão de trabalhadores. Nem neste nem noutra qualquer.

## Fichas

O governo grego, resultante de uma coligação entre o Partido Conservador e a Frente de Esquerda liderada pelo Partido Comunista da Grécia, concretizou finalmente o que tinha sido uma promessa eleitoral dos socialistas de Papandreu em 1984, para obterem a maioria (que conseguiram): a destruição de quinze toneladas de fichas dos cidadãos organizadas pela polícia política durante a guerra civil, contendo minuciosas informações sobre as convicções políticas de milhões de cidadãos gregos, visando, naturalmente, os comunistas e as pessoas de esquerda em geral. Curiosa foi a atitude do Partido Socialista Pan-helénico (PASOK): não contente por ter faltado escandalosamente à promessa que fizera de ser ele próprio a destruir as fichas, agora que finalmente se concretizou o prometido ao eleitorado grego, o PASOK foi o único partido que não esteve de acordo com a destruição dos mais de 16 milhões de fichas de cidadãos, argumentando com «o seu valor histórico, pois poderão ser úteis para os historiadores».

# Pontos Cardeais

Útil, de certeza, vai ser o conhecimento desta atitude do PASOK. E não para os historiadores, mas para os eleitores.

## UNITA

Às vezes há notícias que dizem tudo e dispensam comentários. Esta, sobre os crimes da UNITA e publicada esta semana no «Diário de Notícias», é uma delas: «Uma equipa de médicos norte-americanos acusou a UNITA de ser responsável pelos ataques cometidos nas últimas semanas contra a população civil de Angola e criticou Washington por continuar a apoiar os rebeldes.

«Em conferência de imprensa realizada na segunda-feira, em Nova Iorque, a equipa médica, composta por cinco especialistas em próteses, afirmou que durante os 15 dias da sua visita a Angola foi testemunha de centenas de ataques cometidos pelas forças de Savimbi contra os habitantes de várias localidades do país. «O chefe da delegação, Adewale Troutman, afirmou que a UNITA «nunca respeitou o acordo de cessar-fogo estabelecido no Zaire, enquanto os EUA aumentaram em 40 milhões

de dólares/ano a ajuda militar aos rebeldes angolanos».

«Em vez de ajudar o processo de paz, os EUA põem gasolina no fogo», acrescentou Troutman, que chefiou a equipa de especialistas patrocinada pela Igreja Unida de Cristo».

## Garantias

Segundo os jornais, o antigo cinema Tivoli foi recentemente comprado pelo empresário espanhol Emiliano Revilla que, de seguida, o terá oferecido ao «Povo Português» através da Secretaria de Estado da Cultura, com «a garantia» de que respeitaria tanto o interior como o exterior do prédio.

A ser isto verdade, o empresário espanhol escusa de dar garantias de que respeitará isto ou aquilo, pois se o Estado português fizer o que deve — proteger o seu património — não precisa de Revilla nenhum para garantir a preservação do Tivoli. O problema está em quem, neste momento, representa o Estado português — nem mais nem menos que o Governo do sr. Cavaco Silva. E se ele consentiu que o Tivoli fosse vendido ao estrangeiro, nesse caso o belo cinema lisboeta está, de facto, muito precisado de garantias...

# Gazetilha

por *Ignotus Sum*

## Mixordeiros

Bem sabe quem o disse: este Governo ajuda os mixordeiros. Certo que não são nisso pioneiros pois nesse reino é grande a mixordice...

Quanto a mim quem o Governo ajudar nesta discórdia fique certo que assim também é responsável da mixórdia...

## Aprendiz por um tris

Marcelo anda e desanda na propaganda sem norte e à toa. Ele hibernava. De repente sonhou ser presidente de Lisboa...

Mas para tal, quem tem juízo, o que é preciso? Para já, um programa. E ora bem: programa é coisa que ele não tem...

Porque de o fazer não é capaz pede emprestado. Como é rapaz bem educado e de memória se sustenta passa a vida a empinar a sebenta...

Ouve, regista, empalma toma sentido: o que sabe de Lisboa não é de alma — é só de ouvido...

É o que eu te digo, Lisboa: sem este, safas-te de boa...

## Passeio

Andou, andou, muito compenetrado Marcelo, pelo Chiado. Com suas maneiras finas passeou entre as ruínas...

Talvez entre os abrolhos do desastre bombástico talvez lhe chegasse aos olhos uma lágrima... de plástico...

(Quem trabalhou ali, antigamente, recebe um subsídio mensal correspondente ao mínimo nacional...)

Este é o humanitarismo, este é o desvelo em vigor no partido de Marcelo...

... que lá vai, lá vai, com suas maneiras finas passeando entre as ruínas.

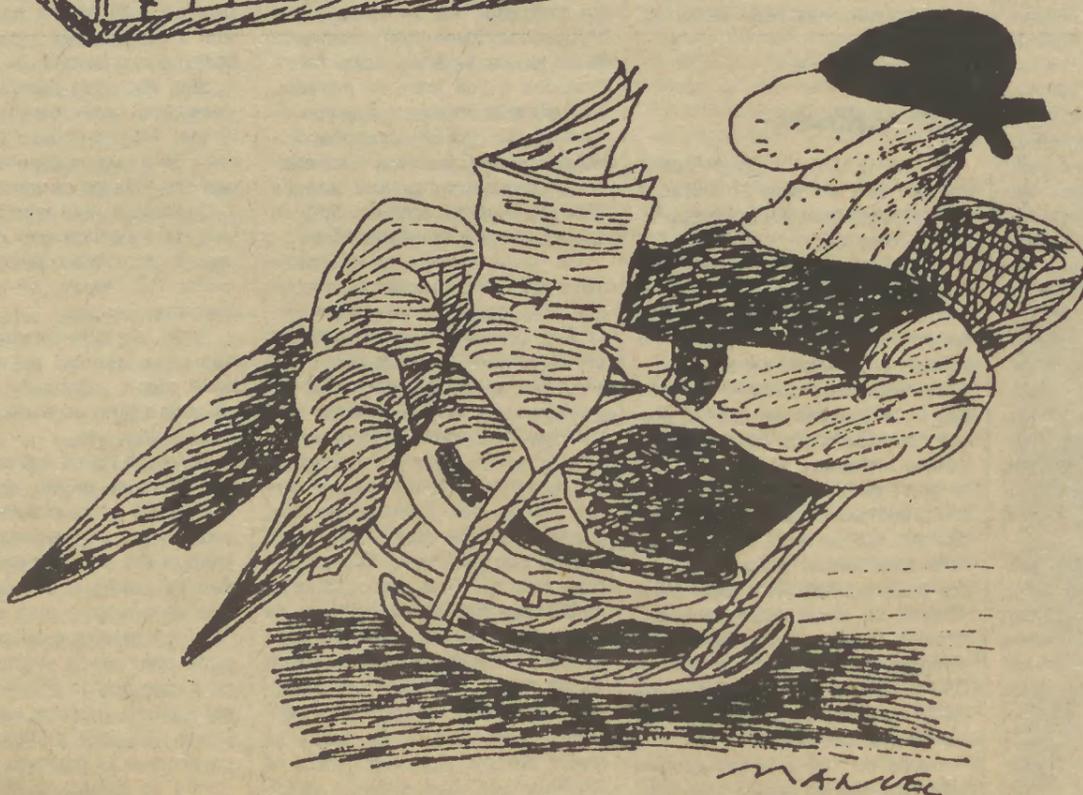
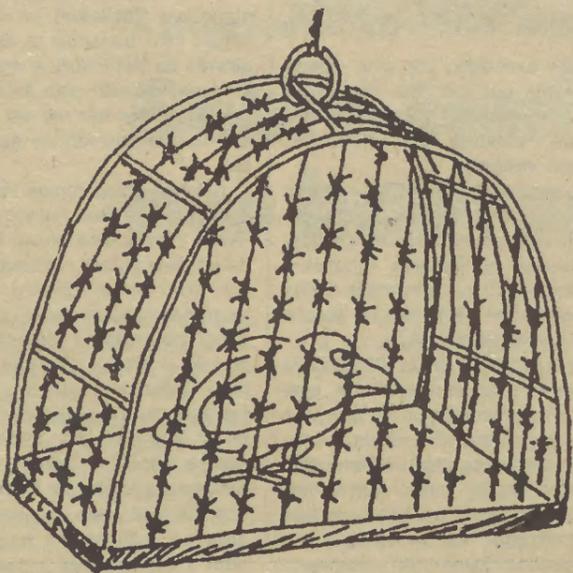
## A Festa

Do amor a vida faz-se. Sal, estrela, diamante no descampado nasce a festa do Avante!

Quando se chega ao pé vê-se mais adiante raiz do sonho que é a festa do Avante!

Salta de viga em viga o mestre confiante na construção amiga a festa do Avante!

Asa de novo dia onda de navegante abraço de alegria a festa do Avante!



# Agenda

**Avante!**

Ano 59 – Série VII  
N.º 818

31 de Agosto de 1989

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente



## Plenários em Lisboa

Em várias freguesias de Lisboa realizam-se nos próximos dias plenários de militantes, com o objectivo de discutir a participação na Festa do «Avante!» e no trabalho eleitoral. Assim, estão já marcadas as seguintes reuniões: dos militantes da Freguesia de Santa Engrácia – amanhã, às 21.30, no Centro de Trabalho da Graça; da freguesia da Penha de França – na quarta-feira, dia 6, às 21.30, no centro de Trabalho de Arroios; da freguesia de Arroios – no mesmo dia 6, às 21.30, no Centro de Trabalho de Arroios.

## Naturais de Trás-os-Montes

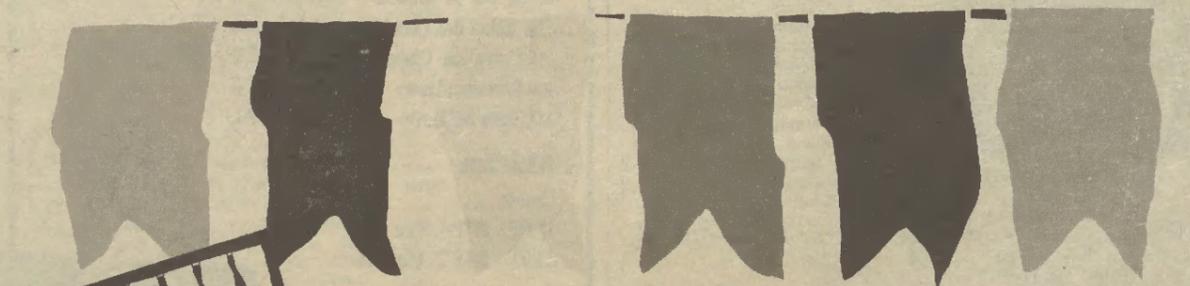
Na segunda-feira, dia 12, a partir das 18.30, realiza-se no Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa, uma reunião para que estão convidados os camaradas e amigos naturais de Trás-os-Montes e que residam na área de Lisboa. Em discussão vão estar os problemas da região transmontana e as próximas eleições autárquicas.

**HOJE** 5.ª-feira

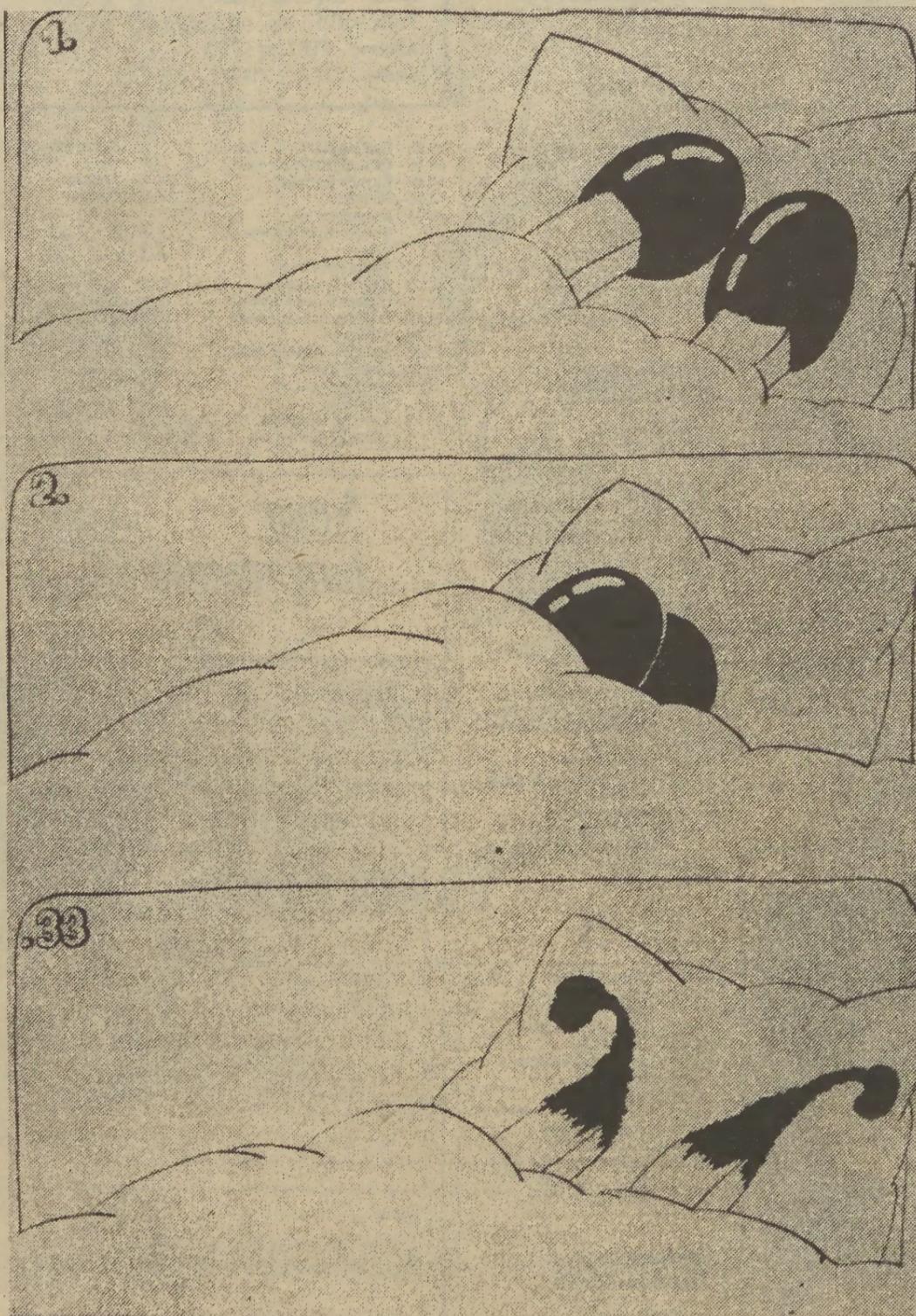
**TEMPO  
DE ANTENA  
DO PCP**

**RTP-1**

a seguir ao telejornal



## Só mais uma semana



PARZYSZEK, Irenensz – Polónia. Segundo prémio na secção de Humor Geral da 6.ª Bienal Internacional do Humor em San António de Los Baños – Cuba 1989

# TV Programa

**Quinta** 31

**RTP1**

09.00 - Bom Dia  
10.00 - As Dez



12.15 - Amor com Amor se Paga (25.º epis.)  
13.00 - Jornal da Tarde  
13.40 - Um Anjo na Terra  
14.15 - O Jardim Encantado de Tom  
14.40 - Rios de Portugal (5.º progr.)  
15.05 - Lou Reed  
16.00 - América Selvagem  
16.30 - Ponto por Ponto  
17.15 - Brinca Brincando  
18.25 - O Melhor dos Marretas (9.º epis.)  
18.50 - O Vento do Mar Aberto (9.º epis.)  
19.30 - Telejornal  
20.05 - Boletim Meteorológico  
20.20 - Sassaricando (112.º epis.)  
21.20 - Canal TV (2.º epis.)  
22.00 - II Festival Português de Fados  
22.55 - Portugal Está a Mudar (4.º progr.)  
23.25 - 24 Horas  
23.55 - Remate

**RTP2**

15.00 - Filhos e Filhas  
15.25 - O Grande Sertão: Veredas (repetição, 21.º epis.)  
16.30 - Quem Sai aos Seus...



16.55 - Sinhá Moça (133.º epis.)  
17.30 - Trinta Minutos Com...  
18.00 - A Guerra de Katrin (1.º epis.)  
19.00 - Music Box  
19.55 - Os Intocáveis  
20.45 - Cem Grandes Quadros  
21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - Maude  
21.55 - Desgarradas  
23.00 - Hitchcock Apresenta...  
23.25 - Primeiro Andamento

**Sexta** 1

**RTP1**

09.00 - Bom Dia  
10.00 - As Dez  
12.15 - Amor com Amor se Paga

13.00 - Jornal da Tarde  
13.30 - Gloss (12.º epis.)  
14.15 - Imagem e Imagens  
14.45 - Gala de Folclore Português  
16.05 - América Selvagem  
16.30 - Ponto por Ponto  
17.25 - Brinca Brincando  
18.25 - O Melhor dos Marretas  
18.50 - O Vento do Mar Aberto  
19.30 - Telejornal  
20.05 - Boletim Meteorológico  
20.20 - Sassaricando  
21.15 - Telemundo  
21.50 - Os Autocarros Brancos  
23.45 - 24 Horas  
00.15 - Remate  
00.25 - Pela Noite Dentro - «A História de Jane Mansfield», real. Dick Lowry (EUA/1988, 97 min.)

**RTP2**

15.00 - Filhos e Filhas  
15.25 - Agora, Escolha  
16.55 - Sinhá Moça  
17.30 - Especial Desporto (Atletismo)  
21.00 - Jornal das Nove



21.30 - O Estouro (série, 4.º epis.)  
22.20 - Século XX  
23.50 - Entre Barreiras  
00.15 - Rotações

**Sábado** 2

**RTP1**

10.00 - Juventude e Família  
12.30 - Trânsito  
13.00 - Notícias  
13.10 - A Tribuna das Penas Brancas (5.º epis.)



13.55 - Sessão da Tarde - «Duelo no Escuro», real. Rudy Durand (EUA/1979, 111 min.)  
15.50 - Jogos Sem Fronteiras - Música na Turquia  
17.40 - Crime, Disse Ela  
18.25 - ViváMúsica  
19.10 - Sete Folhas  
19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado  
21.25 - Deixem Passar a Música Trio Odemira



22.45 - John Fairling Não Existe (2.º epis.)  
23.35 - Cinema da Mela-Noite - «Uma Voz na Escuridão», real. Blake Edward (EUA/1962, 120 min.)

**RTP2**

10.00 - A Malta de Bronx (18.º epis.)  
10.50 - A Guerra de Tróia (4.º epis.)  
11.50 - Compacto «Amor com Amor se Paga»  
16.00 - Estádio  
19.30 - Quem Sai aos Seus  
19.55 - Music Box  
20.50 - Arqueologia Industrial (3.º epis.)  
21.15 - Estádio (inclui basquetebol internacional)

**Domingo** 3

**RTP1**

10.00 - Juventude e Família  
11.15 - Missa  
12.05 - 70x7  
12.30 - TV Rural  
13.00 - Notícias  
13.10 - Portugal de Faca e Garfo  
13.55 - Folclore



14.00 - Alô, Alô  
14.30 - Terra X  
15.15 - Primeira Matinée - «No Reino dos Corsários», real. George Sherman (EUA/1952, 82 min.)  
16.40 - Documentário  
17.20 - Jogos de Verão  
19.00 - Maniacos do Desporto (2.º epis.)  
20.00 - Jornal de Domingo  
20.30 - Boletim Meteorológico  
20.35 - O Homem Espectáculo  
21.10 - Emissários de Khalom (série, 1.º epis.)  
22.15 - Domingo Desportivo

**RTP2**

10.00 - Troféu  
13.00 - Caminhos  
13.30 - Outras Terras, Outras Gentes  
13.55 - Verinário da Província  
14.50 - Music Box (Mick Jagger)  
15.50 - Documentário  
17.00 - Troféu  
19.00 - Sobrevivência (5.º epis.)  
19.50 - Tarendole (série, 1.º epis.)  
20.40 - Lusitânia Expresso  
21.10 - Artes e Letras  
22.10 - Cineclube «O Crime Não Compensa», real. Nicholas Ray (EUA/1949, 100 min.)

**Segunda** 4

**RTP1**

09.00 - Bom Dia  
10.00 - As Dez  
12.15 - Amor com Amor se Paga  
13.00 - Jornal da Tarde  
13.30 - A Rota de Howard  
14.15 - Brigada Falcão  
14.40 - Os que não Voltaram  
15.05 - Depeche Mode  
16.00 - América Selvagem  
16.30 - Ponto por Ponto  
17.30 - Brinca Brincando  
18.20 - O Melhor dos Marretas  
18.45 - O Vento do Mar Aberto  
19.30 - Telejornal  
20.05 - Boletim Meteorológico  
20.20 - Sassaricando  
21.05 - Cantagem (telefilme) - 1.ª parte  
23.00 - Portugal ao Encontro da Sua História  
23.30 - 24 Horas  
24.00 - Remate

**RTP2**

15.00 - Filhos e Filhas  
15.25 - Agora Escolha  
16.55 - Sinhá Moça  
17.30 - Trinta Minutos Com...  
18.00 - O Verão de Sara (telefilme)  
19.00 - Music Box  
19.55 - Os Intocáveis  
20.45 - Cem Grandes Quadros  
21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - Teatro Estrangeiro - «Henrique VI» (2.ª parte)

**Terça** 5

**RTP1**

09.00 - Bom Dia  
10.00 - As Dez  
12.05 - Amor com Amor se Paga  
13.00 - Jornal da Tarde  
13.30 - Dallas  
14.30 - Os Filhos dos Flintstones  
14.55 - Bairros Populares de Lisboa - Alfama  
15.05 - Grateful Dead  
16.00 - América Selvagem  
16.30 - Ponto por Ponto  
17.25 - Brinca Brincando  
18.20 - O Melhor dos Marretas  
18.45 - O Vento do Mar Aberto  
19.30 - Telejornal  
20.05 - Sassaricando  
21.05 - O Regresso de Sherlock Holmes (3.º epis.)  
22.00 - Primeira Página  
23.00 - Chefe, Mas Pouco... (8.º epis.)  
23.30 - 24 Horas  
24.00 - Remate

**RTP2**

15.00 - Filhos e Filhas  
15.25 - Rumo aos Céus (9.º epis.)  
16.20 - Tempos de Música  
16.55 - Sinhá Moça  
17.30 - Trinta Minutos Com  
18.00 - Music Box  
19.55 - Os Intocáveis  
20.45 - Cem Grandes Quadros  
21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - Cine Magazine  
21.55 - Cinemadois: «O Primeiro Amor», real. Maximilian Schell (EUA/1970)

**Quarta** 6

**RTP1**

09.00 - Bom Dia  
10.00 - As Dez  
12.15 - Amor com Amor se Paga  
13.00 - Jornal da Tarde



**Filmes**

«A História de Jayne Mansfield» - 6.ª, 00.25 - RTP-1  
«Duelo no Escuro» - sáb., 13.55, RTP-1  
«Uma Voz na Escuridão» - sáb., 23.35, RTP-1  
«No Reino dos Corsários» - dom., 15.15, RTP-1  
«O Crime não Compensa» - dom., 22.40, RTP-2  
«O Primeiro Amor» - 3.ª, 21.55, RTP-2  
«O Testa de Ferro» - 4.ª, 21.15, RTP-1

**Música**

Quinta  
15.05 - RTP-1: Lou Reed  
19.00 - RTP-2: Music Box

Sexta

14.45 - RTP-1: Folclore Português

Sábado

18.25 - RTP-1: Vivamúsica

19.55 - RTP-2: Music Box

Segunda

15.05 - RTP-1 Depeche Mode-1

19.00 - RTP-2: Music Box

Terça

16.25 - RTP-2: Tempos de Música-II

18.00 - RTP-2: Music Box

Quarta

22.10 - RTP-2: Som da Surpresa

**Desporto**

Remate - RTP-1, 5.ª (23.55), 6.ª (00.15), 2.ª (24.00), 3.ª (23.55) e 4.ª (23.45)

Rotações - RTP-2, 6.ª (00.15)

Estádio - RTP-2, sáb. (16.00)

Troféu - RTP-2, dom. (10.00 e 17.10)

Atletismo - RTP-2, 6.ª (17.30)

Futebol - RTP-2, 4.ª (18.30)

13.30 - Colt em Ação (11.º epis.)  
14.15 - Os Campbells (últ. epis.)  
14.40 - Rios de Portugal  
15.05 - Musical  
16.00 - Mergulhos no Desconhecido (série, 1.º epis.)

16.30 - Ponto por Ponto  
17.25 - Brinca Brincando  
18.20 - O Melhor dos Marretas  
18.45 - O Vento do Mar Aberto  
19.30 - Telejornal  
20.05 - Boletim Meteorológico  
20.20 - Sassaricando  
21.00 - Vamos Jogar no Totobola  
21.15 - Lotação Esgotada: «O Testa de Ferro», real.

Martin Ritt (EUA/1976, 94 min.)  
23.15 - 24 Horas  
23.45 - Remate

**RTP2**

15.00 - Filhos e Filhas  
15.25 - Agora, Escolha  
16.55 - Sinhá Moça  
17.30 - A Aventura da Vida (2.º epis.)  
18.30 - Futebol - Bélgica-Portugal  
21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - A Casa de Irene (série)  
22.10 - Som da Surpresa

# Teatro

**O Cartaz**

• LISBOA

**Casa da Comédia**, Rua S. Francisco Borja, 24. De 3.ª a dom., às 22.00. **What Happened to Madalena Iglesias?**, de Filipe La Féria.

**Comuna**, Pç. de Espanha, Sala 1-De 3.ª a dom., às 21.30. **Como é Diferente o Amor em Portugal**, de Fernando Gomes a partir de Júlio Dantas, enc. Fernando Gomes. **Café-Teatro - Inox**, de Ana Bola e José Pedro Gomes. 5.ª, 6.ª e sáb. às 24 horas (até 3/9).

**Palco Oriental**, Calçada Duque de Lafões, 78, ao Beato. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. **Quatro Estações**,

de Arnold Wesker, enc. Rogério de Carvalho (até 3/9).

**Teatro Variedades**, Parque Mayer. De 3.ª a dom. às 20.30 e 22.45, dom. também às 16.00. **A Prova dos Números Novos**, revista de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga e Nazareth Fernandes, enc. Maria Helena Matos.

• ALMADA

**Teatro Municipal de Almada**, de 3.ª a sáb., às 21.00, dom. às 15.00 e às 21.00. **Marco Milhão**, de Eugène O'Neill, enc. Joaquim Benite, pela Companhia de Teatro de Almada (até 31/8).

**TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA**  
De 3.ª a Sábado às 21 horas  
Domingo às 16 horas e às 21 horas  
**MARCO MILHÃO**

**Novo lançamento**



**Escrava do Amor**

Pedidos a CRAC SERVIÇOS  
Avenida Gen. Humberto Delgado, Lote 13, CZ n.º 3  
Queluz Ocidental - 2745 QUELUZ

# Exposições

• LISBOA

**Amália Rodrigues — 50 Anos** — A carreira de Amália Rodrigues através de fotografias, cartazes, pinturas, vestidos, jóias, discos. Museu Nacional do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 17, dom. até às 18.

**Arte em Berlim. De 1900 até Hoje** — Pintura, escultura. Centro de Arte Moderna, R. Nicolau Bettencourt. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30 (até 24/9).

**Bonecas do Japão** — Fundação Calouste Gulbenkian, Galeria dos Congressos. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

**Carlos Botelho** — Retrospectiva de pintura. Fundação Calouste Gulbenkian, Piso O. De 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17,

4.ª e sáb. das 14 às 19 e 30 (até 3/9).

**Carlos Carneiro** — «Catedrais»: aguarelas, carvões, águas-tintas. Fundação Gulbenkian. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30 (até 3/9).

**Colectiva de pintura** (Alda Nobre, Manuel Vieira, Sofia Areal). Gal. Alda Cortez, Largo de Santos, 1. De 2.ª a sáb. das 15 às 20.

**Colectiva de pintura** (António Palolo, António Viana, Daniel Nave, Isabel Garcia, João Moreira, José Paulo Ferro, Luís França, Rocha Pinto). Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. até às 13.

**Colectiva de tapeçaria**. Gal. Tapeçarias de Portalegre (Rua Acad. das Ciências, 2-J). De 2.ª a 6.ª, das 10 às 13 e das 15 às 19.30.

**«As Cores da Revolução»** — Colectiva de obras de Jacques Bernar e de artistas portugueses que trabalham ou trabalharam em Paris (Bertolo, Candeias, Cargaleiro, Dacosta, Escada, Costa Pinheiro, Pomar, Vieira da Silva, entre outros). Palácio Nacional da Ajuda-Galeria do Rei D. Luís, Calçada da Ajuda. De 3.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. e dom. das 10 às 17 (até 10/9).

**J. Seward Johnson** — Esculturas em bronze. Jardins da Fundação Gulbenkian.

**Livros Portugueses de Cozinha** — bibliográfica. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a sáb. das 10 às 19 (até 31/8).

**Lugar da Arquitectura Europeia** — colectiva de 16 arquitectos de Portugal, Espanha, França e Itália. Fundação Gulbenkian.

**Maria Keil** — Azulejos. Museu Nacional do Azulejo, Rua da Madre Deus 4. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

**Pintura Portuguesa Contemporânea** —

200 obras do espólio do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4.ª a 2.ª das 10 às 13 e das 14 às 17.

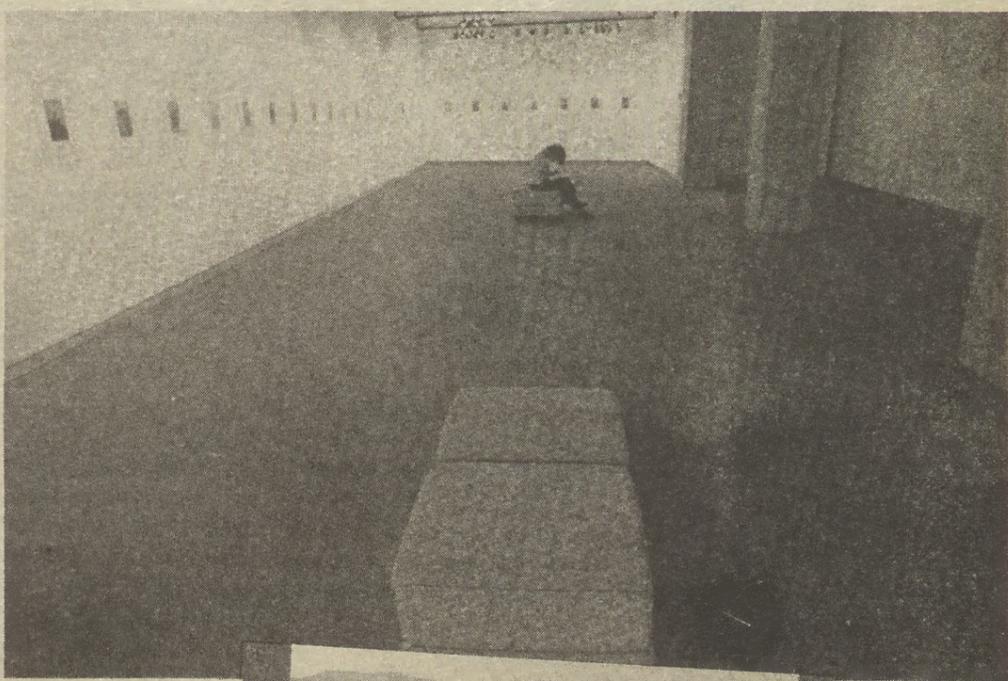
**Rever Lisboa** — Fotografias da colecção da Câmara Municipal de Lisboa. Monumento das Descobertas (Belém). Das 9 às 19; à 2.ª das 14 às 19.

**Stuart Carvalhais** — Capas para partituras musicais. Forum Picoas, Av. Fontes Pereira de Melo. De 2.ª a 6.ª das 11 às 13.30 e das 14.30 às 19. (até 1/9).

**Tapeçarias do Séc. XVI**. Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

• PORTO

**Abel Salazar** — Exposição comemorativa do centésimo aniversário do seu nascimento. Museu Nacional Soares dos Reis. De 3.ª a dom. das 10 às 17 (até 31/8).



Não deixe as salas às moscas. Vá às exposições...

**Colectiva de sócios da Árvore**. Cooperativa Árvore, Rua Azevedo de Albuquerque, 1 (até 4/9).

• OUTRAS LOCALIDADES

**2.ª Mostra de Escultura ao Ar Livre**. Até 30/9, Parque Central AMADORA.

**A Jovem Escultura Portuguesa**. Instalações da Bidalcar. De 2.ª a 6.ª das 9 às 19, sáb. das 9 às 13 (até 15/9) AVEIRO.

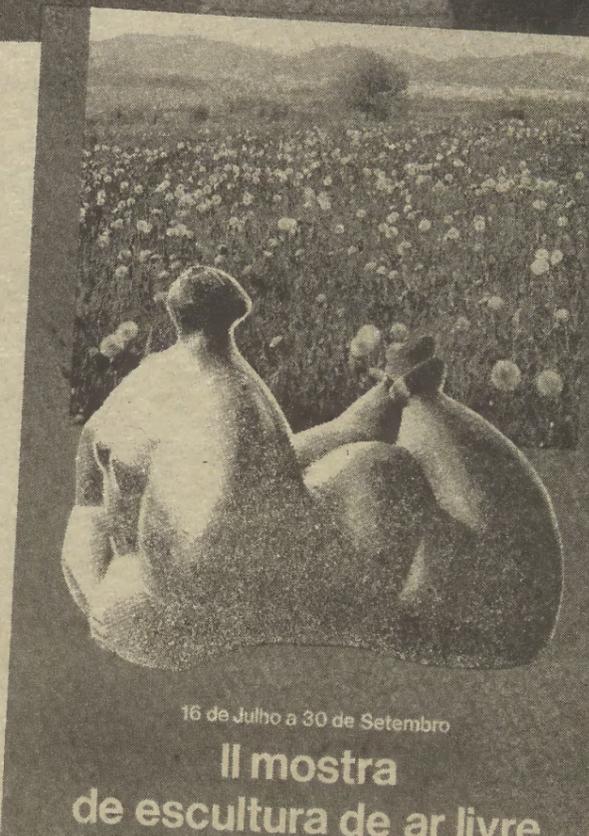
**3.ª Bienal de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha e Retrospectiva de Escultura de Martins Correia**. Pavilhões do Parque D. Carlos I. De 2.ª a 6.ª das 15 às 20, sáb. e dom. a partir das 10 (até 15/9) CALDAS DA RAINHA.

**Colectiva de pintura** (portuguesa) de homenagem a Jean Cocteau. Galeria de Arte Chris-Shop, C.C. Girassolium. Das 10.30 às 22.30. COIMBRA.

**Teixeira Bernardes («O Bambino»)** — Pintura. Galeria Múltiplo, C.C. Solmar. ESPINHO.

**Maria José Oliveira** — Pintura. Galeria Arcada, Arcadas do Parque. De 4.ª a 2.ª das 11 às 13 e das 14 às 19 (até 6/9) ESTORIL.

Azulejos do Con-



16 de Julho a 30 de Setembro  
**II mostra de escultura de ar livre**  
Câmara Municipal da Amadora — 1989

... sejam em salas fechadas ou ao ar livre

**celho de Loures** (Sécs. XVI a XX). Casa do Adro, Rua Fria. De 3.ª a dom. das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17.30

**LOURES. Arqueologia Industrial** — A Indústria Conserveira e a industrialização do concelho de Matosinhos. Cave dos Paços do Concelho. De 2.ª a 6.ª das 14 às 17.30, sáb. e dom. das 15 às 18. MATOSINHOS.

**1.ª Bienal de Fotografia de V.F. Xira**. Sala do Celeiro do Edifício Patriarcal (até 31/8) VILA FRANCA DE XIRA.

**Maria Gabriel** — Gravura. Clube Lago MONTE ESTORIL.  
**Escultura Contemporânea** (2.ª Bienal Internacional de Obidos). Solar da Praça de Santa Maria, das 10 às 19 OBIDOS.

**Colectiva de Escultura** — «A escultura habita esta casa.» Até 14/9, Centro de Arte de S. JOÃO DA MADEIRA.

**Colectiva de Fotografia** (Alvaro Rosendo, Celina Morais, Hervé Dangla, Hélder Lage, Victor Ferreira). De 2.ª a 6.ª das 10 às 19 e das 20.30 às 23, sáb. e dom. das 15 às 19 e das 20.30 às 23. Centro Cultural Emmerico Nunes, SINES.

**Luís Andrade** — Pintura. Gal. O Outro Lado do Espelho, R. Dr. Alfredo Costa, 14, SINTRA.

**Edith Forjaz** — Pintura. Palácio Nacional da Pena. De 3.ª a dom. das 10 às 17 SINTRA.



Stuart Carvalhais visto por Francisco Valença, Amarelhe e Baltazar



# Cinema

A selecção

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> O acochado	—	★★★★	—	★★★★
<b>B</b> A Fantástica Aventura do Barão	—	★★★★	—	★★★
<b>C</b> Fuga sem Fim	★★★★	★★★	—	★★★
<b>D</b> Irmãos Inseparáveis	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
<b>E</b> Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos	★★★	★★★★	★★★	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Jean-Luc Godard — Forum Picoas/1 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- B — Real. Terry Gilliam — Fonte Nova (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa.
- C — Real. Sidney Lumet — Alfa/3 (14.15, 16.45, 21.45, 00.15) — Amoreiras/8 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.
- D — Real. David Cronenberg — Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Mundial/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45) — Lisboa.
- E — Real. Pedro Almodovar — Quarteto/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa



(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica).

# Tempo Fim de Semana



Céu pouco nublado ou limpo, vento geralmente fraco do quadrante Leste. Tendência para pequena subida de temperatura.

# aTV

## O Pacto assado no forno da RTP

Com as eleições à vista, intensifica-se na televisão portuguesa a campanha anticomunista. É o costume. Por estas e por outras é que o **Telejornal** e o **Jornal das Nove** estão perdendo credibilidade cada vez mais.

O pacto germano-soviético, assinado por Molotov e Ribbentrop anda agora muito badalado. Na televisão já se foi ao ponto de dizer que ele é o responsável pela Segunda Guerra Mundial...

A prova de má-fé dos propagandistas da RTP e das internacionais da desinformação, a prova mais evidente, está no levantamento do pacto isolado do seu contexto histórico. Não se diz que a URSS viu gorados todos os seus esforços para uma frente comum contra o nazismo; não se diz das intenções de Daladier e Chamberlain de apoiar a investida nazi para Leste — hoje sabe-se que a URSS se lhes antecipou apenas por alguns dias; não se diz que a URSS precisava de tempo e condições para enfrentar a mais que certa invasão alemã; não se diz que foi a derrota da Alemanha no Leste que salvou a Humanidade do terror nazi. Sem isso nada será integralmente compreendido, nos aspectos negativos ou positivos.

A má-fé do **Jornal de Sábado** vai ao ponto de colocar lado a lado a cruz suástica e a foice e o martelo!!! Não há dúvida. Em matéria de manipulação, têm aprendido umas larachas lá pela RTP...

## Divisão de tarefas

Lamentável por variadas razões, é o que também por lá se passa na cobertura e tratamento da actualidade nos países africanos amigos de Portugal, em especial Angola e Moçambique.

Aquilo está muito bem distribuído, como diria a Tancinha do **Sassaricando**: no **Telejornal**, são pela UNITA, no **Jornal das Nove** são pela Renamo.

Ninguém conseguirá convencer os governos de Moçambique e Angola de que, em órgãos tão estupidamente governamentalizados, a hostilidade é puramente ocasional ou inocente.

Afinal, de que lado está o Governo português?

## Quem e quem

A entrevista ao embaixador de Angola, Rui Mingas, no **Jornal de Sábado**, assumiu todo o aspecto de uma reparação.

Tivemos assim oportunidade de esclarecer algumas situações muito na balha através da televisão.

Uma delas a afirmação de Savimbi segundo a qual não fora posta a questão do seu afastamento da direcção da UNITA. O embaixador de Angola mostrou o que vale a seriedade das afirmações do Jonas, apresentando exemplos comprovativos.

Outra foi a duplicidade dos Estados Unidos que, por um lado, apela ao diálogo e por outro concede substanciais apoios ao Jonas.

Com esta entrevista ficou bem assente quem, em Angola, deseja de facto a paz e quem a nega.

## Filhos um do outro

A campanha antidroga, actualmente em curso, é apresentada na televisão da seguinte maneira.

O governo colombiano decidiu-se a combater os traficantes. Conta, para isso, com o auxílio do governo americano que pôs à sua disposição a soma de cinco milhões de dólares, qualquer coisa como 750 mil contos, mais ou menos...

Parece muita coisa, a quem é pobre. Ora, sabe-se que o orçamento dos patrões da cocaína ascende a **quinze mil milhões de dólares**. Os tais simplórios cinco milhões são a título meramente simbólico, no aspecto de combate efectivo...

Mais do que isso ganha um qualquer intermediário de Miami quando, utilizando o nosso país como placa giratória, introduz um carregamentozinho na Europa...

A pior droga, pior do que a própria droga é, hipocritamente, tentar esconder que a droga é filha do dólar e o dólar é filho da droga.

Vendo bem, o parentesco não é tão absurdo como parece...

## Assim se fazem as cousas

Vimos na televisão.

Os redactores do **Telejornal** discutiam acaloradamente o peso do alinhamento. Cada qual queria ver contemplada a sua contribuição. Mas evidentemente não havia lugar para tudo. Tira-se um minuto aqui, uns segundos ali. De súbito um telefonema. Era o ministro da Justiça, a propósito de uma nota do chefe, no **Telejornal** do dia anterior, em que ventilava a insegurança com que se anda nas ruas de França. Pede direito de resposta. Dão-lhe cinco minutos...

Sabemos depois que o ministro trabalha num decreto sobre a insegurança nas ruas — e que o chefe redactor, autor da notícia, já tinha conhecimento do projecto...

Atenção: a cena passa-se em França, no **Telejornal** de lá. Nada de confusões...

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## Vêm aí os comunistas!

Uma assistência pouco entusiasmada (dizem os jornais) ouviu no Algarve palavras de desespero do líder do PSD e do Governo.

Cavaco, de dedo em riste, falou de «acordos secretos» PCP-PS, dum terrível «acontecimento histórico» na vida portuguesa, duma «vitória» do dr. Álvaro Cunhal, etc., etc. O acordo entre socialistas e comunistas para o Município de Lisboa estava no centro da intervenção proferida em Faro pelo PM, que não ficou por aí, «atacando» em temas como as consequências da vitória comunista no distrito de Setúbal em Dezembro, as pressões sobre a comunicação social e as recentes palavras do bispo de Bragança... No PSD a hora é de pânico: em festa laranja o chefe do partido do Governo alerta para o perigo vermelho. **Vêm aí os comunistas!**

## Nervosismo

O PCP reagiu ontem ao discurso do Primeiro-Ministro, em Faro, desmentindo «a existência de qualquer acordo secreto» entre o seu partido e o PS, «designadamente de âmbito governamental», e qualificando de «irresponsáveis e fantasiosas» as afirmações de Cavaco Silva. O PS, conforme anunciou ontem o seu porta-voz, Marques da Costa, só hoje tomará posição.

Sábado à noite, num comício de encerramento da Festa de Verão do PSD, o Primeiro-Ministro censurou duramente os socialistas pelo acordo que estabeleceram com o PCP, em Lisboa, e afirmou ter «informações seguras» de que esse acordo autárquico se estende à governação do País. Este foi, aliás, o tema quase exclusivo do discurso do chefe do Executivo.

Instado por «o diário» a comentar estas declarações, o dirigente comunista Luís Sá, disse, ainda, que as «violentas» referências de Cavaco Silva ao acordo «não podem deixar de ser interpretadas como uma expressão de descontrolo e nervosismo face ao entendimento, ainda que limitado, das forças democráticas».

Luís Sá interpreta também o discurso do Primeiro-Ministro como «uma tentativa de desviar a opinião pública do fracasso da política governamental, em particular da falência de todas as previsões para 1989 e do sério agravamento das condições de vida de largos sectores da população».

«O PCP — adianta o dirigente — prosseguirá serenamente a sua contribuição para uma alternativa à gestão desastrosa da direita em Lisboa, confiante em que não será a histeria anticomunista que impedirá a vitória da coligação «Por Lisboa» e um sério revés da fracassada política do PSD nas próximas eleições autárquicas».

Luís Sá desafia, ainda, formalmente o Primeiro-Ministro a dizer que investimentos estrangeiros seriam cancelados no caso «previsível», segundo diz, de uma coligação do PCP e outras forças políticas vencer as eleições em Setúbal.

O dirigente comunista adiantou ao nosso jornal que estas declarações do Primeiro-Ministro serão, certamente,

analisadas na reunião do Comité Central do seu partido marcadas para terça-feira próxima.

## «Informações seguras»

Em Faro, Cavaco Silva afirmou, peremptoriamente, ter «informações seguras» de que o PS e o PCP se entenderam para a governação, não apenas para a cidade de Lisboa, mas para todo o País. Este entendimento — disse — visa as legislativas de 1991 e faz parte do acordo global entre os dois partidos.

Para o Primeiro-Ministro, este acordo representa «uma extraordinária vitória para os comunistas» uma vez que, conforme disse, «o doutor Álvaro Cunhal esperou 14 anos por este momento».

«Esta coligação — afirmou ainda — tem um significado histórico porque é a primeira vez que acontece em Portugal» e «visa trazer novamente os comunistas à governação. O que se quer — sublinhou — é dar aos comunistas aquilo que perderam em 1975».

Segundo Cavaco Silva, «os socialistas aceitaram ainda a imposição do PCP no sentido de o PS não fazer coligações com o PSD em Setúbal e no Alentejo».

«Este PS não é o partido de Mário Soares nem de Vítor Constâncio», disse o Primeiro-Ministro, acrescentando que «este Partido Socialista está predisposto a entendimentos com o PCP porque os seus actuais dirigentes já colaboraram no passado com os comunistas».

«O PCP não mudou. Quem mudou foi o Partido Socialista», sublinhou ainda.

(«o diário», 28 de Agosto)

## O povo avaliará

Socialistas e comunistas desmentiram já o teor das afirmações feitas por Cavaco Silva, no Algarve, segundo as quais ambos os partidos teriam estabelecido um entendimento visando não só as eleições autárquicas, mas também as legislativas de 1991.

Assim, o socialista João Soares desafiou o Primeiro-

-Ministro, Cavaco Silva, «a apresentar publicamente» provas da acusação que fez ao PS e ao PCP de terem feito um acordo secreto para a conquista do Poder em 1991.

«Fiquei estupefacto, é uma acusação grave, de que diz ter provas, que sei ser em absoluto falsa», afirma João Soares, número dois entre os candidatos socialistas às eleições para a Câmara de Lisboa.

«Se Cavaco Silva não apresentar provas do que afirmou», diz João Soares, «o povo português avaliará por si com que irresponsabilidade e demagogia o professor Cavaco está a procurar conduzir a campanha eleitoral».

O dirigente socialista diz ainda que as acusações de Cavaco Silva contrastam com o tom e conteúdo de declarações do cabeça de lista da coligação PSD/CDS, Marcelo Rebelo de Sousa, segundo as quais estaria disposto a fazer um «pacto de regime» com a coligação de esquerda.

As acusações de Cavaco e a resposta de João Soares ocorrem numa altura em que o secretário-geral do PS e candidato da coligação «Por Lisboa» à presidência da Câmara, Jorge Sampaio, se encontra nos Estados Unidos.

## Setúbal e os investimentos

Cavaco Silva acusou também dirigentes socialistas da UGT de servirem de «lembres das movimentações políticas que se registam em Portugal».

Alertando para as consequências de um eventual sucesso da coligação de esquerda em Portugal, que «traria os comunistas para a área do poder», o líder do PSD referiu que isso se traduziria «novamente na desconfiança e na quebra do investimento estrangeiro».

«Já temos indicações de que se os comunistas ganharem em Setúbal, alguns grandes investimentos planeados para o distrito poderão vir a ser cancelados» — salientou.

Citando o bispo de Bragança numa homilia «silenciada pela comunicação social», Cavaco Silva disse que «a coligação PS/PCP põe em causa a marcha da democracia em Portugal».

O presidente dos social-democratas referiu ainda que além desta «batalha política» o Governo e o PSD terão de prosseguir «a batalha do desenvolvimento».

## «Sou um obstáculo»

«Sei que sou um obstáculo para todos aqueles que em Portugal querem singrar pelas jogadas e pelas manobras», salientou Cavaco Silva, mostrando-se confiante no progresso e na modernização do País.

Cavaco Silva, que não se referiu no discurso à questão da remodelação governamental nem às relações com a Presidência da República, fazia-se acompanhar por diversos dirigentes nacionais do partido e pela ministra da Saúde, Leonor Beleza. («Diário Popular», 28 de Agosto)

# Xadrez

CCXVII — 31 de Agosto de 1989

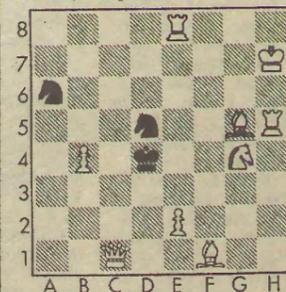
Proposição N.º 217/A

Por: Gino Mentasti

N.º 33 «Prontuário Del Problemista», 1977

Pr.: [3]: Cs. a6,d5-Rd4

Br.: [9]: Ps. b4,é2-Cg4-B5.f1.g5-Ts. é8,h5-Dç1-Rh7



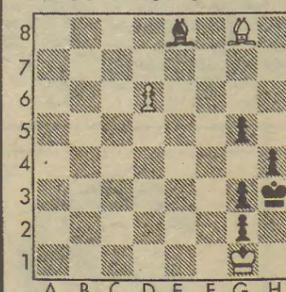
Mate em dois lances

Proposição N.º 217/B

Por: F. Bondarenko — 1950

Pr.: [6]: Ps.g2,g3,g5,h4-Bé8-Rh3

Br.: [3]: Pd6-Bg8-Rg1



Jogam as Brancas e ganham

Soluções do N.º CCXVII

N.º 216/A (G.M.):

1. Cf6! (2. T64++)

1. ... Cç3; 2. é3,++

1. ... Cç7; 2. Bè3++

N.º 217/B (F.B.): 1. Bè6+, g4; 2. Bd5,Bç6!; 3. d7!, B:d5; 4. d8=C1, Bb3; 5. Cç6, Bç2; 6. Cè5, Bg6; 7. Cd7!, Bç2; 8. Cf6!, Bg6; 9. Cd5 e 10. Cf4++

A. de M.M.

# Damas

CCXVII — 31 de Agosto de 1989

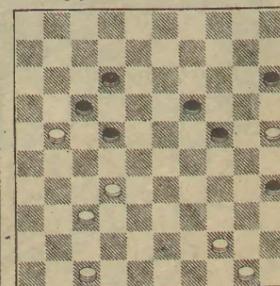
Proposição N.º 217

Por: M. Sabater (F.)

«L'Éffort», 1971

Pr.: [7]: 12-15-17-19-22-24-35

Br.: [7]: 21-25-32-37-44-47-50



Jogam as brancas e ganham

Golpe N.º 217

Por: Hermelink

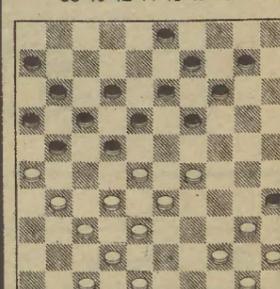
«La Dépêche du Midi», 14-X-79

Pr.: [15]: 3-6-9-10-11-12-13-14-

16-17-18-19-21-22-35

Br.: [15]: 26-28-29-31-32-33-37-

38-40-42-44-45-47-48-50



Jogam as brancas e abrem passagem para a Dama

Soluções do N.º CCXVII

Miniatura n.º 217 (M.S.). 32-28 (22x33\*), 44-40 (17x26) [Se: (35x44), 50x28 e 37-31 e 47-41 e 25-20+], 37-31 (26x37), 47-41 (37x46=D), 25-20 (35x44), 50x28! (46x23), 20x7 e 7-1=D e 1-29 e 29-42+.

Golpe n.º 217 (H): 31-27 e 29-24 e 40-34 e 48-43 e 28-22 (17x39), 26x19 (14x23) 37x26! (48x28), 44x15...+

A. de M.M.

# na festa!

LOURES • 8, 9 e 10 SETEMBRO

**Avante!**

Director  
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 9  
31 de Agosto de 1989  
Não pode ser vendido  
separadamente

## Implantação: um esforço na ponta final



**EP:**

*sorteio  
com bons prémios*

1.º prémio

**RENAULT 5  
CAMPUS**



2.º prémio

**YAMAHA  
GT50S  
SUPER SPORTS**



3.º prémio

Tintas NIN  
p'ra pintar a sua casa  
do princípio ao fim



**ARTISTAS  
PORTUGUESES** nos palcos  
da Festa



# Programa *já está à venda* Tudo sobre a Festa!

Já está à venda o programa da Festa. São 64 páginas em forma de revista onde encontramos realmente **tudo (!)** sobre a iniciativa que vai levar a Loures largos milhares de pessoas no fim-de-semana de 8 a 10 de Setembro (está quase...)

São 64 páginas de informação completa sobre tudo o que se vai passar ao longo de três inesquecíveis dias de festa, de convívio e de amizade: os espectáculos e os seus intervenientes mais directos, as exposições, as zonas distintas da Festa, as atracções, as

## O que nos dá uma EP?

O que nos oferece esta «festa!»? Um grande conjunto de espectáculos de qualidade invulgar. Uma grande «festa» do livro (e do disco, e das publicações periódicas), uma grande mostra de artesanato, da gastronomia, da cultura popular, das realizações e das lutas pelo progresso de Portugal, o conhecimento e o debate das propostas dos comunistas para o futuro do País. Uma autêntica volta ao mundo em poucas horas, com escala nos muitos pavilhões de partidos irmãos e solidários de dezenas de países. Uma grande mostra de artes plásticas (a Bial). E o desporto. Há quem ache que comprar uma EP é um bom negócio. De facto, uma Entrada Permanente (EP) na «festa!», além de contribuir para custear as enormes despesas que uma realização deste género (única no País) implica, permite, por apenas 850

escudos, o acesso ao recinto do Infantado e a todos os espectáculos e iniciativas ali realizados. Tudo isto custa apenas 850 escudos. Ainda por cima este ano a EP dá prémios! Na tarde de domingo, 10 de Setembro, realiza-se um sorteio especial que vai premiar três das Entradas Permanentes da Festa do «Avante!». Os prémios são valiosos e estarão expostos no Infantado durante a «festa!». Mas já um primeiro sorteio de EPs teve lugar no local onde se constrói a «festa!», no dia 6 de Agosto, e, como na altura noticiámos, foram premiadas as Entradas Permanentes com os números 54 750 (1.º prémio, uma câmara de vídeo), 45 551 (2.º prémio, aparelhagem sonora de alta fidelidade) e 83 231 (3.º prémio, um vídeo-gravador). Muitas e boas razões para comprar a EP: porque ajudamos quem organiza esta «festa!» e, para além disso, habilitamo-nos a prémios como um automóvel (Renault 5 Campus), uma moto (Yamaha 50) ou um lote de tintas (Nitén).



surpresas, a participação nacional e internacional, os espaços de confraternização e de animação, os horários, a planta da Festa, os conselhos úteis, as indicações que o visitante precisa para se movimentar melhor no Infantado, para escolher e seleccionar, para chegar e sair da maior manifestação político-

-cultural e artística do nosso país. Programa da Festa, um instrumento fundamental para os que querem conhecer melhor a Festa; uma revista simpática que custa apenas 250 escudos e que já está à venda.

## Circo nos três dias!

Vinte e dois destacados artistas circenses, entre malabaristas, palhaços, ilusionistas e acrobatas, num total de 40 pessoas com apoiantes e animadores, formam o espectáculo de circo que Karley Aida apresentará nos três dias da Festa do «Avante!». Karley Aida, professora de uma escola de circo, já venceu com a sua trupe de acrobatas três festivais internacionais de circo, tendo recentemente conquistado o prémio «Barco Salino» no Festival de Colleira, em Valência. Traz este ano à XIII Festa do «Avante!» um elenco famoso do mundo circense. Do elenco salientam-se, a título de exemplo, Miss Armanda, a diva circense portuguesa, que apresentará o seu número de equilibrista com

espada e punhal sobre escada; «Africa Star», a contorcionista que já ganhou dois festivais internacionais e pertence à família dos Louradores. Ainda marcarão presença, Fernando Lourador, um dos melhores acrobatas cómicos portugueses, Carmen Contreiras, ginasta de uma das famílias circenses mais antigas, os palhaços portugueses Campos e companhia, o prestidigitador Sotam com os seus 36 anos de carreira e espectáculos efectuados em Espanha, Inglaterra, França e Alemanha, os malabaristas Carla Frade e Fernando Ascensão e Cris and Viola no seu número de forças combinadas. Sexta, sábado e domingo, três dias de Festa, três dias de circo no Infantado.

## Lisboa também organiza excursões

Excursões para a Festa estão programadas um pouco por todas as regiões do País. O distrito de Lisboa não escapa e de várias organizações chegam-nos indicações sobre viagens

destinadas aos visitantes da Festa oriundos de Alenquer (incluindo Abrigada e Merceana), Azambuja (Manique, Quebradas), Torres Vedras (Carvoeira, Maceira, Varatojo) e mesmo dentro da própria cidade de Lisboa há quem tenha pensado em fazer uma excursão à Festa. É mais prático e acessível. Que o diga a 4.ª Zona, que elaborou o seguinte plano de viagem: partidas no sábado e no domingo às 10 horas da Praça de Sapadores, com paragem na Paiva Couceiro, Praça do Chile e Alameda. No sábado o autocarro regressa da Festa à 1 hora da madrugada e no domingo à meia-noite.

Preço do bilhete ida e volta/dia, por pessoa: 400 escudos. As inscrições funcionam na organização do Partido ou no CT de Arroios, Rua Jacinta Marto, 4, 4.º frente, telefone 56 16 72.

## Distrito de LEIRIA

### Atenção, amigos dos concelhos do Norte!

A Direcção Regional de Leiria (DORLEI) do PCP convida os militantes e simpatizantes do Partido, naturais da zona Norte deste distrito, para um convívio integrado na preparação das listas para as próximas eleições autárquicas. Marcado para dia 9 de Setembro (sábado), às 17 horas,

junto ao forno da padaria, na zona de Leiria, na Festa do «Avante!», este encontro-convívio destina-se aos naturais (residentes e não residentes) dos concelhos de Pombal, Ansião, Pedrógão Grande, Alvaiázere, Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera. Participa!

**festa *Avante!***  
LOURES 8-9-10 SETEMBRO  
**EXCURSÕES**  
Inscrições nos Centros de Trabalho do PCP, designadamente:  
Porto - C.T. da Boavista, tel.695651 e C.T. Barão de S. Cosme, 573030 / Gaia, 394345 / Matosinhos, 935773 / Gondomar, 9893420 / Arousa, 9713256 / Campo, 9113951 / Sto. Tirso, 52178 / Felgueiras, 923363 / Paredes, 27503.  
*Este ano há espaço para a sua tenda!*  
**INSCREVA-SE / ADQUIRA JÁ A SUA E.P.!**

# Cristoph Posselt: Este homem é um mimo!

«Eu sou (nenh)um palhaço» é um programa teatral para crianças criado pelo alemão Christoph Posselt, já representado por ele em Paris, Berlim Ocidental, Áustria e Nicarágua, pela primeira vez levado à cena em Portugal para se apresentar na Festa do «Avante!». Utilizando o corpo, numa pantomina que Posselt adoptou como forma de expressão teatral desde 1968, este artista da RDA apresentará ainda na Quinta do Infantado uma «Lenda para Adultos», mimando duas peças cuja duração têm a curiosidade de poder variar entre 20 a 45 minutos.

Como amador, a carreira de Christoph Posselt começou por ser notada quando o actor pertencia ao elenco do «Pantomimenbuehne Berlin», dirigido por Volkmar Otte. Em 1974, Posselt integra já com o «DT - Pantomimen - Ensemble» o «Deutsches Theater» de Berlim, onde se torna um destacado profissional, actuando em inúmeras encenações como a da farsa «Zwischen Tuer und Angel», ou ainda no conto de fadas «Von Kalaf und Prinzessin Turandot», no tema modernizado dos Nibelungos «Die frem de Haut» ou em «Blaubart».

Particular destaque foi dada à sua interpretação da personagem do **Professor Gottsched** — Professor Gottsched que era adversário da chamada «Neuberin» e responsável pelo afastamento dos palcos alemães do «Hanswurst», em cujas últimas versões Posselt participou.

A este propósito a revista «Theater der Zeit» elogiaria o trabalho de Christoph Posselt, escrevendo: «Posselt, de gibão largo, peruca branca e trança retesada, imita, com severos e bruscos movimentos, à maneira de um quebranozes com muita comicidade, o sábio Gottsched, um dogmático e, por conseguinte, limitado. Aquele, para quem os livros são, precisamente, repugnantes, rasga-os e amachuca os pedaços de papel com as pontas dos dedos.»

Encarnando muito convincentemente o Mefisto em «Hoellenfahrt des Doktor

Faust», Posselt, ainda no «Deutsches Theater», participaria como actor em «Orfeus» e «Ballonfieber».

Em 1980, Posselt inicia a actividade de encenador, apresentando-se em salas como a da Ópera Nacional de Berlim, Ópera Nacional de Dresden, Teatro Nacional de Dresden e nos teatros de Schwerin, Schwedt e Brandenburg.

## A fantasia e o artesanal da pantomina

O trabalho prático levado a cabo por Posselt ao longo dos anos tem vindo a ser enriquecido pela actuação para crianças, desde 1981, juntando ao seu trabalho no teatro como encenador, consultor de pantomina ou colaborador directo do encenador, uma fantasia já considerada «teimosa» nas encenações em que participou.

Por outro lado, Christoph Posselt conseguiu simultaneamente estudar em pormenor o lado artesanal desta profissão, ampliando esse conhecimento através dos estudos de teatrologia iniciados em 1984, em Leipzig.

Posselt é um artista que percorreu já toda a Europa, numa série de digressões que, em termos recentes, passaram em 1986 pela URSS e pela Dinamarca (na festa do jornal «Land of Folk») em 1987 por Paris, no Centro Cultural da RDA, apresentando «Café Fatal», obra de sua autoria que subiu ao palco no Festival Internacional de Pantomina «Gaukler/87» em Colónia. Em 1988 «Café Fatal» apresentou-se no Festival de Viena, após o que Posselt iniciou outra digressão já com o programa para crianças «Eu sou (nenh)um palhaço», agora em Portugal através da Festa do «Avante!», depois de ter passado por Paris, Berlim Ocidental, Áustria e Nicarágua.

Trabalho com crianças que será apenas uma das vertentes das diversas prestações de Posselt na «Festa», já que também apresentará «Lenda para Adultos». No entanto as atenções para este artista deverão também levar em conta que foi precisamente com crianças,

O trabalho com crianças é uma das vertentes das diversas prestações de Christoph Posselt

através da peça búlgara «Timmi», que Christoph Posselt conseguiu em 1986 o seu primeiro grande trabalho individual, no «Teatro para Jovens Espectadores», em Magdeburg, numa encenação com grande expressividade física e equilíbrio artístico.

Um homem do teatro, um mimo na «festa!» para nos dar a emoção do gesto e do corpo... ■

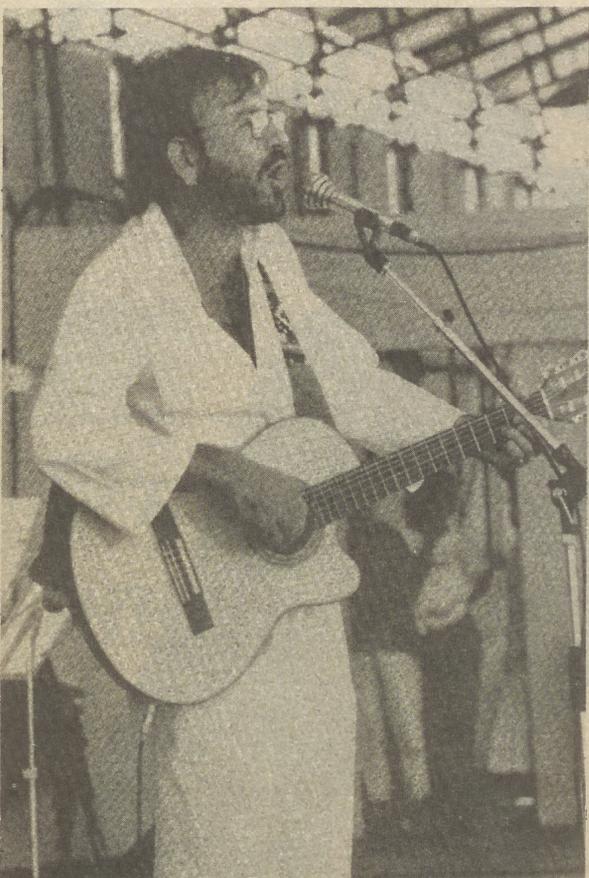


## Grupo de Metais do Seixal



O gosto pela música está na base do nascimento do «Grupo de Metais do Seixal», que iniciou a sua actividade em 1984 sendo formado por um conjunto de jovens, cuja média de idades é de 23 anos. Eles vão levar «à festa!» o encanto de um vasto repertório, onde as diversas combinações que se podem efectuar com estes instrumentos possibilitam a divulgação de um vasto leque de compositores do passado e do presente. Esta é uma das mais jovens formações musicais do género, profissionais que vieram das bandas filarmónicas do concelho do Seixal — terra de grandes tradições musicais — e que na sua maioria frequentaram o Conservatório Nacional de Música de Lisboa.

Do século XVI à actualidade, o Grupo de Metais do Seixal mostra alguma preferência pela Música de Câmara, assumindo junto do público, para além do entretenimento pretendido, uma função pedagógica que já se traduziu em vários concertos realizados em escolas, igrejas, sociedades filarmónicas, tendo participado recentemente num concerto aquático a bordo de uma embarcação típica do Tejo bem como na edição deste ano dos Concertos da Primavera do Seixal. O grupo é composto pelos trompetistas Alberto Sousa, Carlos Alberto e Fernando Jorge, pelos trompistas Luís Leal e António Augusto Rodrigues (recentemente laureado com o prémio do melhor músico do ano, no Prémio Jovens Músicos da RDP), Fernando Palacino (trombone) e Amílcar Gameiro (tuba) completam a formação do Grupo de Metais do Seixal, uma surpresa boa para a «festa!».



Carlos Alberto Moniz

**N**omes como Fernando Tordo, Carlos Alberto Moniz, Maria Guinot, Luís Garcéz, Brigada Vitor Jara, Romanças, ou Disto e D'Aquilo vão estar este ano, mais uma vez, nos palcos da «festa!». É a música portuguesa que uma vez mais vai estar em força este ano, na Quinta do Infantado, representada por alguns dos nomes mais importantes do que por cá se vai produzindo. Nomes de cantores e músicos que, mais uma vez, vão dar o seu melhor em espetáculos distribuídos por diversos palcos na «festa!»: mostrando, muitos deles, a evolução da sua música nos últimos tempos, enquanto outros anunciam as suas novas propostas ao público

certamente vasto que os espetáculos na Quinta do Infantado vão proporcionar. Fernando Tordo, um homem com dezanove anos de carreira, 45 singles gravados e 13 LP's, o último dos quais chamado «O menino Ary dos Santos», homenagem ao autor das letras de muitas das suas melhores canções. Carlos Alberto Moniz, também ele uma tradição na «festa!», sempre com espetáculos de música portuguesa de agrado geral e garantida qualidade.

Maria Guinot, mulher popularizada pelo elevado sentido emocional transmitido nas suas canções, cantando acompanhada por ela própria ao piano, desenhando melodias para poemas de sua autoria. Francisco Ceia, um alentejano que de Portalegre traz uma música de raiz popular, este ano na «festa!» com um espetáculo onde

se faz acompanhar por seis músicos, depois da recente gravação do seu último álbum «Entre a Cal e o Sob».

Também aos palcos da «festa!» regressa a Brigada Victor Jara, uma formação de Música Popular Portuguesa com um historial próprio dos mais importantes nesta área da música nacional e que, recentemente, representou Portugal no Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado em Pyongyang, capital da República Popular e Democrática da Coreia.

Romanças e Disto e D'Aquilo, duas formações também da chamada Música Popular Portuguesa, a insistência na defesa do melhor que nós somos. É a música que nós cantamos, a música que nos espelha. A música de lugar privilegiado nesta nossa «festa!».

# Cantar português



Francisco Ceia

Fernando Tordo



Maria Guinot



Romanças



Brigada Victor Jara



Luís Filipe Garcéz

# Lagrene vem com Etheridge



Em devido tempo demos aqui notícia da vinda a Portugal para «a Festa» desse que foi um menino prodígio do jazz – o francês Birelli Lagrene. A notícia, agora é outra: para a «Festa», Birelli Lagrene vai fazer-se acompanhar por John Etheridge, um homem que conheceu os *tops* quando fez parte do grupo «Soft Machine», mas que depois decidiu dedicar-se ao jazz, trabalhando com o violinista Stephane Grappelli, ou ainda com outros nomes importantes do jazz britânico, como Gary Boyle ou Dick Heckstall-Smith, entre muitos outros.

Com Etheridge (que acabou de gravar um álbum com Vic Juris), Lagrene vem à «Festa», para tocar a guitarra acústica, que não abandona desde os cinco anos, bem como a guitarra sintetizada, reservando-nos um espectáculo empolgante, cinco dias depois de o francês completar 23 anos!

Depois de participar em espectáculos com gente tão distinta como Benny Carter, Benny Goodman, Jaco Pastorius, Pat Metheny, Al DiMeola, Paco de Lucia, Paquito D'Rivera, etc., etc. Depois de ter gravado e composto a banda sonora original do filme de Rainer Fassbinder «Querelle», a carreira e o estilo de Birelli Lagrene afirmam-se na capacidade técnica expressa em frases melódicas ardentes, num virtuosismo desconcertante; para uma agressividade, permitida também pelo apelo aos efeitos de distorção que a guitarra sintetizada possibilita, com um lirismo sempre presente nas interpretações do músico, de fácil identificação quando ele nos surge na guitarra acústica. ■

Maria Viana com Bernardo Sasseti, o pianista que habitualmente a acompanha



## Jazz na «Festa!» (4)

# Maria Viana: *swing e técnica*

Os grandes temas do Jazz, de todas as épocas, personalizados com espontaneidade e emoção – eis algo de bom que poderemos esperar se de entre o vasto leque de espectáculos que «a Festa» este ano nos oferece, escolhermos figurar entre a plateia que vai assistir ao concerto de Maria Viana, uma mulher que já é nome firmado nesta área da música, que desde muito cedo começou a revelar intuição e gosto por esta arte que viria a ser a sua profissão.

Maria Viana é aquela cantora de grande maleabilidade vocal e bom sentido rítmico (Swing e técnica são já matéria amadurecida

nesta cantora), revelando o seu sentido de canto no Jazz, dentro da melhor tradição negra, também expressa num acentuado sentido de Blues.

Recentemente, Maria Viana esteve no «Jazz Num Dia de Verão» com o trombonista Al Grey, depois de há já alguns anos ter experimentado cantar como amadora nas oportunidades que lhe foram aparecendo, até que, em Setembro de 1984, aparece no programa de televisão «Clube de Jazz», a actuar ao lado de outro nome que este ano (re)visitará a «Festa»: Mário Laginha.

Luís Vilas-Boas e Duarte Mendonça convidam-na então para o Festival de Cascais desse ano, no que viria a ser uma feliz estreia perante um grande público. É nessa altura que Maria

Viana decide dedicar-se exclusivamente à música de Jazz.

Ao longo do tempo, a cantora efectua espectáculos com boa parte dos bons instrumentistas nacionais e estrangeiros que têm vindo a passar por Lisboa, actuando em várias salas da capital, nomeadamente no Hot Clube de Portugal, no Casino Estoril e em vários festivais.

Com um disco gravado, onde pontifica a secção rítmica do grupo britânico de Peter King e os irmãos Moreira (também na «Festa»), Maria Viana aguarda no entanto a edição para breve desse trabalho, provavelmente a surgir nas discotecas pouco depois da sua actuação na Quinta do Infantado. ■

# EVEREST *O rock soviético*

«Espero que, ao fim de algum tempo, consigamos executar melodias sinceras e impetuosas, uma mistura de gemido e riso que esteja no meio entre a maldição e a oração, ou seja, aquilo que é o verdadeiro rock». Palavras de Vladimir Ermoline sobre o grupo de que é líder: «Everest», banda soviética que promete para a «festa!» a festa do rock!

Durante uma digressão pela União Soviética, os músicos do conjunto rock «Uriah Heep» actuaram em Leninegrado juntamente com estes «Everest». Tal não seria notícia de maior interesse, se não sucedesse o facto de no primeiro contacto com os colegas soviéticos, os músicos dos «Uriah Heep» não tivessem experimentado uma comoção invulgar: Mick Box saiu da sala de concertos para esconder as lágrimas que o espectáculo dos «Everest» provocavam. Trevor Bolder ofereceu aos soviéticos as botas/amuleto com que costumavam actuar em palco.

O motivo para este descarregar de emoções esteve na interpretação que os «Everest» fizeram de velhos temas dos «Uriah Heep», quase esquecidos no ocidente.

Embora façam a recriação de temas clássicos do rock, os «Everest» preferem executar música original, música essa que é motivo para, há mais de três meses, ocuparam um dos primeiros cinco lugares do top moscovita.

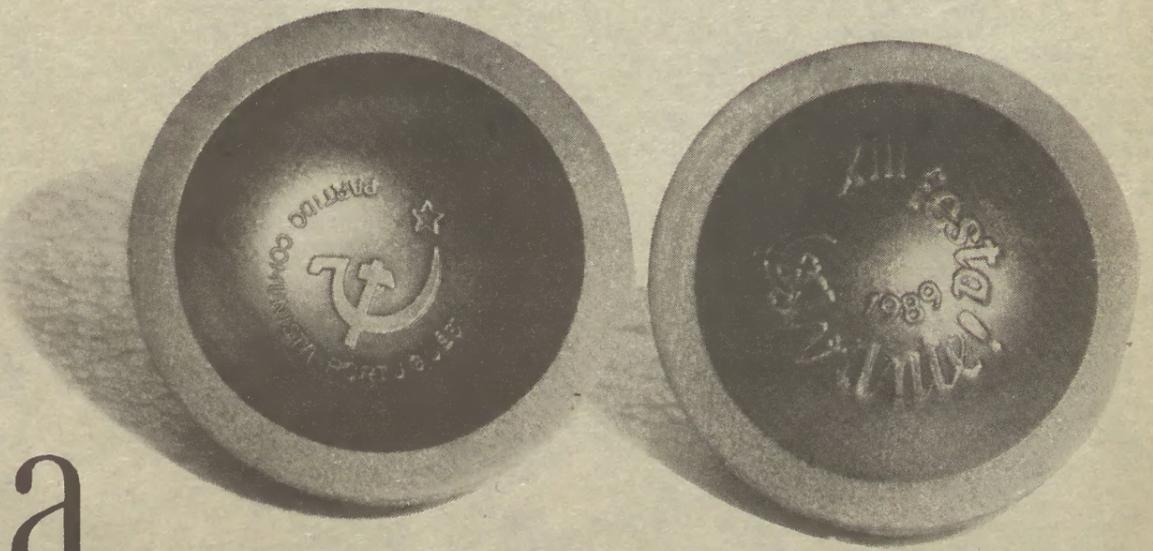
Em Junho deste ano, a banda participou no festival soviético-oeste-alemão, «Noites Brancas de Rock and Roll» e gravou, ao lado de outros grupos rock de Leninegrado, duas canções num disco compacto, lançado no final da iniciativa.

Os músicos desta banda conhecem-se desde os tempos da escola secundária, já lá vão vinte anos, e o seu núcleo base conta com Vladimir Ermoline (voz, viola e autor da música), único músico profissional; Serguei Degtiarev (viola baixo e

voz) que, antes de integrar o conjunto, trabalhou como expedidor numa bilheteira de caminho de ferro; e Igor Grigoriev (percussão electrónica e voz) que continua a trabalhar no Instituto de Economia e Finanças de Leninegrado. Durante algum tempo esta formação trabalhou como grupo de acompanhamento para vários solistas, até que, nos finais do ano passado, decidiu enfrentar as dificuldades ligadas à actuação autónoma.

Com a adesão de músicos profissionais como Andrei Pachkovski (viola solo), Evgueni Orlov (teclas) e Anatoli Krugliak (percussão), as interpretações dos «Everest» atingiram o nível que justifica a permanência nos *tops* soviéticos, bem como a participação nas digressões pela União Soviética dos «Uriah Heep» e dos «Los Empires», tendo também participado no concerto internacional para ajudar a Arménia e filmado vários «videoclips». ■

O escultor João Duarte é o autor da medalha-objecto relativa à edição deste ano da Festa do «Avante!». Os interessados na sua aquisição devem contactar o CT da António Serpa em Lisboa (telefones 73 09 73 ou 76 91 47) ou então esperarem pela Festa, onde estará à venda nos postos centrais e na Bienal de Artes Plásticas.



# À venda a medalha da Festa

Licenciado em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), João Duarte, de 37 anos, conta já com diversas exposições individuais em galerias de Lisboa e da Figueira da Foz, destacando-se certames com trabalhos da sua autoria na Sociedade Nacional de Belas Artes, na capital, e na Casa Museu dos Patudos, na vila ribatejana de Alpiarça. Participou também no Salão da Primavera da Galeria do Casino Estoril, na III Exposição de

Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, nas mostras de escultura de ar livre da Amadora, nas Bienais de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha e na II Bienal Internacional de Esculturas de Óbidos. Em 83, obteve o 1.º prémio de escultura do II Salão da Primavera do Casino Estoril e, em 88, ganhou o concurso público para o monumento do poeta Soeiro Pereira Gomes com o escultor João Afra, sendo-lhe atribuído pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira o prémio «Reynaldo

Santos», e alcançou o prémio especial de aquisição Caixa Geral de Depósitos «Arte Jovem».

Segundo o autor, a medalha-objecto «tem por simbologia a analogia entre a génese do fruto e a génese do movimento comunista. É sob a casca que o fruto lentamente se elabora, até culminar na maturação, estado último e desejável. Assim, o comunismo se vai expandindo no mundo redondo como um fruto

maduro. O mundo maduro será o da sociedade comunista».

A medalha-objecto é constituída por uma esfera de pátina escura, aberta ao meio constituindo dois hemisférios: no superior, no seu interior polido pode-se ler «Partido Comunista Português», com o respectivo símbolo; no hemisfério inferior, no cimo do fruto «maduro», lê-se as inscrições «XIII Festa do Avante 1989». Nos pólos achatados da esfera, encontra-se gravado «Avante».

Na sua resolução técnica, participou também o escultor António Trindade, autor da medalha do ano passado da Festa.

A edição da medalha-objecto desta XIII Festa do «Avante!» é de 400 exemplares em bronze, com a numeração à francesa, o preço é de 3000\$00 cada.

A organização aceita inscrições, que deverão ser efectuadas para Av. António Serpa, 26 — 2.º esq. — 1000 Lisboa ou pelos telefones 730973/769147.

A medalha-objecto estará igualmente à venda na Festa.

## O Douro é tema da expo da ORP

# Por este rio acima...

A exposição política da Organização Regional do Porto (ORP) na Festa do «Avante!» tem este ano o rio Douro por tema. A proposta é subir o rio por uma margem e descer pela outra. Desta vez o Douro será completamente navegável. E quem entrar neste barco disfrutará, não só da paisagem incrivelmente bela, mas sobretudo da história, da cultura, do conhecimento da problemática envolvente no plano económico, social e, claro, ecológico.

Textos, fotografias, diaporama, filme vídeo e elementos vivos da tradição da região ilustrarão e documentarão o certame. O Douro como rota de contacto entre o litoral e o interior, o processo de

povoamento da região e vestígios milenares da presença humana, são os temas que dão sinal de partida para a viagem. Será então possível avistar os rabelos e rabões, valboeiros, pescadores, padeiras de Avintes e até sofrer a angústia das cheias. Reabrir a grande «estrada» económica da região ao moderno tráfego fluvial é uma viagem que demora décadas. Mesmo assim na Festa do «Avante!» vai ser possível fazê-la. Os comunistas têm propostas para ela e estão dispostos a não deixar atrasar mais a barcaça dos governos. Queremos com isto dizer que a exposição terá como importante tema a navegabilidade do Douro — os problemas da Barra, do desassoreamento, das cedências do Governo às pressões da

CEE.

Claro está que queremos que os visitantes da Festa subam o Douro e vejam as lampreias, o sável e possam parar para nadar, fazer desporto, por isso o aspecto ecológico não será descuidado. Até porque a destruição do Douro é a destruição de uma parte vital da região e da cidade. A recuperação e protecção do rio, inserida num Projecto de Desenvolvimento Integrado do Vale do Douro, é um factor essencial para o progresso social da região. E no final da viagem por este rio Douro acima vai ser possível ao visitante vislumbrar essa região desenvolvida, saudável, bonita e que tem o Douro por amigo.

# Damas

## Quem é o grande mestre soviético que veremos em acção no Infantado

Mikhail Korenevski, de 34 anos, grande-mestre internacional de damas de cem casas, intervirá no programa desportivo da Festa do «Avante!» deste ano. Em declarações à *Novosti*, manifestou vivo interesse nesta primeira deslocação a Portugal.

Korenevski começou a jogar damas em 1965 no Palácio dos Pioneiros de Leninegrado, onde mais tarde começaria a trabalhar como treinador.

Participa desde 1973 nos campeonatos da URSS e desde 1978 nos campeonatos do Mundo. É tricampeão da União Soviética:

1978, 79 e 87. Atingiu por duas vezes o terceiro lugar nos campeonatos do Mundo (1984 e 86). Integrando a selecção do seu país ganhou a Taça do Mundo em 1985. Do seu vasto palmarés constam ainda vitórias em numerosos torneios internacionais e no campeonato da Europa por equipas. Natural de Leninegrado, Mikhail Korenevski é licenciado em Filosofia por aquela Universidade e trabalha como jornalista. Coordena as secções de damas do jornal «Vetcherni Leningrad» e da revista «Damas», que se edita na cidade de Riga, capital da Letónia. É autor de dois livros sobre a teoria da abertura nas damas.

«É a primeira vez que vou a Portugal» — disse à *Novosti* Mikhail Korenevski. «Sei que Portugal é um dos países mais belos da Europa. O meu objectivo é contribuir para a divulgação das damas em Portugal. Na Festa do «Avante!» vão realizar-se jogos simultâneos de damas internacionais. Como me parece, os portugueses mostram interesse por este jogo. Portugal acaba de entrar na Federação Internacional de Damas. No campeonato da Europa de Damas, que decorreu em Moscovo, participou um representante de Portugal. Levo muitos livros sobre a teoria de damas para os iniciados e pretendo oferecer-lhos durante essas simultâneas».

# Os mais novos não foram esquecidos

Os visitantes mais novos da Festa do «Avante!» podem contar com um espaço próprio: a Cidade dos Pioneiros, implantada este ano na zona do eucaliptal.

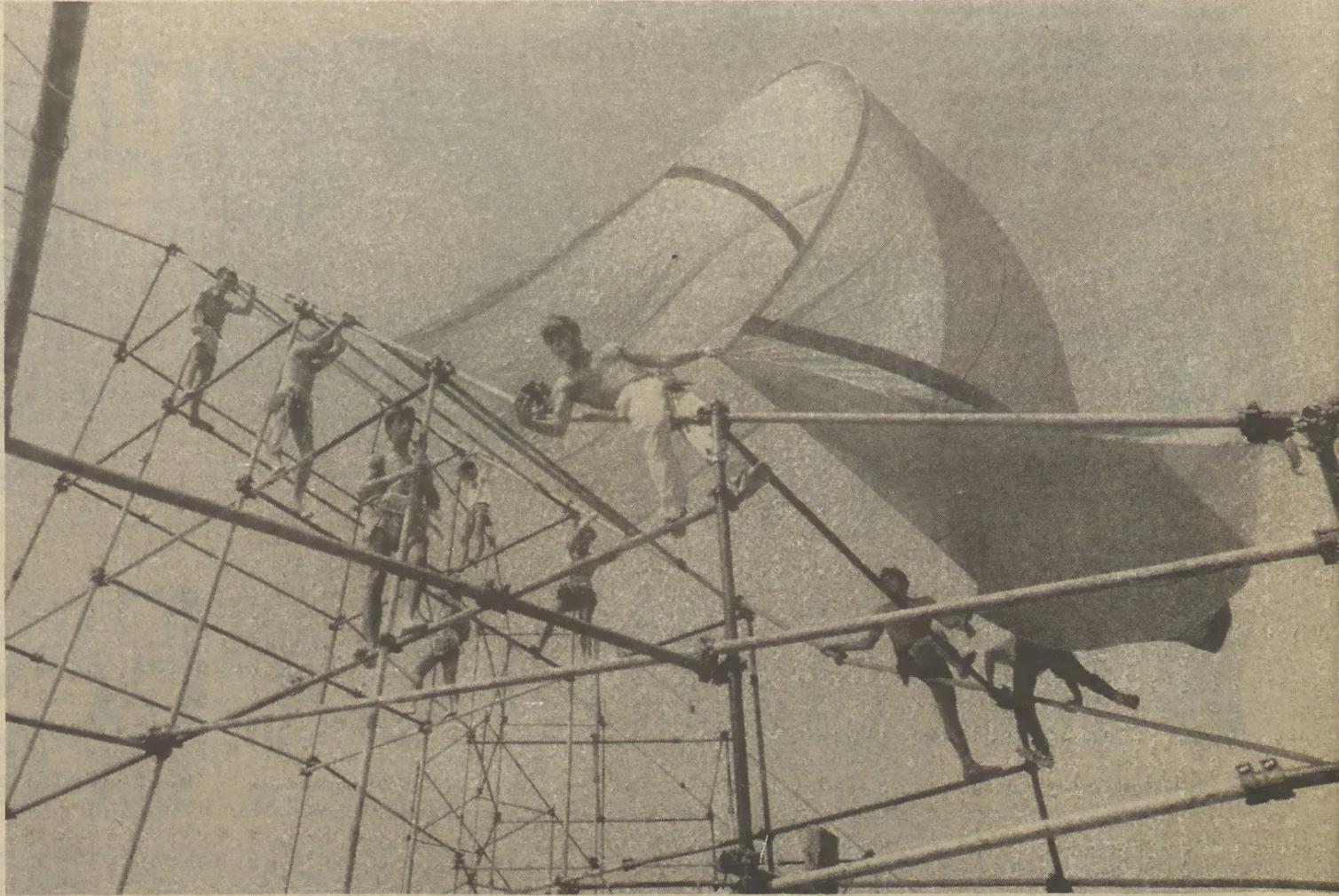
Aí as crianças poderão escolher entre os ateliers de máscaras e de pintura (9 e 10 de Setembro, das 10 às 18 h), os jogos de computador (dia 8, das 19 às 21 h e 9 e 10, das 10 às 21 h), ou o «microfone aberto» onde quem quiser pode ser artista.

No palco, haverá circo, marionetas, canções, teatro e pantomina e em seu redor estará instalado um parque infantil, um carrossel e a «Rádio Girassol». Serão também exibidos filmes em ecrã gigante.

O 30.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança serão evocados numa exposição patente no local e materiais dos Pioneiros estarão à venda numa banca. Existem muitas surpresas no «sai-sempre» da Cidade dos Pioneiros e uns hamburguers apetitosos no bar da zona.

Centenas de camaradas estiveram no passado fim-de-semana na antiga Quinta do Infantado. Vieram de diversas regiões do País e proporcionaram com o seu trabalho mais um avanço significativo nas tarefas de implantação e decoração da Festa/89

Uma festa de vento em popa, ou a imagem do esforço colectivo para erguer o maior acontecimento político-cultural do País. Nesta ponta final, os últimos apelos à colaboração nas jornadas de trabalho, especialmente aos regressados das férias



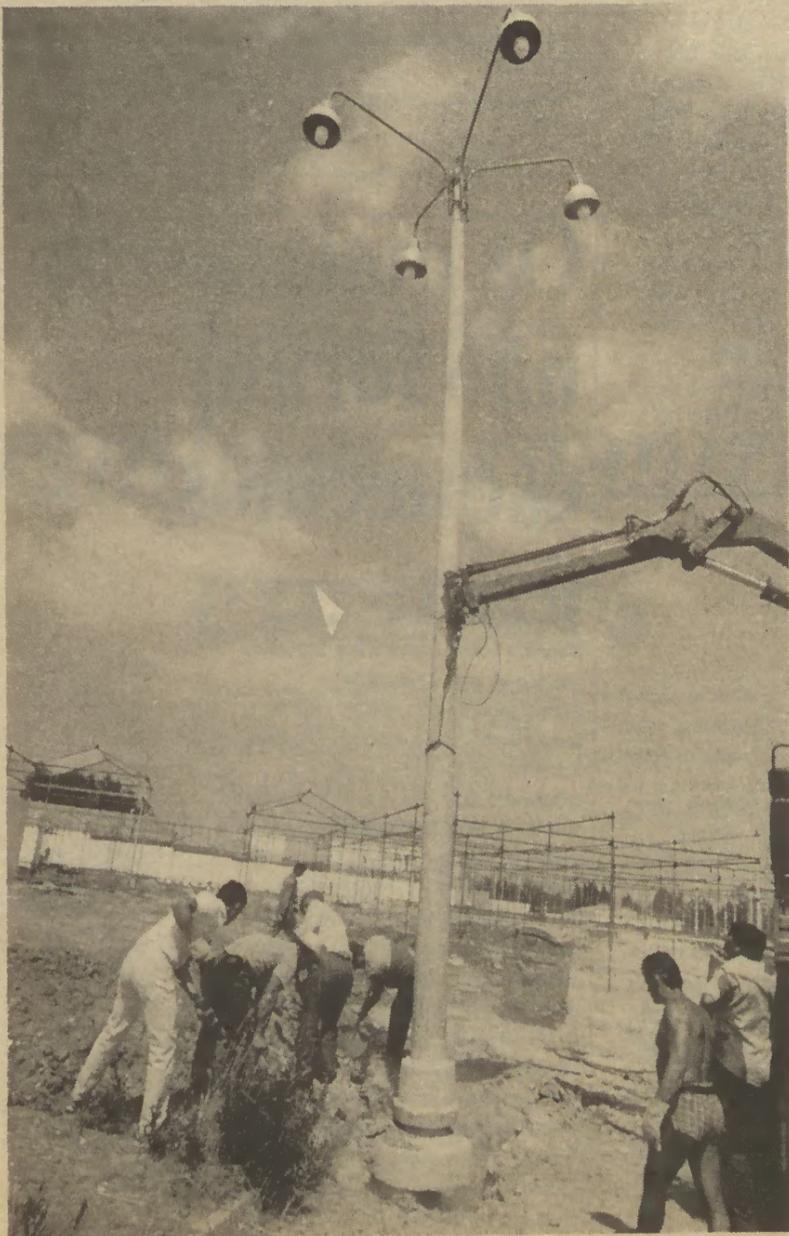
# Implantação

## Um esforço na ponta final

A Festa tem também a sua parte nocturna. Para as três noites da Festa há que garantir a luz necessária - dentro e fora do recinto. Também nesta área as coisas avançam no Infantado



José Vitoriano, da Comissão Central de Controlo e Quadros do PCP, ex-vice-presidente da Assembleia da República apanhado em flagrante no terreno da Festa do «Avante!»



Os painéis ganham cor e vida. A Festa cresce. Nos andaimes e fora deles, de rolo em

punho, os pintores - oriundos das mais diversas profissões e de diferentes escalões

etários - embelezam com carinho a Festa que abraça o País no segundo fim-se-semana

de Setembro. Amigo leitor: passe pelo Infantado e dê uma ajuda!